

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Luciene de Macedo Gomes Viana

**GATILHOS DE PROBLEMA E SEUS EFEITOS NA
INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DE LIBRAS PARA PORTUGUÊS:
UM ESTUDO SOBRE INFORMAÇÕES NUMÉRICAS E
DATILOLÓGICAS**

Belo Horizonte
2022

Luciene de Macedo Gomes Viana

**GATILHOS DE PROBLEMA E SEUS EFEITOS NA
INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DE LIBRAS PARA PORTUGUÊS:
UM ESTUDO SOBRE INFORMAÇÕES NUMÉRICAS E
DATILOLÓGICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada
Linha de pesquisa: Estudos da Tradução
Orientador: Prof. Dr. Guilherme Lourenço

Belo Horizonte
2022

V614g

Viana, Luciene de Macedo Gomes.

Gatilhos de problema e seus efeitos na interpretação simultânea de Libras para português [manuscrito] : um estudo sobre informações numéricas e datilológicas / Luciene de Macedo Gomes Viana. – 2022.

1 recurso online (132 f. : il., grafs., color.) : pdf.

Orientador: Guilherme Lourenço.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Estudos da Tradução.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 113-120.

Anexos: f. 121-132.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Tradução e interpretação – Teses. 2. Tradução simultânea – Teses. 3. Língua brasileira de sinais – Teses. I. Lourenço, Guilherme. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418.02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Gatilhos de problema e seus efeitos na interpretação simultânea de Libras para português: um estudo sobre informações numéricas e da lológicas

LUCIENE DE MACEDO GOMES VIANA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Estudos da Tradução.

Aprovada em 22 de agosto de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Guilherme Lourenço de Souza - Orientador

UFMG

Prof(a). Marcelo Wagner de Lima e Souza

UFMG

Prof(a). Diego Mauricio Barbosa

UFG

Belo Horizonte, 22 de agosto de 2022.

 Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Lourenco de Souza, Professor do Magistério Superior**, em 23/08/2022, às 14:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do

 [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)

Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Wagner de Lima e Souza, Tradutor Interprete de Linguagem Sinais**, em 23/08/2022, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 1

 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)

 Documento assinado eletronicamente por **Diego Mauricio Barbosa, Usuário Externo**, em 23/08/2022, às 17:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o Assinatura código verificador **1620889** e o código CRC **471EB1D7**.

QRCode

Referência: Processo nº 23072.243540/2022-51 SEI nº 1620889

26/08/2022

14:00

[https://mail-](https://mail-attachment.googleusercontent.com/attachment/u/0/?ui=2&ik=3837414353&attid=0.1&permmsgid=msg-f:1742230226400159485&th=...)

[attachment.googleusercontent.com/attachment/u/0/?ui=2&ik=3837414353&attid=0.1&permmsgid=msg-f:1742230226400159485&th=...](https://mail-attachment.googleusercontent.com/attachment/u/0/?ui=2&ik=3837414353&attid=0.1&permmsgid=msg-f:1742230226400159485&th=...)

[https://mail-](https://mail-attachment.googleusercontent.com/attachment/u/0/?ui=2&ik=3837414353&attid=0.1&permmsgid=msg-f:1742230226400159485&th=...)

[attachment.googleusercontent.com/attachment/u/0/?ui=2&ik=3837414353&attid=0.1&permmsgid=msg-f:1742230226400159485&th=...](https://mail-attachment.googleusercontent.com/attachment/u/0/?ui=2&ik=3837414353&attid=0.1&permmsgid=msg-f:1742230226400159485&th=...)

[https://mail-](https://mail-attachment.googleusercontent.com/attachment/u/0/?ui=2&ik=3837414353&attid=0.1&permmsgid=msg-f:1742230226400159485&th=...)

[attachment.googleusercontent.com/attachment/u/0/?ui=2&ik=3837414353&attid=0.1&permmsgid=msg-f:1742230226400159485&th=...](https://mail-attachment.googleusercontent.com/attachment/u/0/?ui=2&ik=3837414353&attid=0.1&permmsgid=msg-f:1742230226400159485&th=...) 2/2

À comunidade surda e aos tradutores e intérpretes de línguas de sinais que com seus conhecimentos linguísticos, culturais, extralinguísticos, técnico-científico buscam oferecer um trabalho de qualidade para às pessoas surdas e ouvintes que fazem uso desse serviço.

Àqueles que de modo espontâneo se apaixonaram pela Libras, aprenderam a conversar com os surdos, formaram-se e se tornaram intérpretes de Libras.

O principal desafio cognitivo da interpretação simultânea é justamente a alta pressão sobre os recursos mentais do intérprete decorrente do fato de que ele deve compreender um discurso e produzir outro ao mesmo tempo na velocidade imposta pelo orador. (GILE, 2009)

Agradecimentos

Agradeço ao meu Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, pois em sua Palavra encontrei “pastos verdejantes e águas tranquilas” quando pensava nos textos para fazer leitura, refletir e escrever. Agradeço ao meu esposo Isaías, ao meu filho João Pedro e à minha filha Ana Luísa, que em todo momento em que trilhei a jornada do mestrado, foram “Incríveis” em suas habilidades “heroicas” a meu e a nosso favor. Amo vocês “daqui até Deus, indo e voltando, infinitas vezes”. Agradeço ao meu amado papai José Matias por sempre me ouvir e dizer, vai dar certo. Agradeço à minha amada mamãe Hilda por suas orações e por sempre ter estado pronta para estender suas mãos e me ajudar no que era preciso. Agradeço aos meus familiares que de perto ou de longe me apoiaram e compreenderam minha ausência, em especial agradeço à minha irmã Roberta por sorrir quando eu compartilhava do mestrado. Agradeço também, à minha amiga Cristina Norton que sempre torceu por mim. Saudade de passar o tempo com vocês! Agradeço ao Wharley que estava presente lá na escrita do pré-projeto. Agradeço ao Núcleo de Acessibilidade e Inclusão – NAI da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, onde sou servidora e atuo como tradutora e intérprete de Libras/Português, por conceder o meu afastamento, de modo que me dedicasse exclusivamente à pesquisa, o que contribuiu significativamente aos meus estudos e ao meu trabalho na instituição. Desejo e entendo que ações como essa, de afastamento, são importantes e que se repitam cada vez mais na instituição, aos servidores que vislumbram realizar essa “travessia”. Agradeço a todos os colegas e amigos do NAI que torceram por mim. Não posso deixar de agradecer em especial aos colegas tradutores e intérpretes que atuam, contribuindo com a acessibilidade e inclusão nesta casa. Agradeço à colega de mestrado Jaqueline, que me acolheu no momento em que me sentia “perdidinha”. Não vou esquecer a sua atitude. Também agradeço à minha colega de curso e de profissão Tamires, nossas conversas me

deixavam mais leve. Agradeço aos colegas das disciplinas que cursei, aos colegas do *WathsApp* que compartilhavam dicas necessárias. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - PosLin da Fale/UFMG que com os seus professores Guilherme Lourenço, Vera Menezes, Célia Magalhães, Helcira Lima, os professores José Luiz Gonçalves (UFOP), Igor Lourenço (UFU), Carlos Rodrigues (UFSC), Norma Fonseca (UFMG) e demais professores convidados que com dedicação compartilharam seus conhecimentos, enriquecendo a minha formação acadêmica e profissional. Agradeço também a disponibilidade e contribuições dos professores que participaram da banca: Diego Barbosa (UFG), Marcelo Souza (UFMG) e Anderson Silva (UFPI). Registro também meus agradecimentos aos intérpretes que atuaram na sessão de defesa desta dissertação: Joe Costa e Bruno Santos. Por fim, agradeço ao meu orientador, professor Guilherme Lourenço, que me introduziu ao universo da pesquisa em interpretação com suas brilhantes explicações, discussões e orientações. Seu conhecimento e destreza trouxeram contribuições importantes em todo o processo da nossa pesquisa. Finalizo este momento com tranquilidade e com a certeza de que os conhecimentos adquiridos impactarão de forma responsiva minha ação de ser intérprete.

Resumo

Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras) lidam diariamente com a tarefa de reformular mensagens entre uma língua oral e uma língua de sinais. Essa tarefa de interpretação ocorre, na maioria das vezes, de modo simultâneo, de forma que o intérprete precisa compreender a mensagem na língua de partida a partir de uma única exibição (seja ela auditiva ou visual), armazenar e produzi-la na língua de chegada em um curto período de tempo. Além das características comuns a uma tarefa de interpretação simultânea, o intérprete de Libras se depara também com o desafio particular de interpretar entre línguas de modalidades diferentes. A interpretação simultânea entre línguas de modalidades diferentes, também conhecida como interpretação intermodal, tem sido objeto de estudo de diferentes investigações que tratam, dentre outros temas, das questões que envolvem os efeitos da modalidade das línguas na tarefa de interpretação simultânea. Adicionalmente, tem-se discutido questões relacionadas à direcionalidade da tarefa. Em outras palavras, investigam-se quais os efeitos de se interpretar da língua oral para a língua de sinais – interpretação-sinalizada – e de se interpretar da língua de sinais para a língua oral – interpretação-voz. Apesar de haver trabalhos que discutem a tarefa de interpretação-voz, esta é consideravelmente menos investigada do que a interpretação-sinalizada. É justamente essa direção de interpretação que tomamos como objeto de estudo desta investigação. Apropriando-nos do conceito de gatilhos de problema na interpretação simultânea (GILE, 2009, 2011), investigamos esse fenômeno em tarefas de interpretação(-voz) simultânea Libras-para-português. Mais especificamente, discutimos como informações numéricas e a datilologia podem ser gatilhos de problema nessa direção e ter efeitos negativos na entrega da interpretação. Para isso, recorremos a interpretações produzidas por profissionais intérpretes. A partir desses dados, constatamos a presença de erros e omissões no produto das interpretações e também identificamos pausas e prolongamentos na mensagem produzida. Esses achados contribuem para uma melhor compreensão das dificuldades enfrentadas pelos intérpretes de Libras em tarefas de interpretação-voz.

Palavras-Chave: Interpretação simultânea. Interpretação de língua de sinais. Interpretação-voz. Gatilhos de problema.

Abstract

Brazilian Sign Language (Libras) interpreters deal daily with the task to reformulate messages between a spoken and a signed language. This interpreting task is, most of the time, simultaneous; in such a way that the interpreter needs to comprehend the message in the source language and, based on this single exhibition (whether visual or auditory), storage and produce this message in the target language – during a short period of time. Libras interpreters also face the challenge to interpret between languages that are in different modalities. Simultaneous interpreting between languages in different modalities, also known as cross-modal or intermodal interpreting, has been investigated by different researchers who are interested in the effects of the modality in the interpreting task. To put it differently, these works aim to discuss the effects of whether the interpreter is working from the spoken language into the signed language – signed interpreting – or whether the task is from the signed language into the spoken language – voice interpreting. Although there are some works on voice-interpreting, this direction is considerably less investigated than signed interpreting. Therefore, this is the direction we investigate in this dissertation. Assuming the concept of problem triggers in simultaneous interpreting (GILE, 2009, 2011), we discuss how they impact voice-interpreting from Libras to Portuguese. More specifically, we investigate how numbers and numerical information and also fingerspelling can be problem triggers and have negative effects in the interpreter's delivery. In order to do that, we analyze interpretations given by professional interpreters. From this piece of data, we identified errors and omissions in the interpretations and also pauses and lengthening in the delivered message. These findings contribute to a better understanding of the problems Libras interpreters face when voice-interpreting.

Keywords: Simultaneous interpretation. Sign language interpretation. Voice interpreting. Problem triggers.

Lista de figuras

Figura 1. Datilologia CODIGO extraída de um dos vídeos utilizado neste estudo.....	57
Figura 2. Informação numérica 1964 extraída de um dos vídeos utilizados neste estudo.	59
Figura 3. Vídeo “Ditadura Militar” transcrito no ELAN.	65
Figura 4. Vídeo “Imposto de Renda” transcrito no ELAN.	66
Figura 5. Visualizador de forma de onda de áudio no ELAN.	70
Figura 6. Sinais referentes aos numerais 8 e 0 em Libras.	83
Figura 7. Sinais referentes aos numerais 6 e 9 em Libras.	83
Figura 8. Sinalização do Vídeo 1: “1964 PERIODO-ATÉ 1985”	85
Figura 8. Sinalização do Vídeo 1: “1964 PERIODO-ATÉ 1985 PERIODO 21 ANO” ..	85
Figura 10. Lettering contendo a informação “30 de abril de 2013”	93

Lista de quadros, gráficos e tabelas

Quadro 1. Sistema de Transcrição de Jefferson.....	69
Quadro 2. Principais símbolos utilizados na transcrição das interpretações.	69
Quadro 3. Exemplo de transcrição de interpretação do Vídeo “Ditadura Militar”. ...	70
Quadro 4. Exemplo de transcrição de interpretação do Vídeo “Imposto de Renda”. ..	71
Quadro 5. Ocorrências de informações numéricas e de datilologia analisadas no Vídeo 1 – “Ditadura Militar”	76
Quadro 6. Ocorrências de informações numéricas e de datilologia analisadas no Vídeo 2 – “Imposto de Renda”	76
--	
Gráfico 1. Interpretações equivalentes, erros e omissões das ocorrências de datilologia presentes no Vídeo 1 – “Ditadura Militar”	77
Gráfico 2. Interpretações equivalentes, erros e omissões das ocorrências de datilologia presentes no Vídeo 2 – “Imposto de Renda”	80
Gráfico 3. Interpretações das ocorrências de informações numéricas presentes no Vídeo 1.	82
Gráfico 4. Produções equivalente, erros e omissões de informações numéricas presentes em uma mesma sentença – 1ª ocorrência.....	86
Gráfico 5. Produções equivalente, erros e omissões de informações numéricas presentes em uma mesma sentença – 2ª ocorrência.....	87
Gráfico 6. Interpretações das ocorrências de informações numéricas presentes no Vídeo 2.	87
Gráfico 7. Pausas e prolongamentos presentes nas interpretações das ocorrências de informações datilológicas do Vídeo 1.....	91
Gráfico 8. Pausas e prolongamentos presentes nas interpretações das ocorrências de informações datilológicas do Vídeo 2.....	92
Gráfico 9. Distribuição das pausas nas interpretações das ocorrências de informações datilológicas do Vídeo 1.....	94

Gráfico 10. Distribuição das pausas nas interpretações das ocorrências de informações datilológicas do Vídeo 2.....	95
Gráfico 11. Distribuição dos prolongamentos nas interpretações das ocorrências de informações datilológicas do Vídeo 1.....	96
Gráfico 12. Distribuição dos prolongamentos nas interpretações das ocorrências de informações datilológicas do Vídeo 2.....	97
Gráfico 13. Gráfico com distribuição das amostras por postos - Teste de Friedman para a distribuição das pausas na interpretação de informações datilológicas.....	99
Gráfico 14. Gráfico com distribuição das amostras por postos - Teste de Friedman para a distribuição dos prolongamentos na interpretação de informações datilológicas.....	100
Gráfico 13. Pausas e prolongamentos presentes nas interpretações das ocorrências de informações numéricas do Vídeo 1 – sem exclusão.....	101
Gráfico 14. Pausas e prolongamentos presentes nas interpretações das ocorrências de informações numéricas do Vídeo 2 – sem exclusão.....	102
Gráfico 15. Pausas e prolongamentos presentes nas interpretações das ocorrências de informações numéricas do Vídeo 1 – após exclusão.....	103
Gráfico 16. Pausas e prolongamentos presentes nas interpretações das ocorrências de informações numéricas do Vídeo 2 – após exclusão.....	103
Gráfico 17. Distribuição das pausas nas interpretações das ocorrências de informações numéricas nos Vídeos 1 e 2.....	105
Gráfico 18. Distribuição dos prolongamentos nas interpretações das ocorrências de informações numéricas dos Vídeos 1 e 2.....	106
--	
Tabela 1. Velocidade da datilologia no Vídeo 1.....	80
Tabela 2. Velocidade da datilologia no Vídeo 2.....	81
Tabela 3. Teste de Friedman da distribuição das pausas na produção das informações datilológicas.....	98
Tabela 4. Teste de Friedman da distribuição dos prolongamentos na produção das informações datilológicas.....	100

Sumário

Agradecimentos	8
Resumo	10
Abstract	11
Lista de figuras	12
Capítulo 1:	17
Introdução	17
1.1 Justificativa	18
1.2 Objetivos	19
1.3 Hipótese	20
1.4 Estrutura da dissertação.....	21
Capítulo 2:	22
Interpretação simultânea e os gatilhos de problema.....	22
2.1 A tarefa de interpretação simultânea enquanto atividade cognitiva.....	27
2.2 Os gatilhos de problema na interpretação simultânea.....	33
2.3 Resumo do capítulo.....	40
Capítulo 3:	42
Interpretação simultânea Libras-português.....	42
3.1 Pesquisas sobre interpretação-voz de Libras e de outras línguas de sinais.....	44
3.2 Informações numéricas e datilologia na interpretação libras-português.....	57
3.3 Resumo do capítulo.....	59
Capítulo 4:	62
Metodologia.....	62
4.1 Origem dos dados	62
4.2 Material.....	63

4.3 Transcrição dos dados.....	65
4.4 Categorias de análise	71
<p>Nossa análise dos dados se constitui de duas etapas. A primeira delas tratou de identificar se as informações numéricas e datilológicas estavam presentes na interpretação-voz produzida pelos intérpretes. Assim, buscávamos identificar se nossa hipótese inicial de que números e datilologias constituem gatilhos de problema e que a presença desses gatilhos no texto de partida pode resultar em efeitos negativos na produção do texto de chegada, tais como erros, omissões e/ou infelicidades.....</p>	
.....	71
Capítulo 5:	75
Análise e discussão dos dados	75
5.1 Trechos de interesse	75
5.2 Análise das produções equivalentes, erros e omissões – datilologia.....	76
5.3 Análise das produções equivalentes, erros e omissões – informações numéricas	82
.....	
5.4 Categorias de análise das pausas e prolongamentos.....	88
5.5 Resultados das pausas e prolongamentos – datilologia.....	90
5.6 Resultados das pausas e prolongamentos – informações numéricas	100
5.7 Resumo do capítulo.....	108
Capítulo 6:	109
Considerações Finais	109
Referências.....	113
Anexo 1	121
Anexo 2.....	125
Anexo 3.....	129
Anexo 4.....	131

Capítulo 1: Introdução

Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras) lidam diariamente com a tarefa de reformular mensagens entre uma língua oral e uma língua de sinais. Essa tarefa de interpretação ocorre, na maioria das vezes, de modo simultâneo, de forma que o intérprete precisa compreender a mensagem na língua de partida a partir de uma única exibição (seja ela auditiva ou visual), armazenar e produzi-la na língua de chegada em um curto período de tempo (GILE, 2009). Além das características comuns a uma tarefa de interpretação simultânea, o intérprete de Libras se depara também com o desafio particular de interpretar entre línguas de modalidades diferentes. Enquanto a língua oral – o português, por exemplo – é uma língua de modalidade oral-auditiva, a Libras é uma língua de sinais e, portanto, de modalidade gestual-visual. Línguas oral-auditivas são línguas produzidas pela articulação oral e percebidas pela audição. Já línguas gestual-visuais são produzidas por movimentos corporais, principalmente das mãos, e percebidas pela visão. Além disso, línguas orais “fazem uso de um sistema linear de encadeamento de informações no fluxo de fala”, enquanto que línguas sinalizadas utilizam-se do “espaço de sinalização e de movimentos com as mãos e com o corpo para veicular informações de maneira quadridimensional”

(LOURENÇO, 2015). A interpretação simultânea entre línguas de modalidades diferentes, também conhecida como interpretação intermodal, tem sido objeto de estudo de diferentes investigações que tratam, dentre outros temas, das questões que envolvem os efeitos da modalidade das línguas na tarefa de interpretação simultânea (JANZEN, 2005; LOURENÇO, 2015; METZGER; QUADROS, 2012; RODRIGUES, 2012). Adicionalmente, tem-se discutido questões relacionadas à direcionalidade da tarefa. Em outras palavras, investigam-se quais os efeitos de se interpretar da língua oral para a língua de sinais – **interpretação-sinalizada** – e de se interpretar da língua de sinais para a língua oral – **interpretação-voz** (BOGAERDE, 2010; DIJK; BOERS, 2011; LOURENÇO, 2018; NICODEMUS; EMMOREY, 2013, 2015). Apesar de haver trabalhos que discutem a tarefa de interpretação-voz, esta é consideravelmente menos investigada do que a interpretação-sinalizada. É justamente essa direção de interpretação que tomamos como objeto de estudo desta investigação.

Apropriando-nos do conceito de **gatilhos de problema na interpretação simultânea** (GILE, 2009, 2011), propomos investigar esse fenômeno em tarefas de interpretação(-voz) simultânea Libras-para-português. Mais especificamente, discutiremos como informações numéricas e a datilologia podem ser gatilhos de problema nessa direção e ter efeitos negativos na entrega da interpretação. Para isso, recorreremos a interpretações produzidas por profissionais intérpretes. A partir desses dados, analisaremos a presença de erros e omissões nesses produtos, de modo a verificar os efeitos desses elementos de língua na tarefa de interpretação simultânea.

1.1 Justificativa

Nos últimos anos, temos vivenciado um aumento da demanda por serviços de interpretação Libras-português em diversos setores da sociedade. Esse aumento advém, principalmente, da inserção crescente dos surdos nos diversos espaços da

sociedade, associado a instrumentos legais¹ que garantem o direito das pessoas surdas ao acesso à comunicação e à informação diretamente em Libras. Assim, é crescente a presença do intérprete de Libras em locais públicos, espaços educacionais, serviços de assistência à saúde, mídias, entre outros.

Se tomarmos os contextos educacionais, por exemplo, observamos ainda uma mudança importante de posição discursiva das pessoas surdas. Os intérpretes que atuam nas universidades e nas instituições de ensino superior têm cada vez mais sido solicitados a atuar na direção Libras-português, já que não só alunos surdos, mas também professores surdos têm se tornado participantes desses espaços. Lourenço e Ferreira (2019) apontam que

Esses professores Surdos, ao alcançar novos níveis de formação e também ao vivenciar as rotinas do trabalho na universidade, acabam se apropriando de novos discursos próprios do contexto acadêmico e da pesquisa científica, além de novas posições discursivas, ministrando aulas na graduação e na pós-graduação, proferindo palestras, participando de bancas de defesas de mestrado e doutorado, entre outros.

Essa crescente atuação de intérpretes na direção Libras-português aumenta também a necessidade de investigarmos aspectos dessa tarefa que podem não só contribuir para o trabalho desses profissionais, mas também ter impacto nas iniciativas de formação de novos intérpretes. Além disso, esperamos contribuir para as discussões correntes na área dos Estudos da Interpretação, em especial, para aqueles que discutem a interpretação de línguas sinalizadas.

1.2 Objetivos

¹¹ BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002; BRASIL. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005; BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015; BRASIL. Decreto 9.656, de dezembro de 2018. ([HTTPS://WWW.PLANALTO.GOV.BR/](https://www.planalto.gov.br/), [s.d.]

O objetivo desta pesquisa é o de investigarmos a presença de gatilhos de problema em textos sinalizados, a partir das categorias de problemas descritas na literatura (GILE, 2009, 2018) e seus efeitos em tarefas de interpretação-voz Libras-português.

Os objetivos específicos são:

- i) Investigar se os gatilhos de problema tradicionalmente descritos por Gile (2009, 2018) para a interpretação entre línguas orais são aplicáveis também em análises de tarefas de interpretação entre uma língua de sinais e uma língua oral;
- ii) Verificar, na produção de tarefas de interpretação-voz, se os gatilhos de problema identificados no texto de partida resultam em algum efeito negativo no texto produzido pelo intérprete.
- iii) Verificar se a presença de gatilhos de problema pode resultar em pausas e prolongamentos na produção do intérprete.

1.3 Hipótese

Partimos da hipótese de que os gatilhos de problema identificados em tarefas de interpretação entre línguas orais também serão observados nas tarefas de interpretação-voz investigadas. Além disso, há de se considerar que a presença de gatilhos de problema no texto de partida possa resultar em efeitos negativos na produção do texto de chegada, tais como erros, omissões e/ou infelicidades (GILE, 2011) e também em pausas e prolongamentos na produção do intérprete.

1.4 Estrutura da dissertação

Esta da dissertação está organizada em seis capítulos. O Capítulo 1, aberto por esta introdução, apresentou a justificativa da pesquisa, os objetivos e a hipótese de nossa investigação. O Capítulo 2, apresenta de forma sucinta os conceitos de interpretação e de interpretação simultânea, relacionando-os a uma atividade cognitiva. Além disso, define o conceito de gatilhos de problema, classifica os tipos de gatilhos de problema e discorre sobre pesquisas que investigaram gatilhos de problema oriundos de nomes próprios e números. O Capítulo 3 contém um levantamento de pesquisas que discutem a direcionalidade na interpretação de línguas de sinais e trata da interpretação-voz Libras-português. O capítulo discute ainda as informações numéricas e datilológicas e seus possíveis efeito em uma tarefa de interpretação simultânea da Libras para o português. O Capítulo 4 apresenta a metodologia da pesquisa e o Capítulo 5 traz a análise e a discussão dos dados, analisando as produções equivalentes, os erros e as omissões produzidas pelos intérpretes nos textos de chegada, ao se depararem com as datilologias e as informações numéricas produzidas na sinalização dos textos de partida. Analisa também as pausas e prolongamentos produzidos pelos intérpretes. Por fim, no Capítulo 6, são apresentadas as considerações finais deste trabalho.

Capítulo 2: Interpretação simultânea e os gatilhos de problema

A interpretação pode ser considerada um fenômeno de reformulação interlingual (GARCÍA; MIKULAN; IBÁNEZ, 2016). Considera-se como reformulação interlingual quando uma mensagem produzida em uma determinada língua é reformulada para um outro idioma. No caso das tarefas de interpretação, essa reformulação é realizada pelo profissional intérprete, resultando em um contexto de comunicação interlingual. O ato interpretativo está sempre situado em uma interação comunicativa que envolve pessoas de línguas e culturas diferentes (JONES, 2002; PÖCHHACKER, 2004) em diversos tipos de contextos de interação social² como em instituições de ensino, repartições públicas e privadas, reuniões empresariais, conferências e em outros espaços institucionais da sociedade. Sendo que esses contextos de interação social podem ser desenhados como cenários intrassocial ou

²Contexto social de interação é o cenário que a tarefa de interpretação é realizada. (PÖCHHACKER, 2004, p. 13)

intersocial.³ Outros conceitos relevantes para a definição e a caracterização da interpretação são a direção em que a tarefa é realizada e o modo como ela se operacionaliza. A direção diz respeito à qual língua é tomada como ponto de partida pelo intérprete e qual língua é produzida por ele em seu texto de chegada, podendo a interpretação ser somente, ou principalmente, em uma única direção (unidirecional) ou ainda em ambas as direções (bidirecional). Já o modo da interpretação diz respeito à tarefa ser realizada simultaneamente ou consecutivamente. Retomaremos essa discussão ao longo do texto.

Encontra-se ainda na literatura tentativas de se descrever a tarefa de interpretação a partir dos processos, principalmente mentais, desempenhados pelo intérprete. Herbert (1952, p. 10), ao analisar os processos da interpretação identificou três operações inerentes ao ato interpretativo e que são executadas pelo intérprete, a saber: compreensão, transferência e produção da fala. O autor argumenta que cada uma dessas operações é distinta e executada em um curto período de tempo. Herbert (1952) partir dessas operações, levanta hipóteses sobre o que o intérprete precisa fazer e quais habilidades ele precisa ter na tarefa. A compreensão prediz que o intérprete deverá ter um bom nível de audição, conhecimento do idioma, ter familiaridade como sotaque e o nível de linguagem utilizada pelo orador, ter conhecimento cultural do tema e uma formação que o permita transitar por diversos assuntos. Já o processo de transferência corresponde ao momento em que o intérprete constrói o que será entregue para a audiência. É nesse momento que o intérprete lida com diferentes aspectos da mensagem, como os provérbios, as metáforas, as alusões, o sentido ambíguo, as piadas, os trocadilhos, os erros, as interrupções e as leituras proferidas pelo orador. E por fim, a produção da fala corresponde propriamente à entrega da mensagem na outra língua. O intérprete ao efetuar a fala deverá ter uma elocução que seja agradável para a audiência, ser um bom orador, ter uma boa impostação de voz,

³Intrassocial (interpretação comunitária) é quando a interpretação ocorre em um espaço de uma mesma sociedade bi/multilíngue. Intersocial (interpretação internacional) é quanto a interpretação ocorre entre sociedades diferentes e línguas diferentes. (PÖCHHACKER, 2004, p. 15)

saber usar a entonação correta, adequar-se à(s) pessoa(s) do discurso e se aproximar do sotaque da língua para a qual a mensagem é entregue (HERBERT, 1952).

Ainda tentando conceituar a interpretação, retomamos Kade (1968, apud PRUNC, 2002, p. 9-10) que identifica algumas características dessa tarefa e propõe o critério de exibição única, também conhecido como Critério de Kade, como sendo o elemento principal que define a interpretação (especialmente em oposição à tradução escrita). Kade (1968) aponta que o intérprete executa os três processos operacionais descritos por Hebert (1952) sob a pressão do tempo e que os enunciados, emitidos pelo orador, são produzidos uma única vez. Além disso, o intérprete também produz sua mensagem reformulada uma única vez, não sendo possível realizar correções na mensagem que já foi emitida. Em suma, o Critério de Kade assume que:

- i) a mensagem proferida pelo orador é apresentada apenas uma vez e não pode ser revista pelo intérprete;
- ii) a compreensão da mensagem se dá sob pressão de tempo;
- iii) a interpretação da mensagem é produzida sob pressão de tempo;
- iv) a mensagem interpretada é produzida uma única vez e não pode ser corrigida ou reformulada.

Ainda nas palavras de Kade (1968), a interpretação parte “de um texto na língua de partida que é apresentado uma única vez (normalmente oralmente)” e resulta em “um texto na língua de chegada que só pode ser verificado de forma limitada e, por falta de tempo, dificilmente pode ser corrigido”.⁴

Pöchhacker (2004, p. 10) assumindo o Critério de Kade, complementa sobre a tarefa de interpretação:

⁴ “(...) eines einmalig (in der Regel mündlich) dargebotenen Textes der Ausgangssprache” ... “in einen nur bedingt kontrollierbaren und infolge Zeitmangels kaum korrigierbaren Text der Zielsprache”. (KADE, 1968, p. 35).

[...] a interpretação pode ser distinguida de outros tipos de atividade tradutória de forma mais sucinta por seu imediatismo (*immediacy*): em princípio, a interpretação é realizada 'aqui e agora' para o benefício de pessoas que querem se comunicar sem barreiras da língua e da cultura.⁵ (PÖCHHACKER, 2004)

Desde as primeiras descrições teóricas sobre a interpretação, tem-se assumido que esta é uma tarefa complexa e que envolve diferentes processos mentais que vão além da simples reprodução de itens lexicais em um outro idioma. Salevsky (1993) explica que

(...) interpretar não é meramente uma questão de reprodução e que a realização comunicativa do texto-alvo é apenas o elo final de uma cadeia de operações mentais envolvendo uma variedade de interações dentre elas a análise para reconhecimento e atribuição de sentido, planejamento, estabelecimento de comparações, considerações de probabilidade e formação de hipóteses envolvendo procedimentos de exame para objetivos e meios alternativos, técnicas de resolução de problemas e tomada de decisão, feedback e mecanismos de controle e avaliação.⁶ (SALEVSKY, 1993, p. 149)

Vale observar que Salevsky (1993, p. 153) também toma a singularidade temporal dos eventos de compreensão e de produção como características da interpretação.

Distinção importante precisa ser feita entre os dois principais modos de interpretação: a interpretação consecutiva e a interpretação simultânea. Salevsky (1993, p. 153) define a interpretação consecutiva como sendo caracterizada pela apresentação do texto fonte em segmentos, determinados pelo orador, seguida pela interrupção da apresentação do texto fonte para que haja a produção e/ou a realização

⁵[...] *interpreting can be distinguished from other types of translational activity most succinctly by its immediacy: in principle, interpreting is performed 'here and now' for the benefit of people who want to engage in communication across barriers of language and culture.*

⁶[...] *interpreting is not merely a matter of reproduction and that the communicative realization of the target text is only the final link in a chain of mental operations involving a variety of interactions between analysis as recognition and sense attribution, planning, drawing comparisons, probability considerations and the formation of hypotheses involving examination procedures for alternative objectives and means, problem-solving and decision-making techniques, feedback, and mechanisms for control and evaluation.*

do segmento textual na língua/cultura alvo pelo intérprete. Já a principal característica da interpretação simultânea é a apresentação contínua do texto fonte, sem que haja interrupções para a realização da interpretação. Além disso, a tarefa de interpretação simultânea impõe restrições temporais extremas ao trabalho do intérprete.

A simultaneidade em tarefas de interpretação simultânea pode ser discutida e entendida a partir da necessidade de o intérprete receber a mensagem em uma determinada língua e entregar a mensagem reformulada na língua de chegada quase que ao mesmo tempo, ou seja, a recepção e a entrega (“ouvir e “falar”) da mensagem são operadas pelo intérprete por um intervalo mínimo de diferença em relação ao percurso que vai da recepção da língua-alvo até a produção da língua-fonte. Além disso, a interpretação simultânea pode ser vista pelas diversas tarefas mentais (compreensão, transferência e entrega) que são desempenhadas simultaneamente.

Seeber (2012, p. 185) esclarece, porém, que a interpretação simultânea “não implica na simultaneidade da compreensão e produção de um mesmo constituinte da sentença, mas na sobreposição temporal geral da compreensão e da produção linguística”. Jones (2002, p. 70) compara a habilidade do intérprete na interpretação simultânea, ao dividir o seu foco atencional em cada uma das operações de entrada e saída das duas línguas, a aprender a tocar piano, em que “O pianista tem que aprender a tocar com a mão direita, depois com a mão esquerda, e depois aprender a coordenar ambas as mãos, (...) da mesma forma que o intérprete aprende a ouvir e ‘ver’ dois discursos ao mesmo tempo”.⁷

É justamente pela complexidade das tarefas mentais envolvidas na interpretação que esta tem sido analisada enquanto atividade cognitiva complexa, despertando interesse de diferentes áreas de investigação, conforme nos relata o Ahrens (2017, p. 445):

⁷*The pianist has to learn the right hand, then the left, then learns to coordinate both, in much the same way as the interpreter learns to listen to two speeches at the same time.*

Durante a década de 1960, eram principalmente os psicólogos e psicolinguistas que tentavam descobrir como a interpretação simultânea funciona. Essa perspectiva se amplia com a emergência das ciências cognitivas na década de 1970. Desde então, psicólogos, psicolinguistas e especialmente os próprios intérpretes têm investigado o processo de interpretação, especialmente seus aspectos cognitivos e psicolinguísticos, tais como a carga cognitiva e a capacidade de processamento do intérprete e o papel da memória (de trabalho).⁸

É justamente os aspectos cognitivos da interpretação simultânea que discutiremos na próxima seção.

2.1 A tarefa de interpretação simultânea enquanto atividade cognitiva

Se tomarmos a interpretação como um sistema orgânico que torna possível a comunicação entre falantes de línguas distintas, este pode ser entendido como uma atividade altamente cognitiva e complexa (DARÓ, 1994) em que múltiplas tarefas mentais (PÖCHHACKER, 2004) são executadas pelo intérprete. Apesar de os primeiros trabalhos terem se iniciado na década de 1970, foi a partir das décadas de 1980 e 1990, que cada vez mais psicólogos e psicolinguistas começaram a se interessar pelas diversas atividades cognitivas que os intérpretes desempenhavam em seu trabalho. Havia ainda o entendimento de que os dados observados a partir dos processos cognitivos realizados pelos intérpretes poderiam corroborar pesquisas e teorias em suas respectivas áreas (CARROLL, 1978; KARMILOFF-SMITH, 1978) Por outro lado, os estudiosos da área da interpretação, geralmente profissionais em atuação (*practitioners*), se aproximaram da psicologia cognitiva, psicolinguística e linguística aplicada – e mais recentemente da neurociência – com o intuito de conhecerem melhor os processos subjacentes da tarefa e de terem fundamentos teóricos e científicos para subsidiar o campo.

⁸ *During the 1960s, it was mainly psychologists and psycholinguists who tried to find out how simultaneous interpreting works. The perspective broadened with the emergence of cognitive science in the 1970s. Since then, psychologists, psycholinguists, and especially interpreters themselves have been investigating the interpreting process, in particular cognitive and psycholinguistic aspects, such as the interpreter's cognitive load and processing capacity or the role of (working) memory.*

Pöchhacker (2004) reúne os trabalhos de orientação cognitiva sob a alcunha do Paradigma do Processamento Cognitivo. Referenciando-se ao trabalho de Gerver (1976) como um dos precursores dos estudos sobre cognição e interpretação, Pöchhacker (2004) também destaca os as discussões de Moser (1978), Lambert (1989), Ingram (1988) e Gile (1985, 1995). Esses diferentes trabalhos introduzem relevantes conceitos para a área dos estudos da interpretação, na tentativa de se entender as atividades mentais subjacentes realizadas pelos intérpretes, como compreensão, memória, produção da fala, foco atencional, alocação de recurso e coordenação de esforços cognitivos, etc.

Na tentativa de se organizar didaticamente os processos envolvidos na interpretação simultânea, comumente se divide o processamento em etapas/estágios (ex. GERVER, 1976; GILE, 1985, 1995; MOSER, 1978). Tem-se, assim, o input/“entrada” de uma língua-fonte, o *shift* da mensagem para a língua-alvo (reformulação), e o momento da produção e entrega (*delivery*) de fato da mensagem na língua de chegada. Também tem a existência de duas mensagens/textos, uma na língua-fonte (“entrada”) que deve ser compreendida pelo intérprete e outra na língua-alvo, produzida pelo intérprete (“saída”). Já as operações mentais envolvidas no processo de reformulação integram a chamada “caixa preta” do intérprete. É exatamente a busca por entender a “caixa preta” do intérprete e por um embasamento teórico-metodológico sólido e com relevância científica que trouxe essa maior aproximação dos pesquisadores em interpretação em relação às ciências cognitivas (GILE, 1994; MOSER-MERCER, 1994).

É importante apontar que os trabalhos precursores de Seleskovitch e Lederer, que inauguraram a chamada Teoria do Sentido, já desenhava uma preocupação com os processos desempenhado pelo intérprete, tanto em tarefas de interpretação simultânea quanto de interpretação consecutiva. Apesar de puramente especulativa e de não empregar métodos naturalísticos de investigação científica (GILE, 1990), a Teoria do Sentido concebe que a interpretação não é somente a realização de uma tradução literal (palavra por palavra) do enunciado, e nem entende que o ato interpretativo esteja ligado diretamente ao sistema lexical e gramatical

(transcodificação), mas sim em abstrair o sentido do enunciado de modo reflexivo, ou seja, o ato interpretativo que passa pela compreensão e produção de enunciados está para além da transposição da forma verbal, e sim que o enunciado é formulado a partir de um tipo de ação reflexiva (mental) (SELESKOVITCH, 1975; SELESKOVITCH; LEDERER, 1985). Assim, observa-se que mesmo partindo de introspecção e de meras observações do trabalho de intérpretes, a Teoria do Sentido já começa a postular que a atividade realizada em tarefas de interpretação é, de fato, uma atividade mental. Lederer (1978, p. 131) por exemplo, afirma que “interpretar é uma tarefa humana em que a atividade cognitiva está em primeiro lugar (é a operação central)”.

Nos anos subsequentes aos trabalhos de Seleskovitch e Lederer, muitas críticas foram feitas à natureza especulativa do modelo (GILE, 1990, 1995; MOSER-MERCER, 1994), de modo que a pesquisa em interpretação começou a adotar cada vez mais métodos de pesquisa mais naturalísticos e cada vez mais surgem trabalhos empíricos sobre as tarefas de interpretação simultânea e consecutiva.

Uma das mais influentes propostas de se analisar as atividades mentais realizadas pelo intérprete é o chamado Modelo dos Esforços de Daniel Gile (GILE, 1995, 1999, 2009, 2018, 2021). O Modelo dos Esforços é um modelo didático, mas que tenta apontar as múltiplas tarefas desempenhadas pelo intérprete em uma interpretação simultânea, ou em uma interpretação consecutiva. O Modelo dos Esforços propõe então que durante a atuação do intérprete, o profissional faz uso de uma “energia mental” que é consumida por cada um dos esforços propostos pelo modelo. Gile (1985, p. 45), analisa que

Em todos os momentos, é necessária uma "energia" mínima para cada um dos esforços. O aumento ocasional na intensidade de uma das forças pode, portanto, levar uma ou ambas as forças a um nível abaixo desse mínimo, resultando em desequilíbrio e possivelmente falhas.⁹

⁹À tout moment, une “énergie” minimum est requise pour chacun des efforts. L’augmentation ponctuelle de l’intensité de l’un des efforts peut donc conduire l’un ou les deux autres efforts à un niveau inférieur à ce minimum, d’où déséquilibre, et éven-tuellement défaillance.

Gile (1985) avança inicialmente que a tarefa de interpretação simultânea é composta por três esforços, a saber: o esforço de escuta; o esforço de memória; e o esforço de produção. Em desenvolvimentos posteriores do modelo (GILE, 2009, 2021), Gile chega aos seguintes esforços:

i) Esforço de recepção:

Inclui a percepção visual e auditiva e o processamento da fala recebida pelo intérprete. Além disso, o esforço de recepção inclui outros estímulos associados aos quais o intérprete tem acesso, tais como gestos e expressões faciais do orador, assim como recursos visuais adicionais, como projeções, *slides*, textos escritos em um quadro, etc. Gile considera que o esforço de recepção compreende desde a percepção inicial da mensagem até a representação mental do significado da fala recebida.

ii) Esforço de memória:

Uma etapa intermediária entre a recepção da mensagem e a produção da mensagem reformulada é proposta por Gile para captar a necessidade do intérprete de armazenar a informação recebida por um breve período de tempo até que ela seja produzida na língua de chegada da interpretação. Gile frisa que o esforço de memória não corresponde a construtos específicos advindos da psicologia cognitiva, tais como o conceito de Memória de Trabalho. Para o autor, o esforço de memória é apenas um estágio intermediário de armazenamento e recuperação de informação e possui fins exclusivamente didáticos.

iii) Esforço de produção:

Inclui todas as operações que vão desde a primeira intenção de se produzir a informação até a produção de fato dessa mensagem, seja por

meio da fala ou da sinalização, no caso da interpretação para línguas de sinais. Além disso, Gile inclui no esforço de produção toda a atividade de automonitoramento da fala do intérprete e também de autocorreção.

iv) Esforço de coordenação:

O esforço de coordenação corresponde essencialmente à necessidade do intérprete de gerenciar seu foco atencional para os diferentes elementos e processos da tarefa.

Por mais que o Modelo dos Esforços pareça abordar como é o funcionamento desses processos a nível mental, no momento da interpretação, o modelo apenas se baseia em “conceitos e ideias cognitivas” (GILE, 1999). Gile (2009, p. 188) considera que o “(...) Modelo dos Esforços foi projetado com uma finalidade didática, e não para fins de pesquisa.”¹⁰ Gile (1999) reitera que os “Modelos dos Esforços são modelos de restrições operacionais, não modelos arquitetônicos, na medida em que não postulam uma estrutura mental e fluxo de processamento de informações (...)”¹¹.

A contribuição desse modelo se dá, principalmente, pelo fato de considerar que a interpretação não se limita a rotinas de processamento da informação (GERVER, 1975; MOSER, 1978), ou a uma ação reflexiva (SELESKOVITCH, 1975) mas também está integrada a ativação de vários processos mentais. É importante destacar também que o modelo objetiva explicar ainda os motivos das falhas (erros e omissões) cometidas pelo intérprete na realização da tarefa (GILE, 1999, 2009, 2018, 2021).

Gile (1999), para compreender a razão que leva os intérpretes em interpretação simultânea de línguas orais a cometerem erros e/ou omissões de itens informacionais no texto de partida, realizou uma pesquisa com 10 intérpretes profissionais que interpretaram (Inglês-Francês) um mesmo texto por duas vezes. Conforme esperado,

¹⁰(...) *Effort Models were designed with a didactic purpose in mind, not for research purposes.*

¹¹*The Effort Models (EM) are models of operational constraints, not architectural models, insofar as they do not postulate mental structure and information-processing (...)*

muitos erros e omissões cometidos pelos intérpretes durante a primeira interpretação do texto passaram a ser interpretados corretamente na segunda vez em que os intérpretes realizaram a tarefa. Contudo, chama a atenção o fato de que segmentos que foram interpretados corretamente na primeira vez passou a ser interpretados de maneira errada ou ainda omitidos na segunda tentativa da tarefa. Gile (2009) aponta que o fato de os intérpretes cometerem novos erros na segunda vez que realizaram a interpretação do discurso está relacionado não à falta de conhecimento necessário, mas sim porque eles estavam atuando sob altos níveis de esforço e de dispêndio de energia mental, resultando em uma dificuldade de se processar a informação de modo adequado. Essa ideia de que o intérprete atua durante a maior parte do tempo sob níveis de esforço muito próximos à saturação é chamada de Hipótese da Corda-Bamba (*Tightrope Hypothesis*) (GILE, 1999, 2009).

Ainda sobre essa hipótese, Gile (2009, p. 6), diz que

(...) na maior parte do tempo, o total de consumo de capacidade está próximo ao total da capacidade disponível do intérprete, de modo que qualquer aumento nas exigências de capacidade de processamento e qualquer ocorrência de mal gerenciamento dos recursos cognitivos pelo intérprete podem resultar em uma sobrecarga ou em um déficit local de foco atencional (em um dos Esforços) e consequente deterioração do produto do intérprete. A Hipótese da Corda-Bamba é crucial para explicarmos a alta frequência de erros e omissões que podem ser observadas na interpretação, mesmo quando não há nenhuma dificuldade técnica ou de outra natureza que possa ser identificada no texto de partida (GILE, 1989): se os intérpretes atuassem em um nível bem abaixo do limiar de saturação, erros e omissões deveriam ocorrer apenas quando dificuldades significativas aparecessem no texto de partida.¹²

Por fim, Gile (1999, 2009) relaciona que a qua presença de gatilhos de problema no texto de partida pode resultar num aumento da demanda por capacidade de

¹² *most of the time, total capacity consumption is close to the interpreter's total available capacity, so that any increase in processing-capacity requirements and any instance of mismanagement of cognitive resources by the interpreter can bring about overload or local attentional deficit (in one of the Efforts) and consequent deterioration of the interpreter's output. This 'Tightrope Hypothesis' is crucial in explaining the high frequency of errors and omissions that can be observed in interpreting even when no particular technical or other difficulties can be indentified in the source speech (Gile, 1989): if interpreters worked well below saturation level, errors and omissions should occur only when significant difficulties came up in the source speech.*

processamento cognitivo, ocasionando, conseqüentemente, erros e omissões na interpretação produzida pelo profissional. Passemos, então, a discutir o conceito de gatilhos de problema.

2.2 Os gatilhos de problema na interpretação simultânea

O conceito de gatilhos de problema, segundo Gile (2009, 2021), é derivado da ideia de que os esforços despendidos pelo intérprete correspondem ao total de “energia mental” que o intérprete necessita para interpretar e de que o intérprete se encontra, quase sempre, no limiar do seu gasto de energia (hipótese da corda-bamba). Assim, é de se esperar que problemas irão ocorrer quando há um aumento na necessidade de gasto energético, seja por motivos de capacidade de processamento ou até mesmo pela pressão do tempo.

Gile (2009, 2021) observa que problemas na interpretação ocorrem em situações bastante previsíveis e comuns entre diferentes profissionais. Por exemplo, problemas podem ocorrer quando o orador no seu discurso tem um fluxo de fala rápido e/ou denso; quando o orador lê um texto; quando há um nome próprio, um termo técnico ou uma palavra de pouco uso; quando o orador produz uma enumeração; etc. (GILE, 2009, p. 171).

A partir dessas observações Gile propõe que o gatilho de problema pode ser entendido como algum elemento presente no texto de partida que aumenta a demanda de processamento do intérprete ou ainda que resulta em uma vulnerabilidade do sinal/mensagem (GILE, 2009, 2018; MANKAUSKIENĖ, 2016). Assim, ao se deparar com um gatilho de problema no texto de partida, o intérprete pode acabar despendendo maior esforço nas atividades básicas integrantes do processo de interpretação, tais como a compreensão e/ou a memória e/ou a produção. É isso que nos relata Gile (2009):

Na estrutura do Modelo dos Esforços, os gatilhos de problema estão associados ao aumento da demanda de capacidade de processamento, que podem exceder a capacidade disponível ou causar problemas de gerenciamento de atenção ou vulnerabilidade a um lapso momentâneo de atenção em determinados segmentos da fala [texto de partida]¹³. (GILE, 2009, p. 171)

Considerando que o intérprete já atua em limiares próximos da saturação, a presença de gatilhos de problema no texto de partida pode ocasionar a desestabilização da atenção do intérprete, resultando em desequilíbrio no emprego dos esforços necessários à tarefa. Nos dizeres de Gile (2018, p. 7):

Mais importante ainda, a capacidade total de processamento necessária para todos esses esforços [compreensão, armazenamento, produção, coordenação e autogestão] tende a ser próxima ao total de recursos atencionais disponíveis, próxima o suficiente para que os intérpretes sejam desestabilizados e corram o risco de saturação e EOIs [erros, omissões e infelicidades] em sua saída [texto de chegada] ao cometerem erros em sua gestão (...) e dificuldades na própria fala - os chamados 'gatilhos de problema'¹⁴.

Gile (2009, p. 192) pontua que a origem dos gatilhos de problema pode ser de natureza crônica ou de natureza ocasional. A primeira delas, de origem crônica, é quando as habilidades cognitivas e/ou o conhecimento declarativo, seja de natureza de conhecimento extralinguístico, lexical e/ou gramatical, do intérprete não são suficientes. Nesse caso, o intérprete não consegue coordenar os esforços dispendidos na tarefa e nem realizar tomadas de decisões para resolver os problemas encontrados. A segunda, de natureza ocasional, é quando o intérprete possui os conhecimentos necessários para a realização da tarefa, mas questões pontuais presente no texto de

¹³*"In the Effort Models framework, problem triggers are seen as associated with increased processing capacity requirements which may exceed available capacity or cause attention management problems, or with vulnerability to a momentary lapse of attention of speech segments with certain features."*

¹⁴*More importantly, the total processing capacity required for all these Efforts tends to be close to the total available attentional resources, close enough for interpreters to be destabilized and risk saturation and EOIs in their output when making errors in their management (...) and when encountering certain difficulties in the speech itself – the so-called 'problem triggers'. This fragile situation in which simultaneous interpreters find themselves is the 'Tightrope Hypothesis', which Gile assumes to be the main sources of EOIs in interpreting.*

partida levam o intérprete a cometer erros, omissões ou infelicidades. Esses itens pontuais podem ser de ordem linguística, semântica, física, da fala de origem, do ambiente de comunicação, dentre outros.

Mankauskienė (2016), a partir de Gile (2009), propõe que os gatilhos de problema devem ser classificados a partir de sua fonte. Assim, quatro grupos de gatilhos de problema são listados pela autora:

1) Gatilhos de problema relacionados ao orador:

- Sotaque;
- Falante não-nativo;
- Fala acelerada/rápida;
- Entonação monótona;
- Discurso lido;
- etc.

2) Gatilhos de problema relacionados à mensagem:

- Problemas lexicais:
 - Nomes próprios;
 - Números;
 - Abreviaturas;
 - Termos técnicos;
 - Etc.
- Problemas de estrutura sintática:
 - Problemas sintagmáticos (expressões idiomáticas, colocações ou expressões técnicas);
 - Problemas sentenciais (frases com diferenças sintáticas entre o par de línguas; densidade lexical; frases longas; várias orações em uma mesma frase; e enumerações).
- Problemas semânticos:
 - Metáforas;
 - Humor;
 - Sarcasmo;
 - Etc.

3) Gatilhos de problema relacionados ao intérprete:

- Experiência;
- Conhecimento prévio;

-
- Competência comunicativa;
 - Fadiga;
 - Etc.

4) Gatilhos de problema relacionados a problemas técnicos:

- Falhas no equipamento de interpretação;
- Sons/ruídos externos;
- O intérprete não visualiza o orador;
- Etc.

Mankauskienė (2016, p. 144) assevera que; “compreender essas dificuldades da tarefa de interpretação simultânea pode ajudar a resolver problemas de comunicação¹⁵”, visto que a interpretação simultânea é uma atividade que envolve a comunicação.

Ao se tratar de gatilhos de problema de natureza lexical, pertencentes ao grupo dos gatilhos relacionados à mensagem, a presença de números e nomes próprios tem sido investigada na literatura.

Gile (1984) investigou nomes próprios em uma tarefa de interpretação simultânea (Inglês-Francês) realizada por 15 intérpretes, em que o texto de partida foi produzido em inglês. No texto de partida foram pronunciados 8 nomes próprio. Dentre acertos e falhas que os 15 intérpretes tiveram para cada nome próprio foram de 1 nome próprio produzido corretamente pelos 15 intérpretes, 1 nome próprio houve falha de 100% dos intérpretes, 3 nomes próprios tiveram duas falhas de 80% e 1 nome próprio 93% de falhas. E outros 3 nomes próprios tiveram 10%, 20% e 33% de falhas cometidas pelos intérpretes. Gile constatou que os nomes próprios conhecidos pelos intérpretes não houve falhas, nomes próprios com a fonética e morfologia simples em que se esperava uma “facilidade” na pronúncia, as falhas chegaram a mais de 50%. Gile, conclui que mediante os fenômenos que ocorrem na tarefa de interpretação simultânea a reformulação de nomes próprios também pode ser considerados gatilhos de problema.

Mazza (2001) investigou se os números são causadores de problemas em tarefa de interpretação simultânea (Inglês-Italiano). O experimento contou com a

¹⁵*Understanding these interpreting difficulties may help solve problems.*

participação de 15 intérpretes (alunos) que realizaram a interpretação de 3 textos do inglês para o italiano. O texto 0 (T0) não continha nenhum tipo de numeração, e foi utilizado para verificar se os intérpretes conseguiam realizar uma interpretação. No texto 1 (T1) os intérpretes podiam fazer a tomada de nota dos números, e no texto 2 (T2) os intérpretes não realizaram a tomada de nota. Os números presentes nos textos T1 e T2 seguiram à seguinte classificação: i) números inteiros maiores do que 1000; ii) números inteiros menores do que 1000; iii) números decimais; iv) intervalos; e v) datas. Para análise da interpretação seis tipos de erros que os intérpretes poderiam cometer foram previamente categorizados: i) omissões; ii) aproximações; iii) erros lexicais; iv) erros sintáticos; v) erros fonológicos; e vi) outros erros.

O desempenho dos intérpretes no T0 atingiu o propósito de forma satisfatória. Em relação ao T1 e T2, os intérpretes obtiveram um melhor desempenho no T1, provavelmente, por terem tomado nota dos números. Na análise dos dois textos 81,8% dos segmentos que não tinham números foram interpretados corretamente, já os segmentos com numerais, apenas 53,9% foram interpretados corretamente. Ao analisar o desempenho de todos os intérpretes em relação a quantidade de números presentes nos dois textos verificou que o T1 com 67 números houve uma variação de 74,6% a 20,9% erros. No texto T2 com 60 número, a variação de erros foi de 76,7% a 18,3%. O desempenho dos intérpretes em relação a interpretação dos números demonstrou que a maior dificuldade era interpretar os números inteiros com 4 ou mais dígitos (67% T1 e 82% T2), logo depois os números decimais (56% T1 e 63% T2) e os números com intervalos (47% T1 e 57% T2). Os números inteiros com menos de 4 dígitos (37% T1 e 49% T2) e as datas (41% T1 e 35% T2) foram os números que os intérpretes tiveram menor dificuldade para realizarem a interpretação, sendo que em relação as datas o percentual maior de erros foi em relação ao T1, mesmo com esse resultado para as datas, para os autores é possível que as anotações dos números contribuíram para que o desempenho dos intérpretes fosse melhor no T1. Os resultados apresentados em relação aos tipos de erros cometidos pelos intérpretes demonstraram que a quantidade de omissões em T1 (30,1%) e T2 (30,2%) foram de

valores aproximados e que podem ter ocorrido como estratégia para recuperar atrasos na interpretação. Os erros por aproximação foram de 6,7% em T1 e 20% em T2, e provavelmente foram interpretados de modo consciente para minimizar o erro e não saturar a memória de trabalho. Os erros lexicais em T1 foram de 4,1% e em T2 foram de 4,9, os erros cometidos em relação a sintaxe em T1 foram de 4,6% e em T2 2,6, para esses dois erros houve uma incidência maior em números maiores do que 1000, isto deve ter ocorrido, não pelo fato do número ter mais dígitos, mas sim pelo fato do intérprete não dar conta de armazenar na memória de trabalho todas as informações presentes na estrutura desse tipo de número. Os erros fonológicos em T1 foram de 1,1% em T2 foram de 4,8%, a quantidade desses erros não foi expressiva. O que pode ter ocasionado mais erros em T2 é o fato dos números expressos em T2 serem fonologicamente mais complexos de serem compreendidos. Outros tipos de erros não categorizados houve empate em T1 e T2 (35%), esse resultado pode ter sido influenciado pelo “efeito de eco”, que é quando os números aparecem próximos no texto.

Mazza (2001, p. 99), mediante os dados levantados constata que “(...) que os números não são apenas uma fonte de dificuldade para o intérprete, mas também um gatilho de problema para a interpretação do segmento da fala em que aparecem”¹⁶. E que tomar nota dos números não é o suficiente para resolver esse tipo de problema.

Já o trabalho de Mankauskienė (2016) constatou que os intérpretes tiveram dificuldades em interpretar nomes e números em uma tarefa de interpretação simultânea (Inglês-Lituano). Dos 5 nomes que apareceram no texto a ser interpretado, 4 nomes foram omitidos ou interpretados errados e dos 13 números 6 foram omitidos ou interpretados errados. Os erros foram cometidos por mais da metade dos intérpretes que participaram da pesquisa. Alguns problemas de ordem lexical que não tinham equivalência exata em lituânio ou que necessitava de uma interpretação explicativa, também foram desencadeadores de gatilhos de problema. A autora

¹⁶“(…) that numbers are not only a source of difficulty to the interpreter, but also a problem trigger for interpretation of the speech segment in which they occur.”

conclui dizendo da importância de realizar mais pesquisas empíricas sobre gatilhos de problema, principalmente, gatilhos de problema lexicais que são pouco discutidos na literatura.

Além dos estudos apresentados acima, outros trabalhos também corroboram a percepção de que números e nomes próprios constituem desafios para uma tarefa de interpretação simultânea (KORPAL; STACHOWIAK-SZYMCZAK, 2018; MEYER, 2008; PINOCHI, 2009; SHANMUGALINGAM, 2018; VIANNA, 2005).

Em suma, observa-se que o gatilho de problema, fundamentado no Modelo dos Esforços, é um fenômeno observável em tarefas de interpretação. Já no escopo de nossa investigação, compreender como o intérprete lida com os gatilhos de problema em tarefas de interpretação-voz poderá trazer contribuições para os intérpretes de línguas de sinais.

2.3 Resumo do capítulo

Neste capítulo apresentamos os principais conceitos relacionados à tarefa de interpretação simultânea, além de defini-la enquanto atividade mental/cognitiva. Assim, ao entendermos a tarefa de interpretação a partir do Critério de Kade, que se baseia no conceito de exibição única, entendemos a complexidade da tarefa e a presença de múltiplos processos mentais que devem ser executados pelo intérprete.

A partir do conceito de múltiplas tarefas na interpretação simultânea, apresentamos o Modelo dos Esforços de Daniel Gile e como ele concebe a presença de diferentes esforços a serem despendidos pelo intérprete e a existência de uma limitação na “energia mental” disponível para a realização da tarefa. Além disso, apresentamos a hipótese da corda-bamba, que postula que o intérprete atua, quase sempre, no limiar de sua energia mental disponível e que eventuais aumentos de demandas de processamento podem resultar em rupturas do processo.

Por fim, apresentamos que um dos elementos que pode resultar em aumento da demanda por processamento é a presença de gatilhos de problema no texto a ser

interpretado. A presença de gatilhos de problema no texto de partida pode ocasionar a desestabilização da atenção do intérprete, resultando em desequilíbrio no emprego dos esforços necessários à tarefa. Demos ainda atenção a dois gatilhos de problema que são investigados na literatura: a presença de nomes próprios e de informações numéricas no texto de partida. Esses gatilhos serão objeto de nossa investigação em tarefas de interpretação Libras-português, tema de nosso próximo capítulo.

Capítulo 3:

Interpretação simultânea Libras-português

A interpretação de uma língua de sinais para uma língua oral é comumente chamada de interpretação-voz (BOGAERDE, 2010; HURWITZ, 1986; LOURENÇO, 2018) ou ainda de interpretação vocalizada (RODRIGUES, 2018). Já a interpretação de uma língua oral para uma língua de sinais tem sido chamada de interpretação-sinalizada. Nesta pesquisa, em específico, trataremos dos casos em que o intérprete, em uma tarefa de interpretação-voz simultânea, reformula o texto de partida apresentado em Libras para um texto de chegada em língua portuguesa.

Ao discutirmos a interpretação simultânea entre línguas de sinais e línguas orais, estamos fazendo referência a uma tarefa de interpretação que reformula mensagens não somente entre línguas diferentes, mas também entre modalidades diferentes. Enquanto a língua oral – o português, por exemplo – é uma língua de modalidade oral-auditiva, a Libras é uma língua de sinais e, portanto, de modalidade gestual-visual. Sobre isso, Lourenço (2015, p. 321) esclarece

Enquanto as línguas orais são produzidas pela articulação vocal e percebidas pela audição, as línguas sinalizadas são produzidas por movimentos corporais e percebidas pela visão. É por esse motivo, que a interpretação entre língua

oral e uma língua de sinais, ou vice-versa, é chamada também de interpretação intermodal.

Portanto, considerando os aspectos inerentes da interpretação simultânea e o modo diferenciado de produção e percepção das línguas de sinais e das línguas orais, Rodrigues (2018, p. 140) define

(...) a interpretação simultânea intermodal como a realização, sob pressão de tempo, da translação da enunciação de um discurso de uma língua para outra e de uma modalidade para outra, sendo que o texto alvo deve ser oferecido obrigatória e imediatamente em sua versão final, ou seja, em sua primeira e única produção, segundo o tempo de oferecimento do texto fonte.

Pesquisas apontam que o modo de produção e recepção das línguas de sinais, trazem efeitos na tarefa de interpretação simultânea intermodal, que vão desde aspectos técnico- metodológicos da tarefa de interpretação (o local em que o intérprete se posiciona para interpretar), passam por questões cognitivas, e até mesmo questões intrínsecas tanto da estrutura linguística das línguas envolvidas quanto dos aspectos culturais das comunidades de fala presentes.

Uma questão importante que tem sido apontada como distintiva com relação à interpretação intermodal, é a diferença de preferência de direcionalidade apresentada pelos intérpretes de línguas de sinais. Diferentemente do que é, geralmente, observado dentre intérpretes de línguas orais – que preferem interpretar para sua L1, os intérpretes de línguas de sinais geralmente possuem mais experiência em tarefas de interpretação para a sua L2 (interpretação-sinalizada) e comumente afirmam preferir interpretar nessa direção. Já a tarefa de interpretação-voz é considerada por muitos profissionais como a mais desafiadora, conforme nos relata Pöchhacker (2004, p. 21): “(...) intérpretes de língua de sinais, a maioria dos quais não são nativos, geralmente praticam interpretação simultânea como interpretação de A para B [interpretação-

sinalizada] e consideram de B para A, ou seja, a interpretação sinal-para-voz [interpretação-voz], a direção mais desafiadora”.¹⁷

3.1 Pesquisas sobre interpretação-voz de Libras e de outras línguas de sinais

Diferentes pesquisadores (BOGAERDE, 2010; DIJK; BOERS, 2011; LOURENÇO, 2018; NICODEMUS; EMMOREY, 2015; NICODEMUS; EMMOREY KAREN, 2013; QUINTO-POZOS; MUROSKI; SAUNDERS, 2019; QUINTO-POZOS; QUADROS; MAYNARD, 2020; GOMES, 2020, 2022) vêm discutindo questões concernentes a direcionalidade na interpretação simultânea de línguas de sinais. Essas pesquisas abordam os efeitos de interpretar de uma língua de sinais para uma língua oral em uma tarefa de interpretação simultânea, e conseqüentemente, no texto de chegada.

Van den Bogaerde (2010) chama a atenção para o fato de que as tarefas de interpretação-voz têm, de maneira geral, tem deixado a desejar em termos de qualidade. A autora relaciona esse fato principalmente aos níveis de proficiência dos intérpretes na língua de sinais. Segundo Van den Bogaerde, nem mesmo a carga-horária de ensino de língua de sinais como segunda língua para esses intérpretes tem sido suficiente para formar usuários proficientes nessa língua. Além disso, outros fatores são levantados, como: i) maior experiência desses profissionais na interpretação-sinalizada do que na interpretação-voz; ii) os intérpretes apresentam grande dificuldade em compreender a língua de sinais; iii) pessoas surdas tendem a ser mais tolerantes a uma interpretação-sinalizada ruim do que pessoas ouvintes tolerarem uma interpretação-voz de baixa qualidade; e iv) intérpretes conseguem monitorar melhor sua produção em língua oral do que em língua de sinais. Van den Bogaerde (2010) conclui que é necessário oferecer uma melhor qualidade no ensino de língua de sinais para novos profissionais e também que sejam produzidas mais pesquisas sobre essa direção de atuação.

¹⁷“sign language interpreters, most of whom are not native signers, typically practice simultaneous interpreting as A-to-B interpreting and consider B-to-A, that is, sign-to-voice interpreting, the more challenging direction.”

Van Dijk (2011) em um estudo experimental com intérpretes experientes de Língua de Sinais Holandesa (NGT) pesquisou efeitos na direcionalidade da interpretação simultânea do holandês para NGT e vice-versa. Para tanto, investigou a qualidade das interpretações em ambas as direções avaliando a precisão proposicional e a qualidade subjetiva do produto dos intérpretes. Os resultados encontrados revelaram que o produto da interpretação-sinalizada (holandês-para-NGT) apresentou maior precisão proposicional e também maior qualidade se comparado ao produto da interpretação-voz (NGT-para-holandês). Van Dijk (2011) argumenta que o resultado aquém apresentado nas tarefas de interpretação-voz pode ser pelo fato de que os intérpretes têm menos experiência de atuação nessa direção. Outro fator que pode ter levado a esse resultado na qualidade do texto de chegada, seria a dificuldade do intérprete em compreender a língua de partida, devido à variedade gramatical e lexical da NGT. Os autores também parecem concordar com Van den Bogaerde (2010) ao afirmar que os cursos de formação para intérpretes de língua de sinais devem reforçar o ensino da própria língua de sinais, propiciando uma melhor qualidade nas tarefas de interpretação simultânea.

Nicodemus e Emmorey (2013) comparam a preferência de direção de interpretação entre intérpretes de línguas orais (sendo o par espanhol-inglês o mais reportado) e de línguas de sinais (Língua de Sinais Americana, ASL-inglês). As autoras aplicaram um questionário online e, a partir dos dados de 540 intérpretes de línguas orais e 633 intérpretes de línguas de sinais, observaram que há uma diferença na preferência de direção desses profissionais. Intérpretes de língua de sinais preferem interpretar na direção L1 para L2 (interpretação-sinalizada), enquanto que intérpretes de línguas orais preferem interpretar da L2 para a L1. Além disso, o estudo revelou que:

- Intérpretes de línguas orais avaliaram que possuem melhor capacidade de produção e de compreensão em sua L1. Intérpretes de línguas de sinais reportaram também possuir maior capacidade de produção e compreensão em

sua L1, porém se consideram bem menos proficientes em sua L2, se comparados aos intérpretes de línguas orais. Isso indica que os próprios intérpretes de língua de sinais avaliam em níveis consideravelmente baixos sua proficiência na língua de sinais;

- Intérpretes de línguas orais reportaram ainda ter tanto uma formação quanto uma experiência profissional bastante equilibrada entre ambas as direções, ou seja, tanto na formação quanto na atuação profissional, eles foram e são expostos a ambas as direções em proporções bastante semelhantes. Já intérpretes de línguas de sinais relataram ter muito mais formação e experiência na direção L1-para-L2 (interpretação sinalizada) do que na direção L2-para-L1 (interpretação-voz);

- Intérpretes novatos reportam ter uma preferência de direção com mais frequência do que intérpretes experientes, tanto dentre os intérpretes de línguas orais quanto os intérpretes de línguas de sinais. Contudo, essa tendência é mais forte dentre os intérpretes de línguas de sinais.

Nicodemus e Emmorey (2013) tentam explicar a preferência observada entre os intérpretes de línguas de sinais devido i) ao fato do tempo de experiência e prática de trabalho ser maior em tarefas de interpretação sinalizada; ii) à datilologia (soletração manual) em ASL possui grau de dificuldade de ser compreendida, o que pode diminuir a preferência pela tarefa de interpretação-voz; iii) a transcodificação/transliteração do inglês para ASL requer menor esforço do intérprete; iv) menor controle sobre a ASL enquanto texto de partida, dada a grande variabilidade linguística dos surdos (as autoras reportam que 90% dos surdos não adquirem ASL precocemente); e v) maior habilidade em automonitorar a produção do inglês detectando erros e problemas, principalmente com os intérpretes iniciantes, e menor automonitoramento na produção da língua de sinais.

Em um trabalho posterior, Nicodemus e Emmorey (2015) voltam a discutir a questão da direcionalidade, ao comparar a preferência de direção de intérpretes de ASL-ínglês e seu desempenho, tanto em tarefas de interpretação-sinalizada quanto em tarefas de interpretação-voz. O estudo contou com um grupo de intérpretes novatos e um grupo de intérpretes experientes, sendo 15 participantes por grupo (13 mulheres). Cada participante realizou quatro tarefas curtas de interpretação simultânea: duas tarefas de interpretação-sinalizada e duas tarefas de interpretação-voz. As pesquisadoras utilizaram como métrica do desempenho desses intérpretes dois critérios, a saber: acurácia na interpretação, baseada no conteúdo semântico, e qualidade da articulação do texto de chegada (fluxo, velocidade e prosódia).

No que diz respeito à acurácia na interpretação (conteúdo semântico), observou-se que os intérpretes novatos se saíram melhor na interpretação-voz (50,7%) do que na interpretação-sinalizada (32,7%). Os intérpretes experientes tiveram uma taxa de acurácia bem semelhante em ambas as direções (72,7% na interpretação-sinalizada e 75,7% na interpretação-voz). Os resultados sobre a qualidade da articulação do texto de chegada revelaram não haver diferença significativa nos índices de fluxo de entrega para ambas as direções, em ambos os grupos de intérpretes novatos e experientes. Já quanto ao critério de velocidade de entrega, observou-se que intérpretes novatos se saíram melhor produzindo em inglês do que em ASL. Não houve efeito observável entre intérpretes experientes. O mesmo padrão de comportamento foi observado nas análises de qualidade prosódica, em que os intérpretes novatos se saíram melhor produzindo em inglês do que em ASL. Novamente, nenhum efeito foi observado para o grupo de intérpretes experientes.

As autoras concluem que a preferência reportada dos intérpretes novatos não reflete o desempenho desses profissionais nas tarefas de interpretação. Apesar de reportarem uma preferência de realizar tarefas de interpretação-sinalizada (NICODEMUS; EMMOREY, 2013), intérpretes novatos apresentam um desempenho muito inferior nessa direção, do que em tarefas de interpretação-voz. Já no caso de intérpretes experientes, esses profissionais apresentam níveis semelhantes de

desempenho em ambas as direções. Essa desconexão entre preferência e desempenho é explicada pelas autoras como sendo resultado de:

- i) a possibilidade de se utilizar a soletração manual em tarefas de interpretação-sinalizada pode facilitar a atuação do intérprete, enquanto sua presença no texto sinalizado, em uma tarefa de interpretação-voz pode trazer dificuldades para esse profissional;
- ii) hábitos de transcodificação são mais facilmente empregados e mais tolerados em tarefas de interpretação-sinalizada do que em tarefas de interpretação-voz; e
- iii) intérpretes novatos possuem melhor capacidade de automonitoramento em sua produção na língua oral, o que resulta em uma maior percepção de erros e equívocos em tarefas de interpretação-voz do que em tarefas de interpretação-sinalizada, o que contribui para essa falsa percepção de que o produto sinalizado é superior ao produto da tarefa de interpretação-voz.

Lourenço (2018) discute a direcionalidade na tarefa de interpretação simultânea ao considerar as diferenças morfossintática da Libras e da Língua Portuguesa, e os possíveis efeitos dessas diferenças na tarefa de interpretação-voz. Para tanto, analisou os seguintes aspectos gramaticais das duas línguas: i) o gênero; ii) o tempo e aspecto; e iii) a sintaxe espacial. Os dados analisados (LOURENÇO, 2016) da interpretação-voz foram coletados de 11 intérpretes profissionais atuantes na área da educação, os mesmos, realizaram uma interpretação simultânea em que o texto de partida foi uma narrativa sinalizada em Libras, por uma surda, e o texto de chegada foi a interpretação-voz (português).

Lourenço (2018) explana que a língua portuguesa apresenta uma marcação de gênero diferente da marcação de gênero na Libras. No português, o gênero é estabelecido no próprio substantivo ou por um morfema preso ao substantivo do

gênero biológico (masculino {-o} e o feminino {-a}). Na estrutura gramatical da Libras não existe o gênero para os substantivos, no gênero biológico o morfema é livre sendo formado pelo sinal de HOMEM ou pelo sinal de MULHER mais o sinal do substantivo. Na sinalização a marcação de gênero é opcional e depende da relevância discursiva no enunciado. Desse modo, o gênero poderá ocasionar alguns efeitos na produção da interpretação-voz quando não estiver marcado no texto sinalizado em Libras, visto que, na interpretação-voz (português) é obrigatório produzir tal marcação. Três segmentos de interpretação-voz analisados por Lourenço (2018) apresentam alguns desses efeitos. O primeiro, no sinal MÉDIC@, 10 intérpretes produziram “médico” e 1 intérprete produziu “levar ao hospital”, essa escolha não determinou o gênero biológico. O segundo, o sinal PROFESSOR@ 10 intérpretes produziram “professora” e 1 intérprete produziu “professores”. E o terceiro segmento no sinal FILH@ só foi possível detectar o gênero no final da frase sinalizada, neste caso, 9 intérpretes produziram “filho”, 1 produziu “bebê” e somente 1 intérprete atrasa a produção na interpretação-voz e consegue produzir o gênero corretamente. Nos dois primeiros casos, para a marcação de gênero na interpretação-voz adotou-se a estratégia do gênero mais prototípico. No segmento do sinal FILH@ quando a surda usa a datilologia para identificar o nome do FILH@ (M-A-R-I-A); 4 intérpretes corrigem a produção para “filha” e três produziram o nome “Maria” corretamente, 3 intérpretes produziram os nomes “Marcos”, “Marcelo” e “Márcio”, possivelmente por anteriormente terem produzido “filho”. 2 intérpretes omitiram o nome “Maria”, neste caso, não é possível identificar se a omissão foi uma estratégia de interpretação, ou se o intérprete não compreendeu a datilologia.

Na estrutura gramatical tempo e aspecto, Lourenço (2018) explica que no português, o verbo já apresenta as duas desinências. Na Libras, a marcação de tempo e aspecto poderá ser estruturada gramaticalmente por diversas formas, como, pelos sinais que correspondem os advérbios de tempo (ONTEM, HOJE, AMANHÃ, PASSADO E FUTURO) podendo ser sinalizados no início ou final da sentença, ou também após o sujeito. Quando um sinal é sinalizado próximo ao ombro determina a

ação do verbo no passado, quando for sinalizado à frente do corpo a ação do verbo ocorre no presente, e quando ocorre à frente do corpo e no espaço mais alto seria a ação do verbo no futuro. Na sentença em Libras TEMPO-PASSAR ATÉ 7 IDADE JÁ HOJE (“o tempo passou e hoje ela já está com 7 anos de idade”), 6 intérpretes apresentaram dificuldades em produzir uma estrutura em português que fosse aspectualmente e temporalmente adequada. Dentre as produções, dois intérpretes utilizaram o tempo passado, enquanto que um produziu uma sentença não-compatível com a ordem da língua portuguesa. Houve ainda registros de pausa e de reformulação do tempo-aspecto empregado. Essas produções na interpretação-voz demonstram que as diferenças gramaticais relacionadas a tempo e aspecto também poderão ocasionar efeitos na interpretação-voz.

Por último, Lourenço (2018) apresenta as diferenças da sintaxe espacial da Libras e os possíveis efeitos na tarefa de interpretação-voz. A sintaxe-espacial na Libras é construída no espaço à frente do sinalizador, sendo esse espaço parte da estrutura gramatical da Libras. Por exemplo, a construção nominal, pode ser marcada pelo apontamento (direção do olhar e apontação/dêixis) em um determinado espaço próximo de quem está sinalizando. Os espaços passam a representar um referente presente no discurso, e pode ser retomado a qualquer momento no discurso como uma co-referência, concordância, ação construída ou diálogo construído. No texto sinalizado observou-se três construções espaciais que fizeram referência “a narradora”, “a professora” e “a filha”, essas representações são conhecidas como diálogo construído. O diálogo construído na tarefa de interpretação-voz leva o intérprete a relacionar os espaços com seus respectivos referentes, além de ter que guardar as informações construída nos espaços, caso o emissor retome esses espaços no discurso. No geral, das três produções de interpretação-voz com o diálogo construído, observou-se que os intérpretes misturam, empilham e omitiam os espaços com seus referentes.

Lourenço (2018) conclui com os resultados demonstrados que as diferenças gramaticais da Libras e do português, de fato, trazem alguns problemas para a tarefa

de interpretação-voz. E acrescenta que essas diferenças morfossintáticas possam ser mais discutidas, e assim, contribuir com a formação de novos profissionais.

Quintos-Pozos et al. (2019) investigaram como é realizada a reformulação dos pronomes (pessoa, número e outros) em uma tarefa de interpretação simultânea na ASL, sinalizada por um surdo, para o inglês, e também os efeitos dos pronomes na tarefa de interpretação-voz. Para tanto, fizeram um levantamento dos pronomes produzidos nas duas línguas e verificaram se havia ou não correspondência semântica entre os pronomes, visto que, alguns pronomes apresentam diferenças na representação gramatical entre as duas línguas.

O total de pronomes (pessoais, demonstrativos e outros) encontrados pelos pesquisadores em uma interpretação com duração de 18,5 minutos, nas duas línguas foram de 840 pronomes. Em ASL foram produzidos 387 pronomes, sendo 275 pronomes pessoais, 92 pronomes demonstrativos e 20 pronomes classificados como outros. Em inglês foram produzidos 453 pronomes, sendo 373 pronomes pessoais, 43 pronomes demonstrativos e 37 pronomes classificados como outros.

Os pronomes pessoais foram produzidos em maior quantidade em ambas às línguas com destaque para o inglês que produziu 98 pronomes a mais do que em ASL. 76,7% dos pronomes pessoais produzidos em ASL tiveram correspondência semântica em inglês. E 51,7% dos pronomes produzidos em inglês tiveram correspondência semântica na produção da ASL. Este fato, pode estar relacionado com a diferença gramatical na marcação do pronome pessoal, em inglês não é permitido o uso do pronome pro-drop (pronome nulo). A correspondência e não-correspondência dos pronomes pessoais em relação a pessoa e número, apontou que os pronomes singulares na primeira, segunda e terceira pessoa, em sua maioria, correspondem aos pronomes de mesma equivalência produzidos em inglês. 25% dos pronomes na primeira pessoa não tiveram correspondente em inglês, e isto, ocorreu quando em ASL houve a produção de *role-shift*. 45% dos pronomes pessoais de terceira pessoa do singular produzidos em ASL não tiveram correspondência na produção em inglês, e

não houve produção de pronomes na primeira pessoa do plural – não houve exemplos de pronomes ASL na primeira pessoa do plural que fossem incomparáveis em inglês.

Os pronomes demonstrativos foram produzidos 97 vezes em ASL e somente 43 vezes em inglês. Sendo que quase 70% dos pronomes demonstrativos produzidos em ASL não tiveram correspondência semântica em inglês. A correspondência e não correspondência dos pronomes demonstrativos produzidos em ASL em relação ao singular e plural, houve 26 correspondências e 53 não correspondências dos demonstrativos no singular. Os demonstrativos no plural foram produzidos 9 vezes em ASL, sendo 5 correspondentes e 4 não correspondentes.

Os 133 pronomes marcados no espaço não-correspondentes, produzidos em ASL, trouxeram alguns impactos na produção do texto em inglês, são eles: i) 38% dos pronomes produzidos em ASL tiveram a informação pronominal omitida na produção do texto em inglês; ii) 25% dos pronomes produzidos em ASL não tiveram uma correspondência direta, levando o intérprete a construir uma referência para tais pronomes no texto produzido em inglês; iii) 21% dos pronomes produzidos em ASL são não-coincidentes (outros) e iv) 16% dos pronomes constituídos por apontamento para algum tipo de recurso visual (ex. apresentação de *slides*) produzidos em ASL não tiveram correspondência na produção do texto em inglês.

Os 222 pronomes marcados no espaço não-correspondentes, produzidos em inglês, demonstram os impactos sofridos na produção do texto de partida, são eles: i) 55,8% dos pronomes pessoais abertos produzidos no texto em inglês, ocorreram devido a produção do pronome nulo em ASL, e como em inglês não existe o pronome nulo, foi necessário o intérprete realizar a adequação pronominal; ii) 30,6% dos pronomes em inglês adicionaram informações/contexto que podem ser por algum tipo de erro, ou pelo fato do intérprete dar maior fluidez na produção do texto; iii) 6,7% dos pronomes foram usados como anáfora (para o antecedente no texto de chegada), isto, pode ter ocorrido devido à restrição gramatical (pro-drop ou por omissão do intérprete; iv) 5% dos pronomes demonstrativos, não estão no texto de partida; e v) 1,8% são outros.

Quintos-Pozos et al. (2019) concluem que as diferenças gramaticais dos pronomes produzidos em ASL e em inglês, podem impactar a tarefa de interpretação-voz, mesmo quando ocorre a equivalência semântica na reformulação do enunciado. No entanto, quando não é possível produzir a correspondência no texto de chegada, o intérprete vê a necessidade de ajustes para adequar a regra gramatical do texto de chegada ou poderá cometer erros/e ou omissões. Isto, é notado quando as informações pronominais são omitidas no texto de chegada, e essas omissões podem ser por restrição no uso da memória, construções gramaticais complexas, fadiga cognitiva e outros. Outra não-correspondência observada, e que pode ser um desafio para o intérprete, é quando o pronome é produzido em direção a algum recurso visual (ex. apresentação de *slides*), podendo gerar uma informação ambígua para o intérprete. Visto que o referencial visual poderá ser um pronome demonstrativo ou um determinante definido, não havendo um pronome equivalente no texto de chegada. Um dos maiores desafios que o intérprete poderá enfrentar, em relação aos pronomes, na tarefa de interpretação-voz, são os pronomes de terceira pessoa e os pronomes demonstrativos singulares na ASL que podem gerar ambiguidade informacional.

Já Quinto-Pozos et al. (2020) trazem contribuições ao analisarem o cruzamento dos referentes gramaticais e discursivos, semelhantes ou não, presentes no Português Brasileiro (PB) e na Libras, em tarefa de interpretação simultânea (interpretação-voz). Para tanto, foram analisados dois textos em Libras, sinalizados por dois surdos com fluência na língua, e interpretado por dois intérpretes altamente qualificados. Os autores observaram que as estratégias de referência usadas na Libras e no PB trazem alguns desafios para tarefa de interpretação-voz, pelo fato dos referentes analisados nos segmentos das duas línguas nem sempre se alinharem. Nas línguas de sinais, a forma como os itens lexicais apresentam no espaço de sinalização, os detalhes de informações presentes na ação construída, o *role shift* e o uso da mão dominante/não dominante criam representações visuais-espaciais e podem levar o intérprete a ter dificuldades em fazer o mapeamento dos referentes do texto de partida e produzi-los

no texto de chegada. E por fim, retratam a importância em pesquisar mais sobre esse tema e também com outros pares de línguas.

Gomes (2020, 2022) também investiga a interpretação-voz de Libras para português. Em sua pesquisa, o autor discute a interpretação simultânea de nomes de pessoas em Libras, em contextos de interpretação de conferência. Em Libras, a identificação de uma pessoa pode se dar utilizando-se um sinal-pessoal ou por meio do alfabeto manual, também chamado de datilologia. O sinal-pessoal é a forma como as pessoas são representadas e identificadas pela comunidade surda.

Gomes (2020, p. 54) ressalta que “os sinais-pessoais são legítimos fenômenos, estritamente linguístico-culturais e identitários dessas línguas, sendo instituídos e empregados em um caráter de referência aos sujeitos”. A datilologia é a outra unidade de identificação pessoal investigada e é utilizada para referenciar o nome e/ou o sobrenome de uma pessoa que participa ou não da comunidade surda. E que não foi “batizada” por um sinal-pessoal, ou então, pelo fato de que pessoas participantes da interação comunicativa não conhecerem o sinal-pessoal da pessoa referenciada (GOMES, 2020, p. 55)

Gomes (2020, 2022) utiliza-se de interpretações produzidas em dois eventos distintos, sendo ambos eventos em que a Libras era a língua oficial de apresentação dos palestrantes e demais apresentadores. Nesses eventos, a interpretação foi realizada da Libras para o português, de modo simultâneo e dentro de cabines de interpretação. Identificou, então, a presença de sinais-pessoais e de datilologia do nome e/ou do sobrenome nos textos sinalizados e as respectivas estratégias utilizadas pelos intérpretes para interpretá-los em português. E para analisar como os intérpretes realizaram a reformulação das unidades de identificação pessoal elencou as seguintes categorias, conforme era sinalizado: i) somente o sinal-pessoal; ii) sinal-pessoal seguido da datilologia do nome; iii) sinal-pessoal seguido da datilologia do sobrenome; iv) sinal-pessoal seguido da datilologia do nome e sobrenome; v) somente a datilologia do nome; vi) somente a datilologia do sobrenome; vii) somente a datilologia do nome e do sobrenome; viii) datilologia do nome seguido do sinal-

peçoal; ix) datilologia do sobrenome seguido do sinal-peçoal; e x) datilologia de nome e sobrenome seguido do sinal-peçoal.

Para a análise do texto de chegada também foram criadas categorias que identificava como os intérpretes realizaram a reformulação das unidades de identificação peçoal. São elas: i) nome; ii) sobrenome; iii) nome+sobrenome; iv) omissão; v) expressão referencial¹⁸; vi) erro; vii) titulação + nome; viii) titulação + sobrenome; ix) titulação + nome + sobrenome; x) outros. Destacaremos somente o que foram produzidos utilizando a datilologia – sobrenome, nome e nome + sobrenome. Dentre essas unidades houve uma maior produção do sobrenome tanto na datilologia quanto na interpretação-voz, tal resultado pode ter sido influenciado pela própria dinâmica que envolve a interpretação de conferência e também o possível suporte que os intérpretes obtiveram de algum material que apresentavam esses nomes. Quando era produzido na datilologia o nome + sobrenome a produção na interpretação-voz era somente do nome ou somente do sobrenome, não havendo produção dos dois itens sendo pronunciados juntos. Quando era produzido na datilologia somente o nome, os intérpretes produziram somente o nome + sobrenome, sem ocorrência na produção da interpretação-voz somente do nome ou somente do sobrenome. Nessas duas identificações peçoais os efeitos produzidos na interpretação-voz não foram passíveis de estabelecer nenhum tipo de inferência por conta da baixa ocorrência desses itens. A ocorrência de omissão foi identificada quando na datilologia havia a soletração do nome e do sobrenome, por fim, não houve a ocorrência de erro, da expressão referencial e da expressão referencial de titulação na produção da interpretação-voz. Foi observado também que esses efeitos podem ter sido ocasionados “por uma suposta economia quanto aos recursos cognitivos mobilizados”, “evitando desprender esforço adicional de reformulação da mensagem” (GOMES, 2020, p. 157) levando os intérpretes a produzirem exatamente o que viram na datilologia, por exemplo a produção na interpretação-voz do sobrenome. E dois resultados que foram observados

¹⁸ Empregada quando o intérprete substitui um nome e/ou sobrenome da pessoa por alguma expressão referencial (GOMES, 2020, 2022)

e importante de serem ressaltados é quando ocorreu a retificação da datilologia produzida devido ao apoio do intérprete por modo de sussurro, levando o intérprete que está no turno da tarefa a gerenciar mais um esforço relacionado ao apoio recebido. É importante dizer que o intérprete vai precisar gerenciar tal apoio, caso contrário poderá leva-lo a desviar o seu foco atencional, ocorrendo desequilíbrio nos esforços, mais prejuízo tarefa e conseqüentemente no *delivery* da mensagem. Outro tipo de situação vivenciada pelos intérpretes na tarefa de interpretação-voz é quando na datilologia o nome é estrangeiro, conforme observado por Gomes (2020, 2022) esses nomes, assim como os nomes nacionais, têm suas marcações fonéticas e um modo de pronunciar. No entanto, a mesma constatação encontrada na datilologia para nomes nacionais e nacionalizados foram encontradas para nomes estrangeiros, ou seja, para evitar uma sobrecarga cognitiva Gomes (2020, 2022) constatou que “os intérpretes pendem a manifestar exatamente aquilo que compreendem, sem qualquer complementação, como forma de não se sobrecarregar cognitivamente”. Deste modo, percebe-se que as unidades pessoais seja ela produzida pela datilologia, sinal ou por datilologia-sinal são considerados gatilhos de problema.

Os estudos apresentados refletem a importância em discutir a tarefa de interpretação-voz, e apontam algumas questões para o debate: i) fomentar pesquisas com esse tema; ii) ofertar formação de qualidade e que discuta com maior profundidade a linguística das línguas de sinais com os novos profissionais; iii) promover momentos de prática na tarefa de interpretação-voz; iv) discutir as possíveis estratégias de interpretação em tarefas de interpretação-voz; vi) saber coordenar na tarefa de interpretação-voz a compreensão, o armazenamento e a produção na tarefa de interpretação; e vii) desmistificar que a preferência dos intérpretes por uma determinada direção na interpretação não significa dizer que terá bom desempenho na tarefa.

Uma vez que nossa investigação irá tratar da interpretação de informações numéricas e de datilologia em tarefas de interpretação-voz Libras-português, apresentaremos a seguir algumas características dessas construções.

3.2 Informações numéricas e datilologia na interpretação libras-português

As línguas de sinais fazem um uso extensivo do movimento das mãos (e dos dedos) para a produção das palavras dessas línguas – também chamadas de sinais (ZESHAN, 2003). Esses sinais formam o repertório lexical das línguas de sinais. Contudo, além desses sinais, muito frequentemente as línguas sinalizadas possuem em seu léxico formas para representar o alfabeto (ou sistema de escrita equivalente) comumente utilizado nas sociedades em que essas línguas estão inseridas. Dessa forma, para cada letra do alfabeto é atribuída uma combinação de uma forma de mão, uma orientação da palma da mão e, em alguns casos, um movimento de trajetória (geralmente um movimento de pulso, no caso da Libras (KEANE; BRENTARI; RIGGLE, 2013; WILCOX, 1992). O alfabeto manual, também chamado de datilologia, acaba, portanto, por espelhar a língua escrita, de modo que cada letra do alfabeto manual em sequência reproduz as letras presentes em uma palavra escrita. Um exemplo de datilologia é fornecido na Figura 1.



Figura 1. Datilologia C-O-D-I-G-O extraída de um dos vídeos utilizado neste estudo

Contudo, a datilologia não é simplesmente uma forma de soletrar palavras nas línguas de sinais. Por se tratar de formas que integram o léxico dessas línguas, diferentes processos fonéticos e fonológicos incidem sobre a datilologia (BRENTARI, 1998; KEANE; BRENTARI, 2015; KEANE; BRENTARI; RIGGLE, 2013; WILCOX, 1992). As palavras reproduzidas em datilologia podem adquirir movimentos próprios da estrutura fonológica dessas línguas e ainda apresentar uma quantidade grande de

movimentos transacionais (entre cada letra manual) (WILCOX, 2012), diferenças na duração de produção de cada letra manual, a depender do tipo de letra manual, sua posição na palavra datilológica e ainda do estilo individual do sinalizante (KEANE; BRENTARI; RIGGLE, 2014).

Vale apontar ainda que frequentemente a datilologia é descrita como sendo utilizada como um recurso linguístico nas línguas de sinais para indicar nomes próprios, termos técnicos e até mesmo em lacunas lexicais nessas línguas. Essa é, contudo, uma descrição bastante limitada desse recurso linguístico. Além desses usos frequentemente atestados, a datilologia possui funções sentenciais e pragmáticas, inclusive como estratégia enfática nas línguas de sinais (MONTEMURRO; BRENTARI, 2018). Afinal, a visão de que a datilologia é utilizada para “palavras que não possuem sinal” é certamente refutada ao nos depararmos com ocorrências de datilologia nos discursos sinalizados que possuem sinais equivalentes e que, por esse motivo, poderiam ser substituídas por esses sinais. Para uma melhor compreensão da função da datilologia nas línguas de sinais é preciso nos atentarmos também para a estrutura informacional dessas línguas e para os diferentes usos desse recurso linguístico (KEANE; BRENTARI, 2015; MONTEMURRO; BRENTARI, 2018). Todos esses fatores fazem com que a datilologia seja um enorme desafio para aprendizes de uma língua de sinais como segunda língua (WILCOX, 1992) e também para intérpretes de línguas de sinais (MCDERMID; FINTON; CHASNEY, 2016; NICODEMUS et al., 2017).

O outro elemento de língua analisado por nós são as informações numéricas. Os sinais numerais em Libras são produzidos apenas com uma única mão, sendo que há configurações de mão específicas para cada sinal numeral de 0 a 9. Ao contrário do que se observa em muitas línguas de sinais, em que os dígitos são utilizados para contagens de 1 a 9, em Libras apenas os sinais numerais de 1 a 4 possuem relação com a quantidade de dígitos presentes na mão selecionada. A partir do sinal numeral correspondente a 5, configurações de mão específicas são selecionadas para cada sinal numeral de 5 a 9. Ademais, em Libras não há a função de sinais numerais operadores, como em outras línguas de sinais. Por exemplo, em Língua de Sinais Espanhola (LSE),

o sinal numeral 10 funciona como operador nas construções numerais de 16 a 19. Assim, nessa língua, 16 é sinalizado com os sinais correspondentes a 10 e a 6 (bimanualmente) (FERNÁNDEZ VIADER; FUENTES, 2008).

Em Libras, como não há operadores numerais em seu sistema numérico, cardinalidades são expressas por meio da composição dos sinais numerais em dígitos correspondentes à posição das unidades, das dezenas e das centenas. Assim, 21 é sinalizado como DOIS-UM, 135 é sinalizado UM-TRÊS-CINCO, e etc. Há ainda sinais específicos para mil, milhão e bilhão. Assim como no caso da datilologia, esses sinais numerais sofrem diferentes processos fonéticos e fonológicos próprios da língua, desde modulação do movimento até efeitos de coarticulação. Um exemplo de informação numérica é fornecido na Figura 2.



Figura 2. Informação numérica 1964 extraída de um dos vídeos utilizados neste estudo.

Conforme podemos observar, informações numéricas e datilológicas são bons candidatos a serem considerados gatilhos de problema na interpretação-voz Libras-português. Para além dos desafios já conhecidos acerca da interpretação de nomes próprios e de informações numéricas na interpretação simultânea de línguas orais, em Libras, e também nas demais línguas de sinais, o uso de datilologia e também de informações numéricas é marcado por características específicas da modalidade.

3.3 Resumo do capítulo

No capítulo 3 foram apresentados estudos de interpretação simultânea entre línguas de sinais e línguas orais. Mais especificamente, apresentamos a distinção entre

interpretação-voz, aquela em que intérpretes reformulam textos de línguas de sinais para textos de línguas orais, e interpretação-sinalizada, em que a interpretação parte de uma língua oral para uma língua de sinais. Ambas as direções de interpretação são consideradas interpretação intermodal pelo fato de trabalharem com uma língua gestual-visual e uma língua oral-auditiva, que se apresentam em modalidades distintas de produção e percepção.

Este fato ocasiona efeitos na tarefa de interpretação que vão desde os aspectos técnico-metodológicos da tarefa, passando por aspectos cognitivos, linguísticos e culturais das comunidades de fala. Além disso, notamos que, em geral, intérpretes de línguas de sinais preferem trabalhar da sua L1 para sua L2, por considerarem ter mais experiência na interpretação-sinalizada do que na interpretação-voz, que é a direção considerada mais desafiadora por esses profissionais. Isso se diferencia do que comumente é observado entre os intérpretes de línguas orais que preferem e consideram ter mais capacidade para interpretar da sua L2 para sua L1.

Os estudos discutidos sobre a interpretação-voz apontam fatores que podem levar a algum efeito no texto de chegada, como, à dificuldade em compreender a sinalização devido à variedade gramatical e lexical da língua; a não compreensão da datilologia, logo a dificuldade em realizar uma reformulação desse item; as diferenças dos aspectos gramaticais como gênero, tempo e aspecto, sintaxe espacial, pronomes (pessoa, número e outros); e a pouca experiência e prática em interpretar nesta direção. Desmistificar a relação de preferência de direção de interpretação com o desempenho na entrega do produto é outro fator discutido.

Por fim, apresentamos como informações numéricas e de datilologia são produzidas em Libras e aventamos a possibilidade de estes se constituírem como gatilhos de problema na interpretação da Libras para o português.

O próximo capítulo irá tratar dos aspectos metodológicos da pesquisa, abordando a natureza dos dados analisados, as ferramentas empregadas para a transcrição e registro dos textos sinalizados em Libras e dos textos interpretados pelos intérpretes e as categorias utilizadas para a análise dos textos de chegada.

Capítulo 4: Metodologia

Neste capítulo, apresentamos a metodologia de nosso estudo, indicado o tipo de material a ser analisado, a origem dos dados, as categorias de análise e o sistema de transcrição adotado.

4.1 Origem dos dados

O material a ser analisado foi cedido pelo ProTILS que é um Projeto de Extensão Universitária da Faculdade de Letras da UFMG. O ProTILS tem como proposta capacitar profissionais que atuam na área da tradução e da interpretação e visa também fomentar discussões do fazer tradutório-interpretativo.

Os dados a serem analisados constituem atividades produzidas individualmente por 29 alunos do curso de interpretação-voz do ProTILS, nas turmas de 2018. Apesar de termos acesso limitado aos dados demográficos dessa população, o curso de capacitação era voltado a intérpretes de Libras-português em atuação em contextos educacionais. Assim, todos os profissionais que realizaram o curso já se encontravam em atuação em diferentes níveis da educação, tanto básica quanto superior. Dada a ausência de mais informações demográficas e de experiência

profissional desses sujeitos, decidimos por não os separar em grupos, mas sim, tratarmos todos como profissionais, entendendo, certamente, as limitações implicadas a partir dessa forma de seleção populacional.

As atividades consistiam em realizar a interpretação simultânea (ao vivo) a partir da primeira exibição de um vídeo sinalizado em Libras para o português oral (interpretação-voz). Os cursistas foram expostos ao tema e texto sinalizado apenas no momento da interpretação, sem nenhuma etapa de pré-interpretação. Os cursistas assistiram aos vídeos em uma tela de computador e de maneira autogerida, reproduziam os arquivos de vídeo e produziam a respectiva interpretação para o português oral. Não lhes era permitido pausar, interromper ou reiniciar a interpretação depois do início dos vídeos. O áudio da interpretação para o português oral foi gravado em um gravador de marca Sony modelo Sony Px-470. O local da realização da tarefa ocorreu em uma sala reservada no prédio da Faculdade de Letras/UFMG e os alunos realizaram a tarefa individualmente sem ter acesso às atividades uns dos outros.

4.2 Material

A turma A, com o total de 15 alunos, realizou a interpretação-voz do Vídeo 1 (duração de 03min04s) sinalizado em Libras por um surdo e que tem como tema “Ditadura militar”. Já os cursistas da turma B, com o total de 14 alunos, interpretaram o Vídeo 2 (duração de 3min38s) sinalizado em Libras por outro surdo e que tinha como tema “Imposto de Renda”. Para nossa análise, selecionamos as sentenças em Libras que continham informações numéricas e/ou com datilologia. A transcrição completa dos vídeos é fornecida a seguir.

O Vídeo 1 foi originalmente produzido e utilizado em banca de concurso para vaga do cargo de tradutor e intérprete de língua de Libras/português. Já o Vídeo 2 foi produzido com a intenção de informar a comunidade surda sobre a Declaração do Imposto de Renda.

Transcrição do vídeo 1 - Ditadura Militar

SEM INFORMACAOTEXTUAL NA TELA
 {TEMA: DITADURA MILITAR O VIDEO COMEÇA AGORA...}
 TELA ESCURA
 IMAGEM DO SINALIZADOR CONGELADA

AGORA ANO **2018** VOCES VER BRASIL GERAL PROBLEMA ESTADO RIO DE JANEIRO SOLDADO-MILITAR ENTRAR VIOLÊNCIA PEGAR PRENDER BATER PAU-BATER PRENDER JOGAR [] COISA [] VER IST@ LEMBRAR LA IST@ **1964** PERIODO **1985** PERIODO ACONTECER HISTORIA LA SINAL RETIRAR PRESIDENTE QUEM PESSOA NOME **J-O-A-O G-O-U-L-A-R-T** EL@ TER PROPOSTA LISTAR DISTRIBUIR POPULAÇÃO GERAL INCENTIVAR DESENVOLVER AJUDAR AFINIDADE ACOSTUMAR INCENTIVAR AJUDAR MAS AQUI GRUPO SOLDADO-MILITAR MOVIMENTO VER NAO-CONCORDAR DEL@ PROPOSTA LISTAR NAO-CONCORDAR NOS DESCONFIAR EL@ SINAL EL@ **C-O-M-U-N-I-S-T-A** POR ISSO NOS REVOLTAR GRUPO SOLDADO-MILITAR EXPULSAR SUBSTITUIR EL@ MILITAR PRESIDENTE NOV@ SO PROVISORI@ VERDADE PRESIDENTE NAO [] AQUI CONGRESSO NACIONAL GRUPO SOLDADO MILITAR FORÇA COMBINAR DISCUTIR COMBINAR ESCOLHER PRESIDENTE NOV@ JA EL@ SUBSTITUIR EL@ PRESIDENTE SUBSTITUIR# EL@ EXERCITO BARBA SERIO NOME EL@ **C-A-S-T-E-L-O B-R-A-N-C-O** EL@ SOLDADO-MILITAR DESINCORPORAR EMPURRAR TRABALHAR POPULACAO GERAL AJUDAR INCENTIVAR INCORPORAR EXERCITO TRAIR POPULACAO GERAL ASSUSTAR ENGANAR AGONIAD@ POR-QUE APROVEITAR CONGRESSO GRUPO ASSINAR LEI LEI DAR PRESIDENTE RECEBER FORCA MANDAR DESTRUIR POPULACAO GERAL ANGUSTIAD@ COMECAR BAGUNCA PEGAR PRENDER PAU BATER BAGUNCA VOCES PENSAR IMAGINAR SURDO LA ACONTECER LA DENTRO ACONTECER LA COMO SURDO COMUNIDADE INTERAGIR LINGUA DE SINAIS AQUI SOLDADO MILITAR GRUPO MOVIMENTO VER SINALIZACAO DESCONFIAR SINALIZAÇÃO EL@ PARECER SECRETO **C-O-D-I-G-O** POR-ISSO GRUPO SOLDADO MILITAR BAGUNÇA PEGAR PRENDER PEGAR JOGAR PRENDER BATER BAGUNÇA UP HOJE UP ACONTECER LA HISTORIA IST@ **1964** PERIODO **1985** PERIODO **21** ANOS COMPARAR IST@ **2018** COMPARAR VOCES PENSAR REFLETIR

CONGELAMENTO DA IMAGEM DO SINALIZANTE
 TELA ESCURECE {FIM DA TAREFA 2} TELA ESCURECE

Transcrição do Vídeo 2 - Imposto de Renda

SEM INFORMACAO TEXUAL NA TELA
 {IMPOSTO DE RENDA ESCLARECIMENTO - FENEIS - 2013}
 IMAGEM DO SINALIZADOR CONGELADA

EU QUERER AVISAR NOS SURD@S AQUI AQUI FENEIS PREOCUPAR AVISAR OBJETIVO FENEIS E ESS@ ENTAO (PU) [] AGORA JA AVISAR WWW<HESITAÇÃO> GRUPO-LEAO VER ESS@ {HTTP://WWW.RECEITA.FAZENDA.GOV.BR/}[] GRUPO-LEAO PARA- QUE (PU)[] NOS TRABALHAR-PESSOA BRASIL OBRIGATORI@ AVISAR GOVERNO ORGANIZAR O-QUE PAPEL ESS@ (IXPALM) PAPEL (IXPALM) SO INTERNET DIGITAR SO SOMAR UM ANO VOCE TER SALARIO MAIS SALARIO SOMAR DESPESA(HESITAÇÃO> MEDIC@ (PU) ESCOLA FILH@ DIVERS@S PROPRI@ CASA PROPRI@ CARRO SOMAR DENTRO DIVERS@ MAIS {R\$ 24.556,65} VINTE QUATRO (TRES) MIL QUINHENTOS CINQUENTA SEIS VIRGULA SESENTA CINCO DOIS MIL DOZE PASSADO VOCE NOS PESSOA SURD@ OUVINTE NEGR@ QUALQUER OBRIGAD@ AVISAR GOVERNO AGORA VOCE PRECISAR VER PASSADO WWW VOCE CLICAR ABRIR-TELA OLHAR-TELA OLHAR-TELA-DIRECAO LADO DIREITO-TELA-LADO VOCE CLICAR<HESITACAO> ABRIR-TELA ESS@{INFORMACAO TEXTUAL:IMAGEM} ESS@ PRECISAR DIGITAR PREENCHER MAS ANTES VOCE PRECISAR CUTUCAR SU@ EMPRESA TRABALHAR PEGAR-PAPEL NOME DECLARACAO {DECLARACAO DE RENDIMENTO PARA IMPOSTO DE RENDA} D-E-C-L-A-R-A-C-A-O D-E R-E-N-D-I-M-E-N-T-O VOCE ESS@ SALARIO LA

DESCONTAR 13 S-A-L-A-R-*-O DESCONTAR I-N-N-S DESCONTAR LISTAR LA PREENCHER VOCE DIGITAR
 HORA LÁ DIGITAR SOMAR PRONTO VOCE QUER MANDAR GOVERNO VOCE PRECISAR SALVAR
 COMPUTADOR (PU) WWW OLHAR {INFORMAÇÃO TEXTUAL EM TELA:IMAGEM} DEPOIS VOCE
 SALVAR PRONTO ESS@ PASSADO DIGITAR F-O-R-M-U-L-A-R-I-O DIGITAR PRONTO ESS@ CLICAR R-E-C-
 E-I-T-A-N-E-T SALVAR ENVIAR GOVERNO VER AUMENTAR PRONTO VOCE AVISAR-ME OK DEPOIS VOCÊ
 ESQUECER NAO VOCÊ IMPRIMIR ESS@ IMPRIMIR PASTA S@ PASTA CASA PROCURAR-ARQUIVO GUARDAR-
 ARQUIVO UM ANO UM ANO UM ANO SEMPRE VOCE PRECISAR AVISAR GOVERNO VOCE PODE SALVAR
 COMPUTADOR S@ ATE D-I-A 30 ABRI*L {30 DE ABRIL DE 2013} OBRIGAD@
 {CREDITOS}

4.3 Transcrição dos dados

Para realizar a transcrição dos dois textos sinalizados em Libras fizemos o uso do ELAN¹⁹ (CRASBORN; SLOETJES, 2008) que é um software comumente utilizado em pesquisas com as línguas de sinais. Além de transcrever os textos sinalizados em Libras fizemos a identificação e anotação dos itens sinalizados e que foram considerados como gatilhos de problema. Nas imagens a seguir, apresentamos a tela do software ELAN contendo o registro dos dois textos de partida utilizados no estudo.



Figura 3. Vídeo “Ditadura Militar” transcrito no ELAN.

¹⁹ O EUDICO Language Anotador (ELAN) é um software gratuito desenvolvido no *Max Planck Institute for Psycholinguistics* que permite fazer anotações a partir de arquivos de áudio e vídeo. O download gratuito assim como demais informações sobre o software podem estar disponíveis no endereço <<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>>.

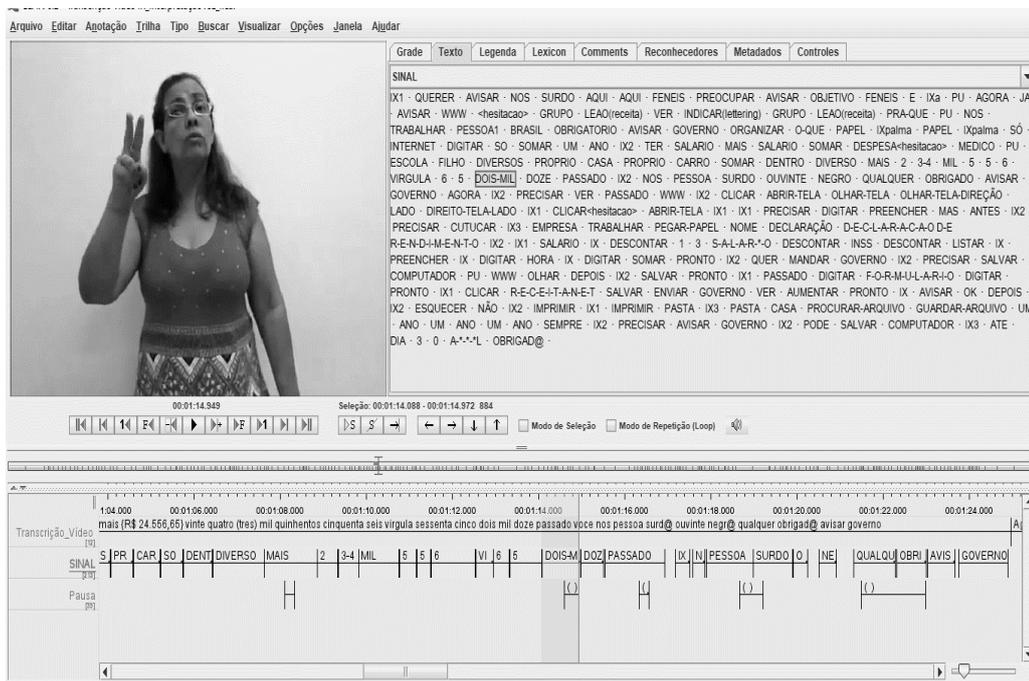


Figura 4. Vídeo “Imposto de Renda” transcrito no ELAN.

Após a transcrição da sinalização dos dois vídeos, realizamos também a transcrição de todas as interpretações-voz separadamente. Infelizmente, dada a forma como as interpretações foram gravadas, não foi possível fazer a sincronização de cada interpretação com a sinalização dos vídeos. Por esse motivo, não teceremos nenhuma consideração sobre o posicionamento temporal dos intérpretes durante a tarefa.

A transcrição dos textos produzidos em português-oral pelos intérpretes foi realizada no programa de processamento de texto *Word*, e, por se tratar de textos orais, optamos por utilizar o Sistema de Transcrição de Jefferson (JEFFERSON, 2004). Esse sistema de transcrição, elaborado por Gail Jefferson, é composto por símbolos²⁰ e códigos que nos permite anotar os padrões de uma fala ou de uma conversa em diversos tipos de ambientes e contextos, como um discurso, a interações entre atores, a interação conversacional em empresas e instituições públicas, por exemplo.

²⁰ Para ver o quadro completo do Sistema de Transcrição de Jefferson com a descrição do símbolo, a definição de cada símbolo e o seu uso para análise conversacional acesse o site: < <https://www.universitytranscriptions.co.uk/jefferson-transcription-system-a-guide-to-the-symbols/>>.

O sistema de transcrição mencionado é importante em nossa pesquisa para que possamos na análise dos dados observarmos não somente o que foi dito pelos intérpretes, mas também *como* foi dito. De modo que, pudemos anotar, por meio de códigos, as pausas e os prolongamentos produzidos pelos intérpretes nas tarefas. Tomamos como referência para a nossa análise, o Sistema de Transcrição de Jefferson descrito em Loder e Jung (2009). As autoras dividem alguns possíveis elementos encontrados no ato da fala em quatro categorias são elas: i) os aspectos de produção da fala (entonações, tipos, ênfases e prolongamento de som, velocidades da fala e fala sobreposta); ii) a inspiração/expiração/riso; iii) o lapso de tempo (medida de silêncio em segundos e décimo de segundos); e iv) a formatação, os comentários e as dúvidas (elocuições contíguas, segmentos não compreendidos, atividade não-vocal).

Os símbolos utilizados no sistema e suas respectivas descrições e definições (ATKINSON; HERITAGE, 1999; LODER; JUNG, 2009; TRANSCRIPTIONS, [s.d.]), são apresentados no quadro a seguir:

ASPECTOS DA PRODUÇÃO DA FALA		
Símbolo	Descrição	Definição de uso
.	Ponto final	Entonação descendente. Queda no tom, não necessariamente o fim de uma frase.
?	Ponto de interrogação	Entonação ascendente. Inflexão crescente, não necessariamente uma pergunta.
,?	Vírgula e ponto de interrogação	Entonação ascendente mais fraca do que indicada por um ponto de interrogação.
!	Ponto de exclamação	Entonação (tom) animado, não necessariamente uma exclamação.
,	Vírgula	Entonação intermediária, indica uma entonação contínua, não necessariamente entre as orações das frases.
:	Dois-pontos	Prolongamento do som, extensão do som ou da sílaba. A vogal ou consoante pronunciada de modo prolongado.
↑	Flecha para cima	Som mais agudo do que os do entorno. Subida abrupta acompanhada de descida.
↓	Flecha para baixo	Som mais grave do que os do entorno. Descida abrupta acompanhada de subida.

-	Hífen	Corte abrupto na produção vocal. Um único traço indica uma interrupção, um corte abrupto ou, quando vários traços hifenizam as sílabas de uma palavra ou conectam sequências de palavras, o fluxo de conversa marcado parece com uma gagueira
Fala	Sublinha	Ênfase em som
FALA	Maiúscula	Som em volume mais alto do que os do entorno. Indica uma expressão, ou parte dela, que é pronunciada muito mais alto do que a conversa do entorno.
°fala°	Sinais de graus	Som em volume mais baixo do que os do entorno
°°fala°°	Sinais de graus duplos	Som em volume destacadamente mais baixo do que os do entorno.
>fala<	Sinais de maior do que e menor do que	Fala acelerada. A fala é proferida em um ritmo mais rápido.
<fala>	Sinais de menor do que e maior do que	Fala desacelerada.
[]	Colchetes	Fala sobreposta (mais de um interlocutor falando ao mesmo tempo).
INSPIRAÇÕES-EXPIRAÇÕES/RISOS		
Símbolo	Descrição	Definição de uso
.hh	Série de h precedido de ponto	Inspiração audível. São inseridos na fala no local onde ocorre a inspiração.
hh	Série de h	Expiração ou riso.
LAPSOS DE TEMPO		
Símbolo	Descrição	Definição de uso
(2,4)	Números entre parênteses	Media de silêncio (em segundos e décimos de segundos). Ser inserido dentro do enunciado onde ocorreu o silêncio/pausa. Uma curta pausa indeterminada em uma expressão é indicada por um travessão, e é inserido entre o final de uma palavra até o início da próxima palavra.
(.)	Ponto entre parênteses	Silêncio de menos de 2 décimos de segundo.
FORMATAÇÃO – COMENTÁRIOS - DÚVIDAS		
Símbolo	Descrição	Definição de uso
=	Sinais de igual	Eloções contíguas: quando não tem intervalo entre enunciados adjacentes (duas pessoas) ou quando um único falante liga partes diferentes da expressão constituindo um fluxo contínuo de fala que foi transportado para outra linha (por conta do design da transcrição) acomodando uma interrupção intermediária.
()	Parênteses vazios	Segmento de fala que não foi entendido, portanto, não pôde ser transcrito.
(fala)	Segmento de fala entre parênteses	Transcrição duvidosa.

((levanta da cadeira))	Parênteses duplo	Descrição de atividade não-vocal.
_____	Direção do olhar	Quando o falante ou o destinatário estão se olhando no momento da interação
→	Seta na horizontal	Usada pelo analista para destacar uma frase de especial interesse.
X	Uso da letra X	Quando ocorre aplauso e a quantidade e a letra X em maiúsculo ou minúsculo indica a intensidade do aplauso
{ }	Chaves	Enunciado idêntico ao escrito no texto.

Quadro 1. Sistema de Transcrição de Jefferson.

Considerando os nossos objetivos e interesses, em nossa pesquisa anotamos principalmente as seguintes ocorrências:

Símbolo	Descrição	Definição de uso
:	Dois-pontos	Prolongamento do som, extensão do som ou da sílaba. A vogal ou consoante pronunciada de modo prolongado.
:::	Sequência de dois-pontos	A quantidade de : marcada no item analisado representa a intensidade (maior duração) do prolongamento.
(2,4)	Números entre parênteses	Media de silêncio (em segundos e décimos de segundos). Ser inserido dentro do enunciado onde ocorreu o silêncio/pausa.
(.)	Ponto entre parênteses	Silêncio de menos de 2 décimos de segundo.
()	Parênteses vazios	Segmento de fala que não foi entendido, portanto, não pôde ser transcrito.
(fala)	Segmento de fala entre parênteses	Transcrição duvidosa.

Quadro 2. Principais símbolos utilizados na transcrição das interpretações.

Para a marcação das pausas e prolongamentos também utilizamos o Elan, já que os áudios gravados com a interpretação-voz dos intérpretes foram inseridos no software, de modo que pudemos identificar a intensidade (duração) dos prolongamentos e das pausas no visualizador das formas de onda dos áudios, conforme ilustrado na figura a seguir:



Figura 5. Visualizador de forma de onda de áudio no ELAN.

Feito isso, as pausas e prolongamentos foram registrados nos textos transcritos referentes a interpretação-voz. Um exemplo de transcrição é fornecido a seguir:

Transcrição de Interpretação-Voz – Sujeito 10 – Vídeo “Ditadura Militar”

Hoje no ano de **dois mil e dezoito** (.) quando nós olhamos para (.) o cenário do Brasil (.) no estado do Rio de Janeiro (.) a questão da Ditadura Militar (.) né pessoas que eram presas eh:: eh:: eh:: o é torturada:s (2,5) quando nós olhamos (.) para o ano (.) **de mil novecentos e sessenta e quatro** (.) até o ano de **mil: novecentos e oitenta e cinco** o que aconteceu vocês sabem: (.) né (.) quem que foi o presidente que foi eleito: (3,0) **João Goulart** (3,3) ele tinha várias propo:stas (.) ele incentivava o povo para que eles pudessem (.) se desenvolver (.) ele ajudava o povo (2,2) mais tinha os militantes (.) os: que eram a favor da ditadura e que não concordavam com ele o João Goulart (3,6) era o que os **comunistas** então por isso eles por eles serem comunistas o povo sempre o que (.) não queriam (.) ele então (.) ele foi um presi presidente provisório (.) lá né Brasília o grupo a gente pode ver eh: (.) as as () (.) as reuniõ:es que eles tinham:: (5,1) eh:: depois disto quem substitui ele foi (.) o outro preside:nte (5,3) e lá o **Castelo Bra:nc**o (.) esse e (.) general ele trabalhava pelo povo ajudava incentivava o povo (3,3) e de repente ele: (.) ele se: virou contra o povo e o povo ficou angustia::do nossa: ele me enganou: (.) eh::: ele: ele mudou a lei de tal forma que:: (.) todo o poder ficava centrado no presidente então foi aí que teve essa questão de: (.) tortu::ras (5,7) eh::: a questão dos su:rdo:s (2,0) quando eles viam (.) os surdos sinalizando (.) eles sentiam como se os surdos estivessem (.) **conversa:ndo em có::digo** (2,3) então por isso esse povo da ditadura (.) prendiam os su:rdo:s e torturavam eles batiam neles (2,4) e essa historia de **mil novecentos e sessenta e quatro** (.) até **mil** (.) **novecentos e oitenta e cinco** (.) **vinte e um** anos (2,9) então é uma questão pra gente tá refleti:ndo.

Quadro 3. Exemplo de transcrição de interpretação do Vídeo “Ditadura Militar”.

Transcrição de Interpretação-Voz – Sujeito 2 – Vídeo “Imposto de Renda”

Eu queria trazer um aviso pra vocês:: (.) surdos: (.) aqui da FENEIS (.) uma vez que: (.) nossa federação estamos (.) extremamente preocupados (.) com a seguinte situação (.) então nós queríamos informar para vocês (3,0) que:: no site né: (.) da Receita Federal (.) esse site que eu tô mostrando aqui pra vocês (.) relacionar especificamente o imposto de renda: (.) merece um certo esclarecimento (.) a respeito do (.) que todo trabalhador (.) brasileiro preci:sa (.) in:formar sua situação financeira (.) pa:ra a Receita Federal (.) fazendo isso através (.) de um documento on line (.) anualmente (.) ou seja (.) a pessoa que recebe (.) uma determinada quantidade de **salá:rio** (.) é no ano: e com algumas despesas relacionadas por exemplo (.) a: moradi:a (.) carro saú:de (.) filhos (.) tem que fazer uma declaração (.) um valor: (.) anual acima de (.) **vinte e quatro mil reais** (2,0) se você ganhou esse

valor (.) acima desse valor (.) no ano passa:do você é obrigado a informar (.) a receita federal (4,4) então: lembre de você acessar esse site que eu informei pra vocês: (.) e você ao clicar nesse site (.) você vai encontrar a seguinte opção na aba download: (.) Programas para Você (.) você então (.) precisa: (.) clicar nesse link preencher as informações (.) e lembrando algo importante (.) é muito necessário: é extremamente relevante que você (.) receba das empresas que você trabalha (.) você busca essas empresas (.) e peça declaração: de rendimentos (.) para (.) imposto de renda (.) que é justamente o documento que vai tá informando: (1,1) do seus salários descontos possíveis que possam ter (.) com essa informações você vai preencher no site (.) calculando todos os valores (.) e vai enviar isso para a Receita Federal (2,0) é importante que seja feita a partir do download do programa que você pode fazer (.) clicando nesse seguinte link (.) receita ponto net (.) assim que você (.) fizer o download (.) você vai (.) preencher: (.) o formulário (3,9) eh: (.) no: receipt (.) você vai fazer o envio para a Receita Federal (.) esperando inclusive que aconteça a transmissão desse documento (.) e você vai nos dizer (.) tá bom: (.) não esqueça de fazer isso (.) e você (.) pode ao final de todo o processo imprimir o recibo e guardar com você ao longo dos anos ok (.) lembre-se disso você precisa fazer sempre essa informação para o governo (.) lembrando que o prazo é até o dia trinta de abril tá bom muito obrigado pela atenção de vocês.

Quadro 4. Exemplo de transcrição de interpretação do Vídeo “Imposto de Renda”.

4.4 Categorias de análise

Nossa análise dos dados se constitui de duas etapas. A primeira delas tratou de identificar se as informações numéricas e datilológicas estavam presentes na interpretação-voz produzida pelos intérpretes. Assim, buscávamos identificar se nossa hipótese inicial de que números e datilologias constituem gatilhos de problema e que a presença desses gatilhos no texto de partida pode resultar em efeitos negativos na produção do texto de chegada, tais como erros, omissões²¹ e/ou infelicidades.

Considerando que números e nomes próprios (aqui nos interessa os que são produzidos em Libras por meio de datilologia) são itens de língua que não possuem uma representação conceitual (SEEBER, 2015; TIMAROVÁ, 2012) e são altamente informativos (ALESSANDRINI, 1990; GILE, 1984, 1995), intérpretes não conseguem lançar mão de diversas estratégias comumente empregadas no processo, tais como, criação de expectativa, antecipação e nem mesmo utilizarem-se de paráfrases e reformulações (BRAUNS; CLARICI, 1996; GILE, 1984; MAZZA, 2001; PETER, 2015; PINOCHI, 2009).

²¹ Barbosa (2014) diz que as omissões “são aquelas informações que estão presentes na LF [língua fonte] e não são interpretadas na LA [língua alvo].”

Por esse motivo, em nossa análise da interpretação produzida pelos intérpretes consideramos apenas três categorias possíveis:

- i) Equivalência: quando o item numérico ou datilológico produzido pelo intérprete correspondia ao item no texto de partida;
- ii) Omissão: quando o intérprete não produzia o item numérico ou datilológico em sua interpretação (BARBOSA, 2014);
- iii) Erro: quando o intérprete produzia de maneira não equivalente (BARIK, 1971) o item numérico ou datilológico. Por exemplo, o intérprete produz “mil novecentos e noventa e quatro”, sendo que no texto de partida a data era 1964, ou ainda produz “Carlos Branco” ao invés de “Castelo Branco”.

Por não ser possível utilizar de paráfrases ou outras estratégias de modificação textual, não identificamos nenhuma ocorrência de infelicidade no produto dos intérpretes.

Na segunda etapa de análise dos dados, procedemos com o levantamento das pausas e prolongamentos na interpretação. Em nossos dados, identificamos dois tipos de pausa, assim como já identificados na literatura: pausas preenchidas e pausas não-preenchidas (silêncio).

Pausas preenchidas são aquelas em que o intérprete produz vocalizações que não se constituem como itens lexicais da língua e também não pertencem a nenhuma palavra específica, tais como “éh”, “ah”, “ahn” e “mm”. Estas não serão objeto de nossa análise.

Já as pausas não-preenchidas são constituídas basicamente por interrupção total da fala, ou seja, silêncio. As pausas não-preenchidas foram divididas em duas categorias: pausas curtas e pausas longas. Pausas curtas são aquelas que possuem

menos de dois décimos de segundo de duração e, conforme sistema de transcrição apresentado acima, anotamos essas pausas com o símbolo: “(.)”. Essas pausas curtas foram identificadas na produção dos intérpretes, mas a duração precisa não consta na transcrição. Já as pausas longas são aquelas que possuem duração superior a dois décimos de segundo. Nesses casos, a transcrição traz exatamente a duração da pausa, como, por exemplo, uma pausa de dois segundos e seis décimos de segundo é anotada como (2,6). É importante apontar que a distinção entre pausa longa e pausa curta adotada neste trabalho é uma distinção clássica na literatura e foi estabelecida por Goldman-Eisler (1968).

Além das pausas, identificamos também prolongamentos silábicos presentes na produção dos intérpretes. Apesar de não se tratar de uma interrupção na fala, os prolongamentos silábicos são considerados como um tipo de disfluência na fala espontânea.

É importante destacar que pausas e prolongamentos têm sido considerados como indicadores de processos mentais subjacentes à produção da fala e podem indicar, por exemplo, problemas de acesso lexical por parte do falante ou ainda dificuldades em se elaborar o discurso (GOLDMAN-EISLER, 1968). Esses fenômenos também têm sido associados à hesitação e podem indicar que o falante apresenta dúvidas ou ainda que ele está realizando escolhas de como produzir a fala (FINLAYSON; CORLEY, 2012; SMITH; CLARK, 1993).

Considerando que pausas e prolongamentos podem ser indícios de atividade mental subjacente, essas categorias têm sido utilizadas na literatura como evidência de um esforço cognitivo desempenhado pelos intérpretes durante a tarefa de interpretação. Alguns estudos que se utilizam de análise de pausas e/ou prolongamentos na interpretação são os seguintes: Gerver (1968), Goldman-Eisler (2002 [1972] 1980), Barik (1975), Čeňková (1989), Shlesinger (1994), Ahrens (2005), , dentre outros.

Além de identificarmos a presença de pausas e prolongamentos, nos interessa também identificar a posição na sentença dessas disfluências. Isso se dá ao fato de que

a presença de um gatilho de problema (datilologia ou informação numérica, em nosso caso) pode resultar em um efeito local, ou seja, no momento exato da produção do gatilho de problema, ou ainda à distância. Quando o efeito é à distância, percebe-se que um segmento da mensagem posterior àquele que contém o gatilho pode ficar prejudicado, uma vez que o intérprete lançou mão de um esforço mental maior para “salvar” um segmento de fala, colocando “em risco” o segmento seguinte (GILE, 1999). Assim, queremos identificar se a pausa ou o prolongamento aparece antes, no item ou após o item em análise.

Apresentadas as categorias de análise adotadas nesta pesquisa, os resultados serão fornecidos e discutidos no próximo capítulo.

Capítulo 5:

Análise e discussão dos dados

Neste capítulo, analisamos as interpretações produzidas pelos intérpretes das informações numéricas e datilológicas dos vídeos selecionados. Além das análises de equivalência, erros e omissões das produções, apresentamos também uma discussão a partir das pausas e dos prolongamentos identificados. A discussão dos dados focou em analisar e verificar os efeitos produzidos nos textos de chegada em relação as informações numéricas e datilológicas.

5.1 Trechos de interesse

No Vídeo 1, foram selecionadas quatro sentenças com datilologia, sendo que duas delas apresentavam datilologia de nomes próprios e duas apresentavam datilologia de substantivos comuns. O Vídeo 1 continha também sete ocorrências de informações numéricas, sendo seis ocorrências de informação temporal de ano (ex. 1964, sendo que três datas tiveram duas ocorrências cada) e uma ocorrência de informação cardinal simples (21).

Já o Vídeo 2 continha seis ocorrências de sentenças com datilologia. Quatro ocorrências são de substantivos comuns, uma ocorrência de nome próprio e uma ocorrência de acrônimo (ex. INSS). Além disso, o vídeo continha quatro ocorrências de

informações numéricas, assim distribuídas: uma ocorrência de informação temporal de ano; uma informação cardinal simples; uma ocorrência de informação numérica de valor monetário com real e centavos; e uma ocorrência de número ordinal.

O quadro a seguir sumariza as informações numéricas e as datilologias selecionadas para a análise.

Vídeo 1 "Ditadura Militar"	Datilologia	Nomes próprios	[J-O-Ã-O G-O-U-L-A-R-T] [C-A-S-T-E-L-O B-R-A-N-C-O]
		Substantivos comuns	[C-O-M-U-N-I-S-T-A] [C-Ó-D-I-G-O]
	Informações numéricas	Informação temporal de ano	2018 (1ª ocorrência)
			2018 (2ª ocorrência)
			1964 (1ª ocorrência)
			1964 (2ª ocorrência)
			1985 (1ª ocorrência)
		1985 (2ª ocorrência)	
	Informação cardinal simples	21	

Quadro 5. Ocorrências de informações numéricas e de datilologia analisadas no Vídeo 1 – "Ditadura Militar".

Vídeo 2 "Imposto Renda"	Datilologia	Substantivos comuns	[S-A-L-Á-R-I-O] [F-O-R-M-U-L-Á-R-I-O] [D-I-A] [A-B-R-I-L]
		Nome próprio	[R-E-C-E-I-T-A-N-E-T]
		Acrônimo	[I-N-S-S]
	Informações numéricas	Informação temporal de ano	2012
		Informação cardinal simples	30
		Informação de valor monetário	24.556,65
		Número ordinal	13º

Quadro 6. Ocorrências de informações numéricas e de datilologia analisadas no Vídeo 2 – "Imposto de Renda".

5.2 Análise das produções equivalentes, erros e omissões – datilologia

As interpretações em língua portuguesa foram transcritas para cada uma das ocorrências selecionadas. Assim, foi verificado se, no produto das interpretações, os profissionais produziam essas expressões de maneira equivalente. Em caso de não equivalência, identificamos se elas continham erros ou ainda se essas informações foram omitidas. Os resultados das ocorrências de datilologia são apresentados a seguir, a começar pelos dados de produção do Vídeo 1 – “Ditadura Militar”.

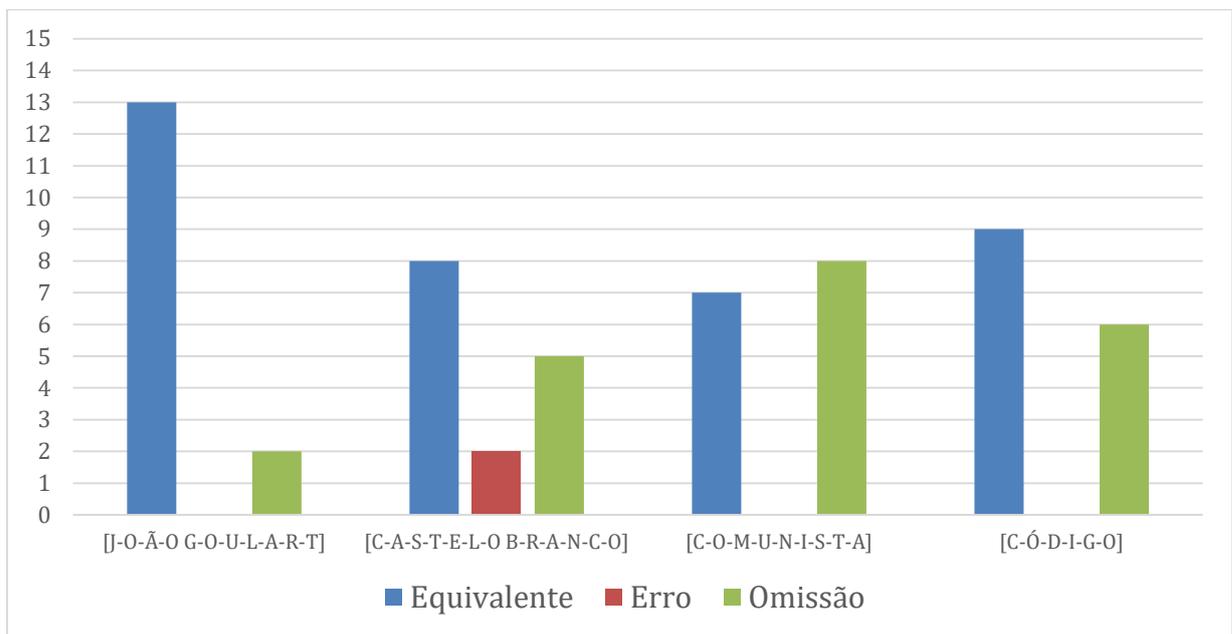


Gráfico 1. Interpretações equivalentes, erros e omissões das ocorrências de datilologia presentes no Vídeo 1 – “Ditadura Militar”.

Os resultados do Vídeo 1 confirmam que a datilologia se constitui um desafio na interpretação Libras-português. Apesar de termos observado apenas duas ocorrências de erro na interpretação do nome próprio “Castelo Branco”, chama a atenção a quantidade relevante de omissões dessas informações nas produções dos intérpretes. Esses dados reforçam o comportamento observado por Gomes (2020) que também identificou uma tendência a omissão de nomes de pessoas na interpretação dos profissionais analisados.²²

²² É preciso lembrar que Gomes (2020) analisou nomes de pessoas de duas naturezas em Libras: aqueles produzidos por meio de datilologia e aqueles produzidos por meio de sinais de identificação pessoal.

O fato de esses intérpretes optarem por omitir essas informações apresentadas na forma de datilologia pode revelar algum tipo de componente estratégico, também observado por Gomes (2020). Uma vez que houve dificuldades de se compreender o que foi apresentado na forma de datilologia, esses profissionais parecem preferir omitir a informação do que apresentá-la de forma incorreta – o que também justifica a quantidade pequena de erros observada nos dados.

Ademais, é interessante notar que essas omissões não estão presentes apenas nas datilologias referentes a nomes próprios, mas também naquelas que se referem a substantivos comuns e adjetivos (“código” e “comunista”, respectivamente). Isso é importante frisar, já que nomes próprios são sabidamente difíceis na interpretação simultânea (GILE, 1984; VIANNA, 2005), mas o fato de que até mesmo a datilologia de substantivos comuns pode impor desafios para o intérprete de Libras deve ser considerado importante, especialmente para as iniciativas de formação.

Outro fator que nos chamou a atenção é que os intérpretes obtiveram considerável sucesso na interpretação dos nomes próprios, especialmente o nome de “João Goulart”. Vale apontar que, apesar de nomes próprios serem considerados itens lexicais sem representação definida e com baixa previsibilidade, os nomes que apareceram na tarefa são nomes de ex-presidentes do Brasil e que, dado o contexto histórico, é possível que os intérpretes tenham maior conhecimento enciclopédico sobre o assunto e que isso possa ter contribuído para uma melhor compreensão e consequente produção desses nomes no discurso.

É interessante analisarmos também a natureza dos erros cometidos. Os erros apresentados pelos intérpretes possuem algum tipo de semelhança fonéticas com o item alvo, de modo que é possível levantarmos a hipótese de que esses intérpretes compreenderam parcialmente, mas não suficientemente, a datilologia apresentada. Nas duas ocorrências de erro identificadas, os intérpretes produziram “Carlos” e “Carlos Branco” ao invés de “Castelo Branco”.

Por fim, a interpretação da datilologia “c-o-m-u-n-i-s-t-a” apresentou alguns resultados interessantes. Conforme é possível observar no Gráfico 1, foram registradas

7 produções equivalentes e 8 omissões. Contudo, apesar de os intérpretes produzirem a palavra “comunista” em seus discursos, observamos que nem sempre a integração da datilologia com o restante da proposição se deu de maneira correta. No texto, o sinalizante deixa claro que a palavra “comunista” se referia ao presidente João Goulart. Contudo, 3 dos intérpretes produziram expressões como:

- *os comunistas;*
- *um grupo de comunistas;*
- *as pessoas que eram comunistas.*

Isso revela que o desafio da interpretação de datilologia não se limita à identificação correta da palavra. Mas que também é necessário que o intérprete consiga integrar essa informação ao restante da proposição contida no texto de partida. Destaca-se ainda que esse tipo de dificuldade de integração foi observado com a datilologia de “comunista”, mas não com a datilologia de “código”. Uma hipótese que podemos levantar, mas que deve ser devidamente falseada, é a de que “comunista”, por ser um adjetivo, tem função atributiva, já “código” trata-se de um substantivo simples. Por se tratar de um adjetivo, ao se deparar com a datilologia de “comunista”, o intérprete precisaria identificar a quem é atribuído esse adjetivo no discurso. É possível que esse tipo de integração de referência seja mais custoso do que a interpretação de uma datilologia de um substantivo comum. Esse dado revela a necessidade de pesquisas que não só investiguem a interpretação de datilologias de línguas de sinais para línguas orais, mas que também se atentem para as diferentes classes de palavra e seus efeitos na tarefa de interpretação. Deixaremos essa questão para investigações futuras.

O gráfico a seguir apresenta os dados do Vídeo 2 – “Imposto de Renda”.

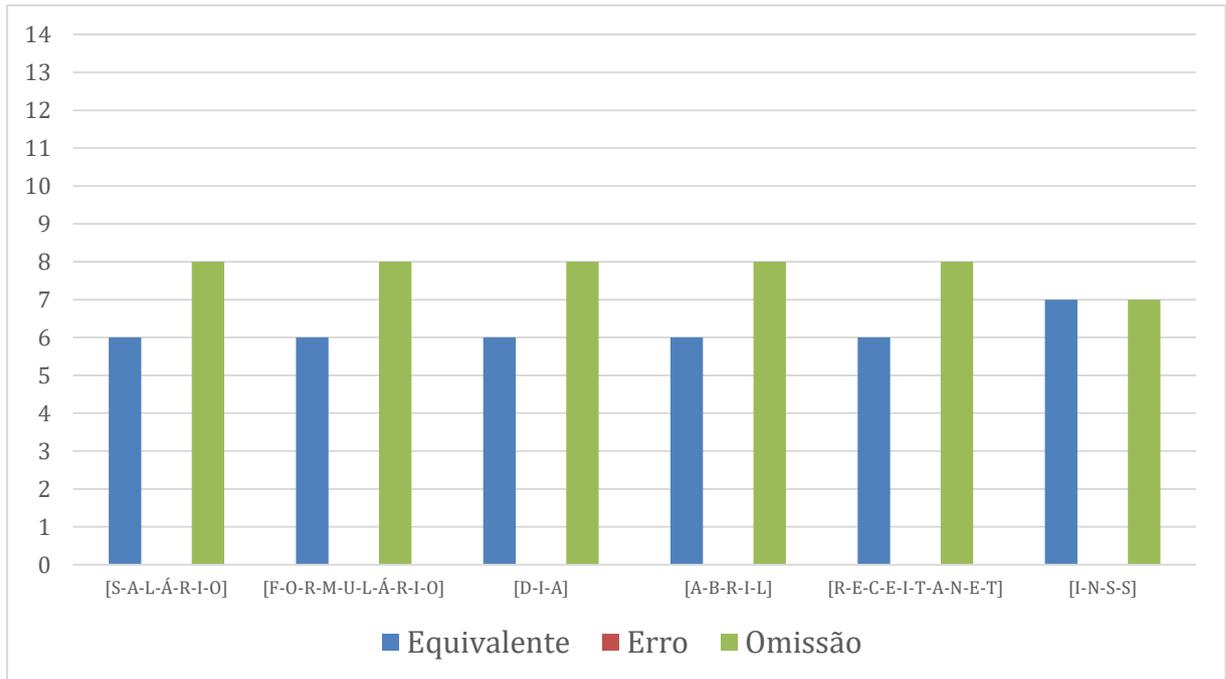


Gráfico 2. Interpretações equivalentes, erros e omissões das ocorrências de datilografia presentes no Vídeo 2 – “Imposto de Renda”.

Os dados do Vídeo 2 – “Imposto de Renda” apresentam comportamento semelhante ao observado na interpretação do Vídeo 1. Apesar de não ser possível um tratamento estatístico desses dados, no Vídeo 2 parece haver uma incidência maior de omissões do que no Vídeo 1. O que estaria levando os intérpretes a omitirem mais informações datilológicas no Vídeo 2, se comparado às omissões do Vídeo 1?

Para tentarmos responder a essa questão, levantamos a velocidade de realização da datilografia nos dois vídeos. Os dados são apresentados nas tabelas a seguir.

Tabela 1. Velocidade da datilografia no Vídeo 1.

Vídeo 1 – Ditadura Militar			
Datilografia	Caracteres	Tempo (milésimos de segundo)	Velocidade média (tempo/caracteres)
[J-O-Ã-O G-O-U-L-A-R-T]	11	5.067ms	460,64ms/caractere

[C-A-S-T-E-L-O B-R-A-N-C-O]	13	5.013ms	385,62 ms/caractere
[C-O-M-U-N-I-S-T-A]	9	4.027ms	447,44 ms/caractere
[C-Ó-D-I-G-O]	6	3.454ms	575,67 ms/caractere
Média geral de velocidade da datilologia: 467,34ms/caractere			

Tabela 2. Velocidade da datilologia no Vídeo 2.²³

Vídeo 2 – Imposto de Renda			
Datilologia	Caracteres	Tempo (milésimos de segundo)	Velocidade média (tempo/caracteres)
[S-A-L-A-R-I-O]	6 ²⁴	750ms	125ms/caractere
[F-O-R-M-U-L-A-R-I-O]	10	2.230ms	223ms/caractere
[R-E-C-E-I-T-A-N-E-T]	10	2.950ms	295ms/caractere
[I-N-S-S]	4	1.150ms	287,50ms/caractere
[A-B-R-I-L]	5	860ms	172ms/caractere
Média geral de velocidade da datilologia: 220,50ms/caractere			

Ao compararmos a velocidade de produção da datilologia entre os dois vídeos, percebe-se que a datilologia no Vídeo 2 é claramente produzida em velocidade superior ao Vídeo 1. Acreditamos que esse aumento na velocidade de produção possa resultar em uma maior dificuldade de compreensão do item pelo intérprete, o que justifica uma maior incidência de omissões no Vídeo 2. Além disso, podemos também relacionar o aumento da velocidade na datilologia a um outro gatilho de problema já conhecido na interpretação simultânea: uma fala mais rápida ou acelerada

²³ Neste cálculo não incluímos a datilologia de [D-I-A], por consideramos que esse item já foi lexicalizado na Libras, em especial na variante da sinalizante em questão (Rio de Janeiro). Por esse motivo, os tempos de produção da datilologia são bastante reduzidos, como já previsto na literatura (BRENTARI; PADDEN, 2001). A velocidade registrada foi de 76ms/caractere para [D-I-A], bastante inferior à velocidade encontrada nos demais itens.

²⁴ A sinalizante produz apenas 6 caracteres na datilologia, realizando, de fato, [S-A-L-A-R-O].

(MANKAUSKIENĖ, 2016; GILE, 2009). Observa-se ainda que na classificação de Mankauskienė (2016) a fala acelerada está classificada como um problema relacionado ao orador. Nossos dados corroboram essa observação, já que a sinalizante do Vídeo 2 apresenta uma produção da datilologia mais rápida, em geral, do que o sinalizante do Vídeo 1. Isso nos leva a constatação de que a datilologia ela é um gatilho de problema por si só, mas que pode ser agravado a depender da velocidade de produção.

Discutida a interpretação da datilologia, passemos agora para a discussão dos dados de informações numéricas.

5.3 Análise das produções equivalentes, erros e omissões – informações numéricas

Os resultados das ocorrências de informações numéricas são apresentados a seguir, a começar pelos dados de produção do Vídeo 1 – “Ditadura Militar”.

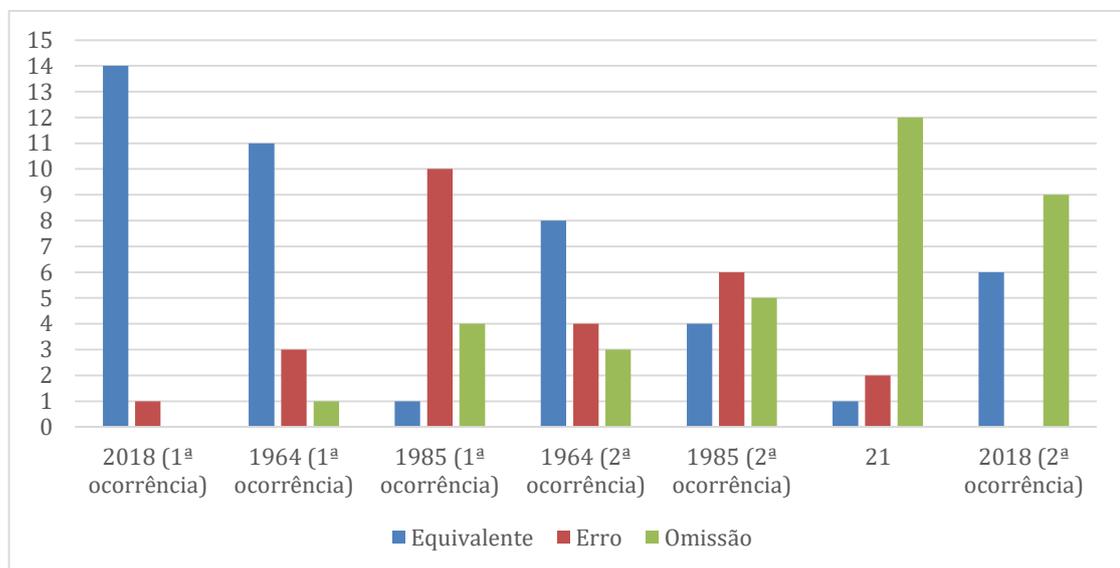


Gráfico 3. Interpretações das ocorrências de informações numéricas presentes no Vídeo 1.

Assim como constatado nos dados de datilologia, a interpretação de informações numéricas também parece ser um claro gatilho de problema na interpretação Libras-português. Vale observar que a interpretação do ano “2018” foi

equivalente em 14 dos 15 produtos analisados. O único erro encontrado foi de um dos profissionais que produziu “2010”. É interessante observarmos que esse erro parece ter sido motivado pela semelhança fonológica entre os numerais 8 e 0 em Libras.



Figura 6. Sinais referentes aos numerais 8 e 0 em Libras.

Outro erro encontrado nos dados foi a produção de “1994” ao invés do alvo “1964”, em ambas as ocorrências dessa data. Vale lembrar que os sinais numerais 9 e 6 também são foneticamente semelhantes em Libras (ver figura a seguir) e, portanto, apresentam-se mais vulneráveis a um possível erro de compreensão por parte do intérprete.



Figura 7. Sinais referentes aos numerais 6 e 9 em Libras.

Chama a atenção a quantidade elevada de erros e também de omissões nos itens “1985” (1ª e 2ª ocorrência) e “21”. Inclusive os erros cometidos foram das mais diversas naturezas:

i) Erros para “1985” – 1ª ocorrência:

- *mil novecentos e quarenta e cinco*
- *mil novecentos e sessenta e cinco*
- *mil novecentos e noventa e cinco*
- *noventa e cinco*
- *mil novecentos e setenta e dois*

ii) Erros para “1985” – 2ª ocorrência:

- *mil novecentos e noventa e cinco*
- *dois mil e quize*
- *mil novecentos e noventa e oito*
- *mil novecentos e sessenta setenta e dois*

iii) Erros para “21”:

- *doze anos*
- *dezoito anos*

Esses erros identificados são de diferente natureza. Alguns erros são lexicais (*doze* ao invés de *vinte e um*), em que os elementos que compõem o número estão corretos, mas o intérprete os produz na ordem errada; em outros, o intérprete compreende adequadamente apenas alguns dígitos e confunde outros (*mil novecentos e noventa e cinco* ao invés de *mil novecentos e oitenta e cinco*). Porém, ainda sim, a quantidade de erros e omissões é maior nesses três itens.

Para explicarmos essa quantidade grande de erros e omissões, é preciso olharmos para o contexto maior das frases em que essas informações numéricas estavam inseridas. Aqui, em ambas as ocorrências da data “1985”, ela estava precedida por uma outra informação numérica, o ano de “1964”. No texto em Libras, tem-se uma referência ao período da ditadura militar que “vai de 1964 até 1985”. Ou seja, as duas informações numéricas estão bastante próximas, sendo apresentadas na mesma sentença. As imagens a seguir mostram a primeira ocorrência dos itens “1964” e “1985”:



Figura 8. Sinalização do Vídeo 1: “1964 PERÍODO-ATÉ 1985”.

O mesmo acontece na segunda ocorrência em que além do período 1964 a 1985, o sinalizante já fala logo em seguida que isso representa um total de 21 anos:



Figura 9. Sinalização do Vídeo 1: “1964 PERÍODO-ATÉ 1985 PERÍODO 21 ANO”.

O fato de essas informações numéricas estarem tão próximas em uma mesma sentença causa dois efeitos na interpretação. O primeiro deles é que isso aumenta a densidade informacional da frase, o que já é previsto como um gatilho de problema segundo Gile (1999). Além disso, nos termos de Mazza (2001) há um efeito de “eco”, já

que a compreensão e/ou produção da informação numérica pode ter sido prejudicada(s) pela proximidade de uma outra informação numérica na sentença. Isso explicaria a quantidade elevada de erros e omissões nesses itens. Por esse motivo, observamos que há uma produção equivalente muito maior do item “1964” que é o primeiro a aparecer na sentença, mas que essa produção equivalente cai consideravelmente na produção de “1985” e, ainda mais, de “21”. Os gráficos a seguir ilustram melhor essa tendência de redução da produção equivalente do primeiro item e também o aumento nos erros e omissões dos itens subsequentes.

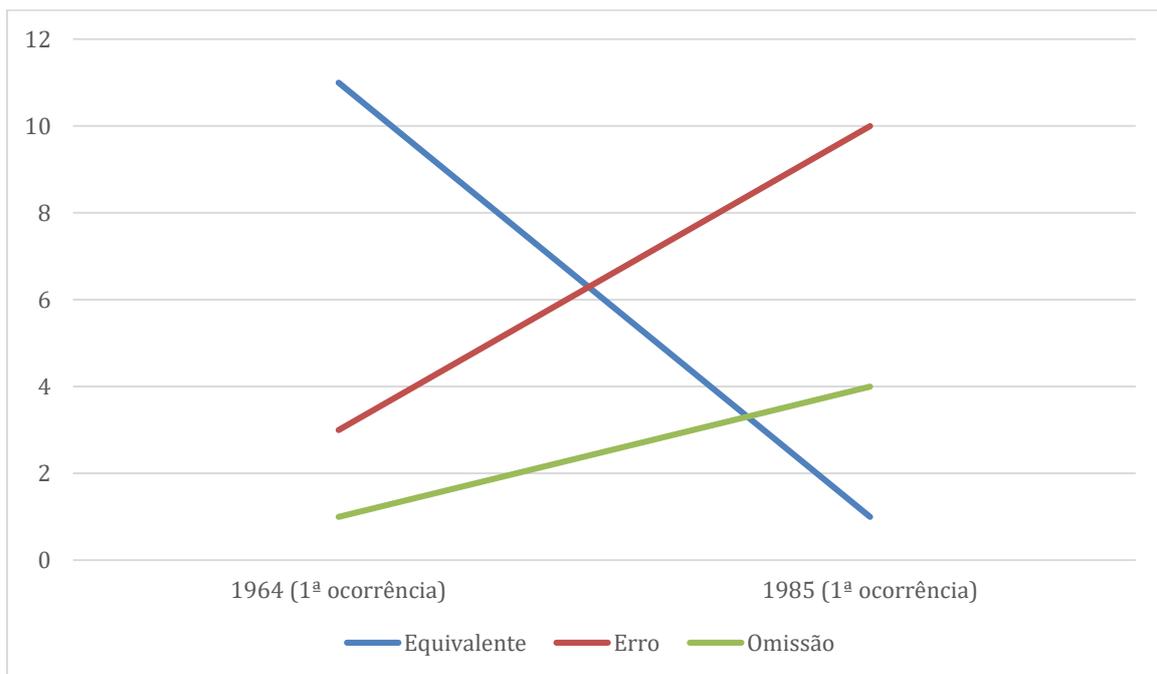


Gráfico 4. Produções equivalente, erros e omissões de informações numéricas presentes em uma mesma sentença – 1ª ocorrência.

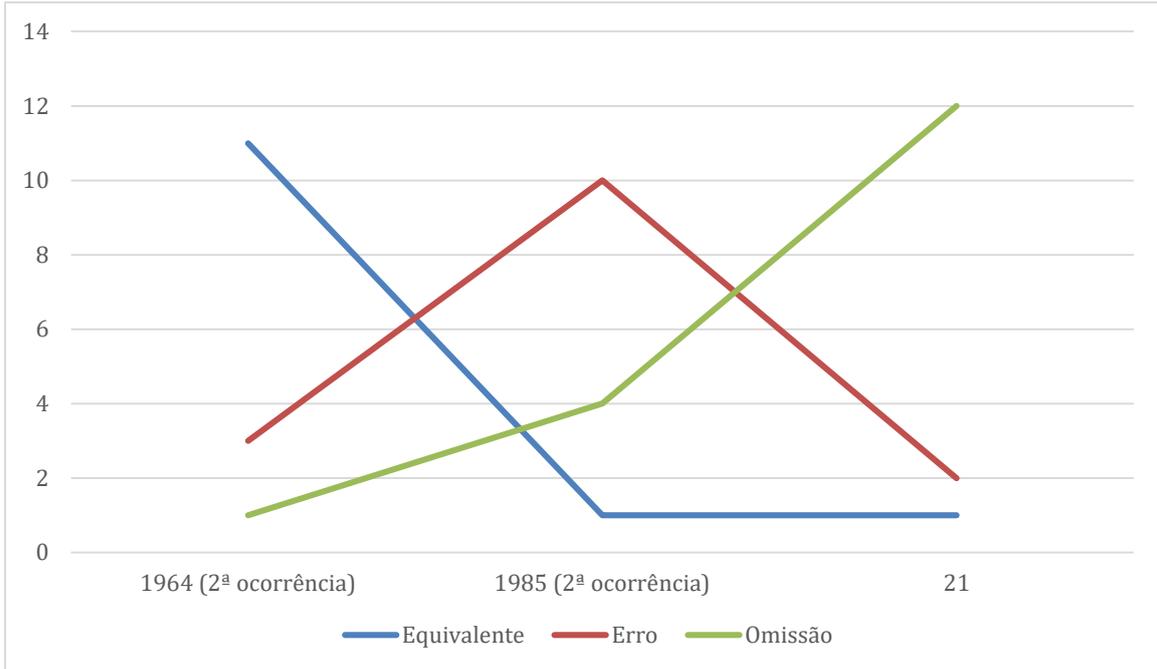


Gráfico 5. Produções equivalente, erros e omissões de informações numéricas presentes em uma mesma sentença – 2ª ocorrência.

Passemos aos resultados da interpretação das informações numéricas do Vídeo 2, apresentados no gráfico a seguir:

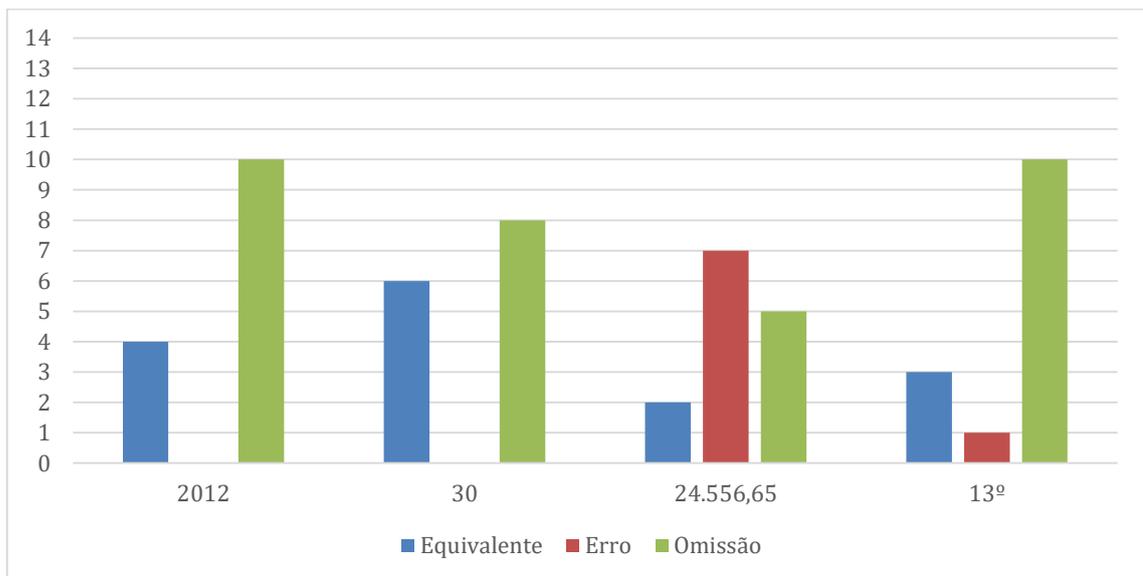


Gráfico 6. Interpretações das ocorrências de informações numéricas presentes no Vídeo 2.

Novamente, observamos no Vídeo 2 uma maior incidência de omissões. Um dos possíveis motivos para isso pode ser a velocidade de sinalização do vídeo, que discutimos na análise da interpretação das datilologias. O ponto que nos chama a atenção nesse vídeo é a quantidade de erros no item “24.556,65”. Em dois produtos, identificamos que os intérpretes produziram apenas “24.556”, não produzindo a informação referente a “65 centavos”. Em outros casos, houve o que Mazza (2001) chamou de aproximação. Nesses produtos, o intérprete indica apenas “acima de 23 mil” ou “acima de 24 mil”. Categorizamos esses produtos como erros, já que essas produções não são necessariamente convergentes às informações numéricas presentes no texto de partida. Porém, é possível identificar algum tipo de componente estratégico no comportamento desses intérpretes, seja ao omitir a informação de centavos ou ainda ao produzir um valor aproximado.

Por fim, o único erro constatado para o item 13º (salário) foi um produto que continha a informação “13%” ao invés de “13º”. Isso representa um erro de natureza da informação numérica e acaba por modificar toda a informação.

5.4 Categorias de análise das pausas e prolongamentos

Conforme descrevemos no capítulo anterior, realizamos o levantamento das pausas e prolongamentos produzidos pelos intérpretes na tarefa de interpretação-voz, a partir dos símbolos utilizados na transcrição dos dados (Sistema de Transcrição de Jefferson). A análise das pausas e dos prolongamentos parte do princípio de que eles podem ser indícios de atividade mental subjacente.

Para a análise das pausas, consideramos duas categorias principais: pausas preenchidas e pausas não-preenchidas (silêncios), curtas (<2s) e longas (2s ou mais). Para ambos os tipos de pausas, identificamos também se elas ocorrem anteriormente ao item alvo (datilologia ou informação numérica), durante a produção do item alvo, ou ainda posteriormente ao item alvo. Alguns exemplos são fornecidos a seguir:

i) *Pausa preenchida:*

No ano que vem no ano de dois mil e dezoito (.) **eh::** a situação (.) nacional: (.) teve muitos conflitos e dificuldades acerca da:: Ditadura Militar (.)

ii) *Pausa (curta) não-preenchida anterior ao item alvo (“mil novecentos e sessenta e quatro”):*

o ano (.) de mil novecentos e sessenta e quatro

iii) *Pausa (curta) não-preenchida durante a produção do item alvo (“João Goulart”):*

João:: (.) Goulart:

iv) *Pausa (longa) não-preenchida após a produção do item alvo (“código”):*

conversa:ndo em có::digo (2,3)

Já no caso dos prolongamentos também buscamos identificar em qual item o prolongamento ocorre. Se a palavra prolongada é anterior ao item alvo, se é o próprio item alvo que foi prolongado ou ainda se é uma palavra posterior ao item alvo. Exemplos de prolongamento são apresentados a seguir:

v) *Prolongamento anterior ao item alvo (“João Goulart”):*

a história teve uma mudança a cerca do **presidente** (.) João:: (.) Goulart

vi) *Prolongamento durante a produção do item alvo (“dois mil e dezoito”):*

No ano de dois mil e **dezoito** (.)

vi) *Prolongamento posterior à produção do item alvo (“formulário”):*

e salva::ndo esse formulá:::rio (.) **e:::** (.) tudo mais você preenche::ndo salva::no

A ideia principal de analisar as pausas e prolongamentos parte do fato de que a tarefa de interpretação pode ser custosa e demandante mesmo quando o intérprete está produzindo “corretamente” a mensagem. Por esse motivo, analisaremos as pausas e prolongamentos apenas dos itens que tiverem produção equivalente na

língua de chegada. Em outras palavras, nosso objetivo é o de verificar se, mesmo produzindo o item alvo corretamente em sua interpretação, é possível identificar pausas e prolongamentos no *delivery* do intérprete que, possivelmente, indicariam algum tipo de esforço cognitivo subjacente.

Passemos então a análise das pausas e prolongamentos na interpretação das datilologias e, em seguida, das informações numéricas.

5.5 Resultados das pausas e prolongamentos – datilologia

O resultado consolidado da quantidade de pausas e prolongamentos nas interpretações das informações datilológicas é fornecido nos gráficos a seguir:

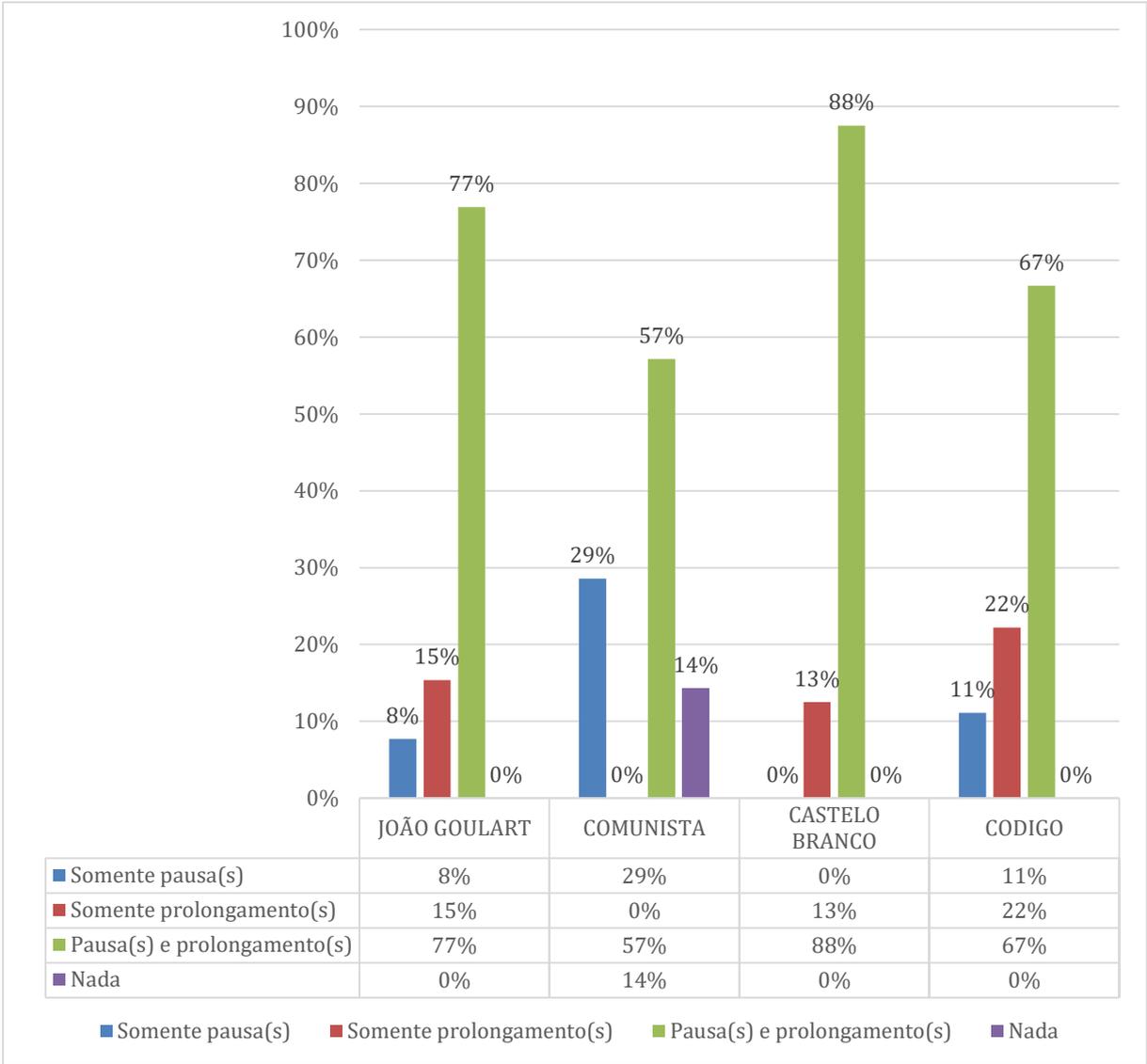


Gráfico 7. Pausas e prolongamentos presentes nas interpretações das ocorrências de informações datilológicas do Vídeo 1.

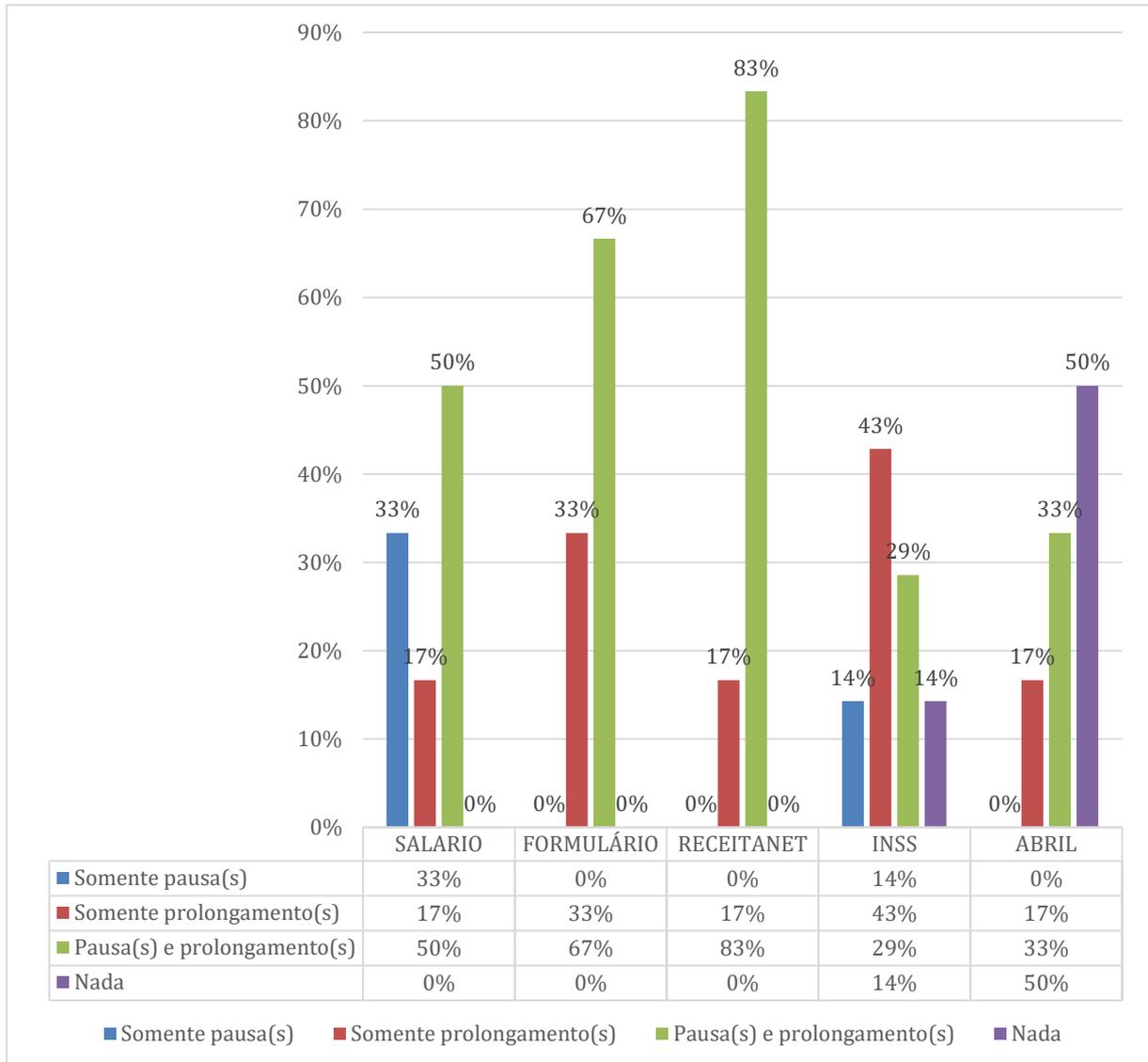


Gráfico 8. Pausas e prolongamentos presentes nas interpretações das ocorrências de informações datilológicas do Vídeo 2.

Os Gráficos 7 e 8 revelam que na maioria das produções, os intérpretes apresentaram tanto pausas quanto prolongamentos ao interpretar as datilologias. Esse resultado é interessante porque ele mostra que, apesar de esses intérpretes terem interpretado a informação datilológica de maneira equivalente, ainda sim houve pausas e prolongamentos na entrega da interpretação. Como temos assumido que pausas e prolongamentos na fala podem ser indicativos de esforço cognitivo, esses resultados parecem confirmar que a interpretação de datilologia implica, seguramente, em um gasto maior de energia mental por parte do intérprete.

Vale notar que nos itens “INSS” e “abril” há uma incidência menor de pausas e prolongamentos, em especial no item “abril”. Isso pode ser um indicativo de que a interpretação desses itens foi menos custosa se compara à interpretação das demais datilologias. Possivelmente, o item “abril” apresenta um custo menor de processamento por ser uma datilologia mais frequente e mais lexicalizada. Ou seja, a datilologia de “abril” é mais comumente utilizada em Libras, em especial na variante da sinalizante do Vídeo 2. Porém, durante a datilologia de “abril”, diferente das demais, há um *lettering* (uma legenda) na tela contendo essa informação (Figura 10). Muito provavelmente, os intérpretes se utilizarem desse recurso como apoio para a sua interpretação.



Figura 10. *Lettering* contendo a informação “30 de abril de 2013”.²⁵

Já “INSS” é uma sigla, o que, à priori, poderia ser um desafio para os intérpretes. Contudo, dado o tema do vídeo (“imposto de renda”), a sigla INSS torna-se bastante

²⁵ Apesar de no *lettering* conter a data completa “30 de abril de 2013”, a sinalizante não produz o ano em seu discurso. Por esse motivo, não há a informação “2013” em nossas análises. Além disso, é curioso observarmos que mesmo contendo o ano “2013” na tela, nenhum dos intérpretes produziu essa informação em sua interpretação.

previsível e esperada, além do fato de que a sigla INSS também é utilizada com alta frequência.

A seguir, analisaremos pausas e prolongamentos separadamente.

Os gráficos abaixo mostram a distribuição das pausas encontradas na produção dos intérpretes em cada um dos vídeos. A distribuição detalhada de pausas por item, está disponível no Anexo 1.

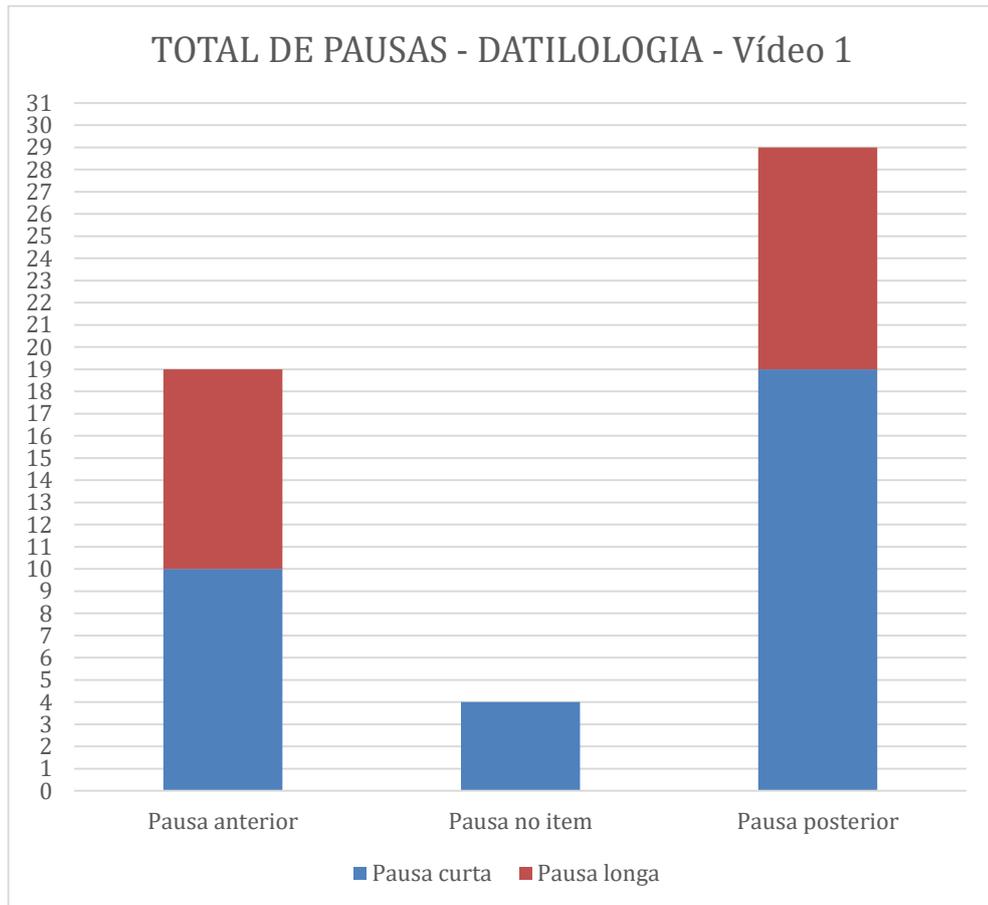


Gráfico 9. Distribuição das pausas nas interpretações das ocorrências de informações datilológicas do Vídeo 1.

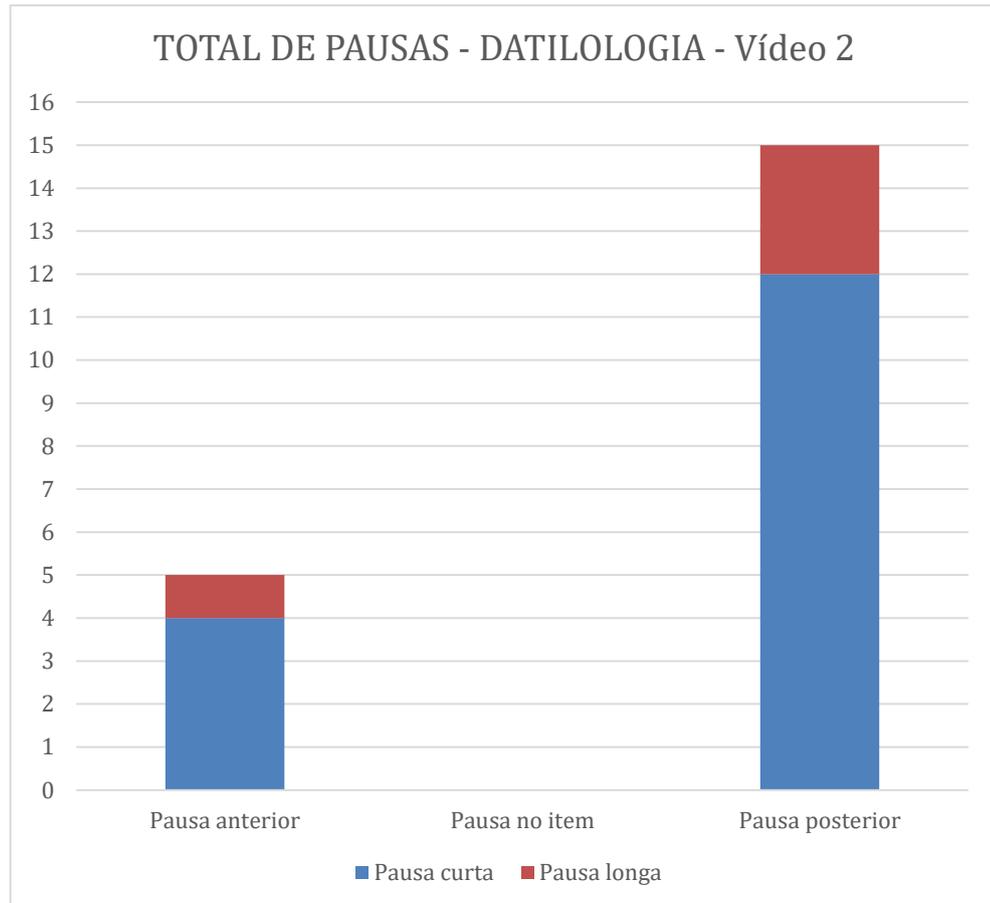


Gráfico 10. Distribuição das pausas nas interpretações das ocorrências de informações datilológicas do Vídeo 2.

Nota-se que a maior quantidade de pausas se concentra após o item-alvo, ou seja, após a produção da datilologia. É interessante observarmos que, inicialmente, poderíamos esperar que o intérprete realizasse a pausa antes de produzir a datilologia. Porém, apesar de haver pausas anteriores à datilologia, houve uma maior ocorrência de pausas posteriores à produção do item. É difícil precisarmos o porquê de isso ocorrer. Mas, podemos levantar algumas hipóteses.

Se considerarmos a datilologia como um gatilho de problema, ela pode resultar em uma instabilidade na distribuição dos recursos mentais do intérprete (GILE, 1999) – mesmo ele tendo compreendido e produzido o item adequadamente. Assim, após a produção da datilologia, essa pausa, que pode ser curta ou longa, talvez indique esse dispêndio extra de energia por parte do intérprete.

Outra possibilidade – e que talvez complemente a hipótese anterior – é que a datilologia pode trazer desafios para o intérprete de integrar a informação datilológica ao restante da sentença produzida. Esse desafio de integração também poderia resultar nessa pausa observada. Por exemplo, ao se deparar com a datilologia de “comunista”, o intérprete precisa não somente compreender a datilologia em si, mas também integrar essa informação, estabelecendo uma referência para esse item e produzi-lo dentro de uma sentença bem formada em língua portuguesa.

Já ao analisarmos os prolongamentos, observa-se uma distribuição diferente, apresentada nos gráficos a seguir. A distribuição dos prolongamentos por item está no Anexo 2.

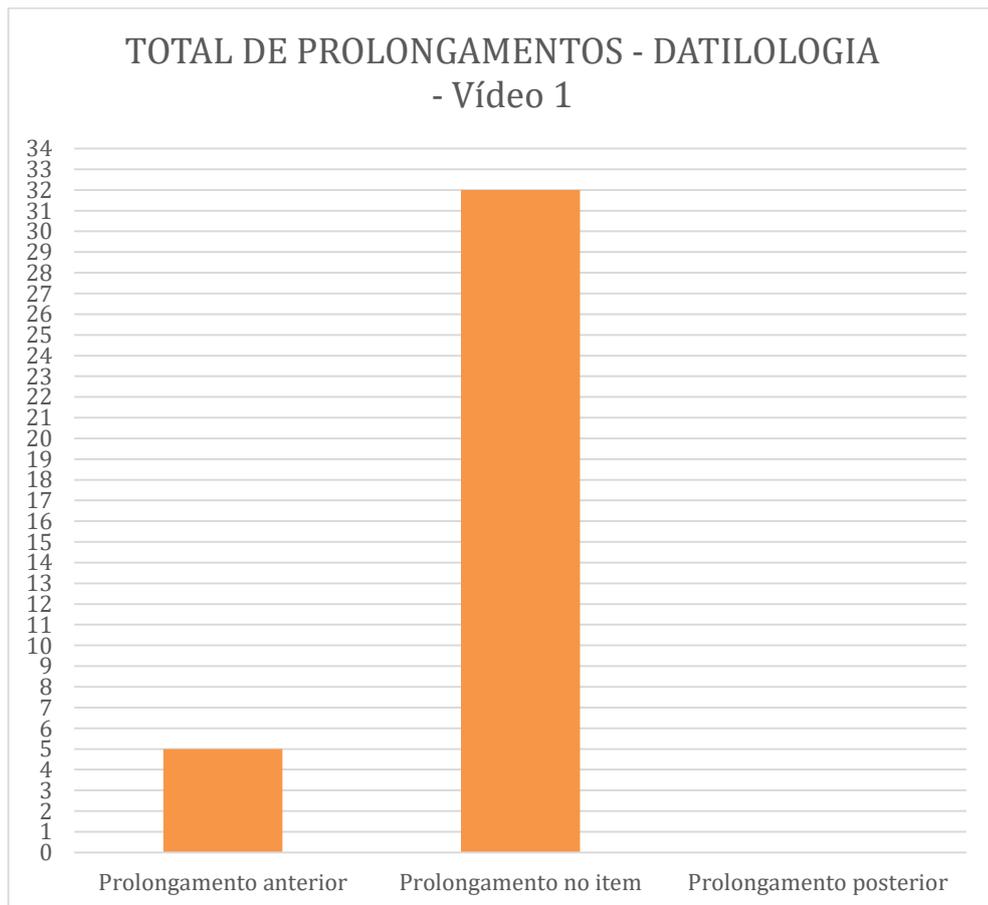


Gráfico 11. Distribuição dos prolongamentos nas interpretações das ocorrências de informações datilológicas do Vídeo 1.

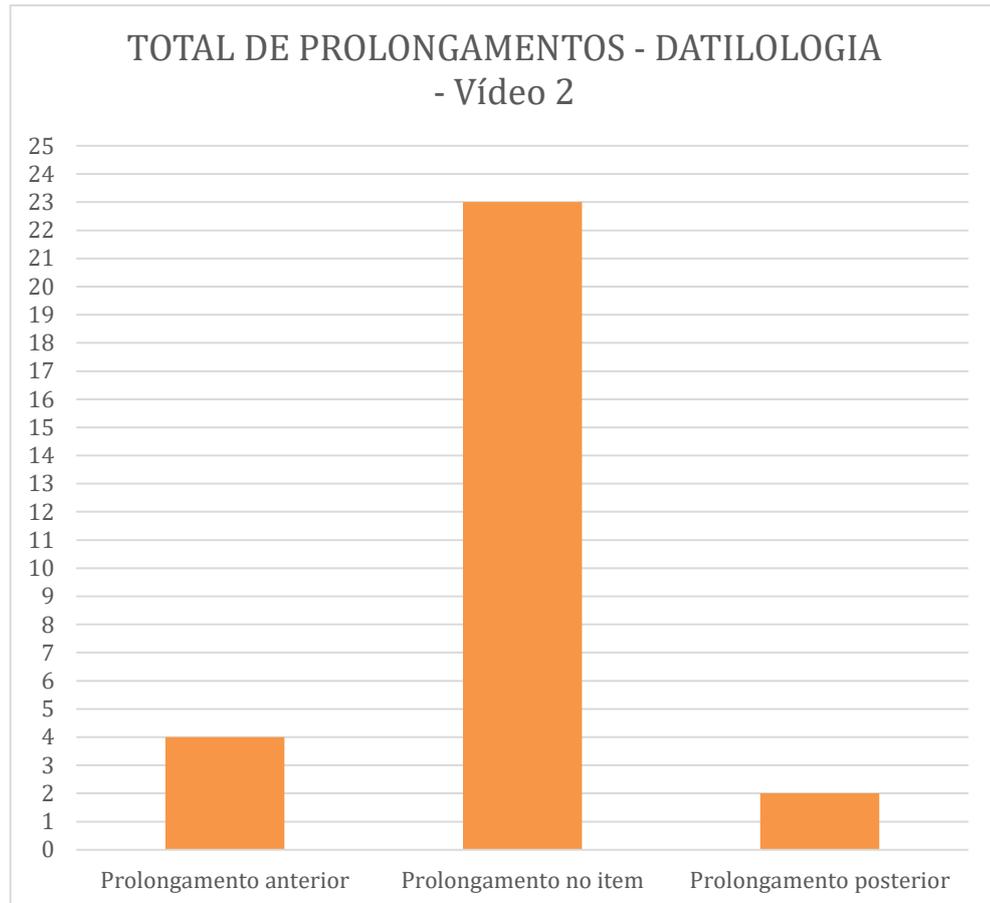


Gráfico 12. Distribuição dos prolongamentos nas interpretações das ocorrências de informações datilológicas do Vídeo 2.

Os dados acima mostram que a absoluta maioria dos prolongamentos identificados foram na produção da interpretação do próprio item datilológico. Prolongamentos anteriores ao item e posteriores ao item não foram muito frequentes. Novamente, o prolongamento pode ser entendido como uma disfluência na fala, o que indicaria um esforço mental subjacente do intérprete. Contudo, há ainda outras duas possibilidades que precisam ser consideradas.

A primeira delas é a de que o prolongamento identificado na interpretação da datilologia seja efetivamente o intérprete realizando uma “leitura em voz alta” do item. Assim, ao tentar ler a datilologia apresentada, o intérprete já está produzindo o item em língua portuguesa. Por outro lado, é possível considerarmos também que o prolongamento pode ser um tipo de estratégia prosódica empregada pelo intérprete. Nas palavras de Martellini (2013), o prolongamento pode ser

uma estratégia prosódica utilizada por intérpretes expertos para manter uma fala constante e também evitar interrupções curtas do fluxo de fala. Apesar de prolongamentos silábicos serem por vezes considerados um típico caso de disfluência de fala espontânea (Čeňková, 1989), eles não são percebidos da mesma maneira que as pausas não preenchidas, uma vez que eles permitem a continuação da atividade fonadora (MARTELLINI, 2013, p. 73)²⁶

Ao analisarmos as pausas e prolongamentos na interpretação das informações datilológicas, observa-se uma clara tendência de os intérpretes realizarem pausas após a produção do item alvo, enquanto que o prolongamento é realizado durante a produção do próprio item. Para verificarmos se essa observação possui relevância estatística, realizamos um teste de hipótese para constatar se há realmente um comportamento distinto na posição das pausas e dos prolongamentos. Considerando a distribuição não-normal dos dados (constatado por meio de um teste de Shapiro-Wilk), realizamos um Teste de Friedman, por se tratar de um teste não-paramétrico de medidas vinculadas.

O Teste de Friedman foi conduzido para determinar se as proporções de pausas anteriores, no item e posteriores diferem entre si. Os resultados mostram uma diferença significativa, $\chi^2(2) = 13,818$, $p < 0,001$. Assim, concluímos por rejeitar a hipótese nula, e assumimos que há uma diferença relevante na distribuição da posição da pausa na produção dos intérpretes. Em outras palavras, estaticamente, os intérpretes produzem mais pausas após a entrega da informação datilológica.

Tabela 3. Teste de Friedman da distribuição das pausas na produção das informações datilológicas.

**Amostras Relacionadas de Resumo de Análise
de Variância de Dois Fatores de Friedman por
Postos**

²⁶ *a prosodic strategy used by expert interpreters to maintain a constant speech rate and also to avoid short interruptions of the speech flow. Although syllable lengthening is sometimes considered a typical disfluency of impromptu speech (Čeňková 1989), it is not as clearly perceived as an unfilled pause, since it enables a continuation of the phonation activity.*

N total	9
Estatística do teste	13,818
Grau de Liberdade	2
Sinal assintótico (teste de dois lados)	,001

Amostras Relacionadas de Análise de Variância de Dois Fatores de Friedman por Postos

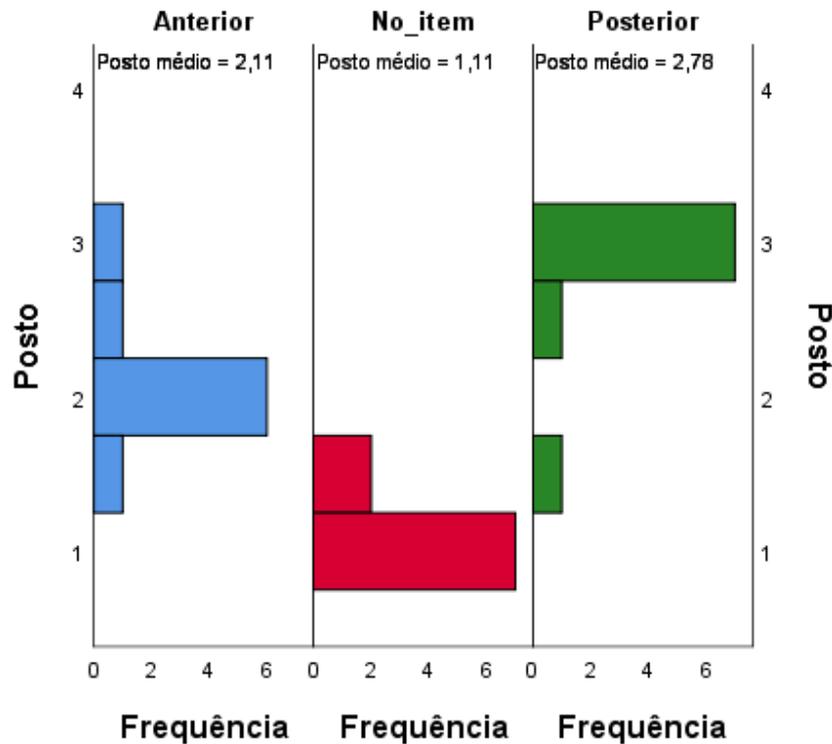


Gráfico 13. Gráfico com distribuição das amostras por postos - Teste de Friedman para a distribuição das pausas na interpretação de informações datilológicas.

O Teste de Friedman também foi conduzido para determinar se as proporções de prolongamentos anteriores, no item e posteriores diferem entre si. Os resultados mostram uma diferença significativa, $\chi^2(2) = 16,710$, $p < 0,000$. Assim, também concluímos por rejeitar a hipótese nula, e assumimos que há uma diferença relevante na distribuição da posição do prolongamento na produção dos intérpretes. Em outras palavras, estaticamente, os intérpretes produzem mais prolongamentos durante a entrega da informação datilológica do que anteriormente ou posteriormente a ela.

Tabela 4. Teste de Friedman da distribuição dos prolongamentos na produção das informações datilológicas.

Amostras Relacionadas de Resumo de Análise de Variância de Dois Fatores de Friedman por Postos

N total	9
Estatística do teste	16,710
Grau de Liberdade	2
Sinal assintótico (teste de dois lados)	,000

Amostras Relacionadas de Análise de Variância de Dois Fatores de Friedman por Postos

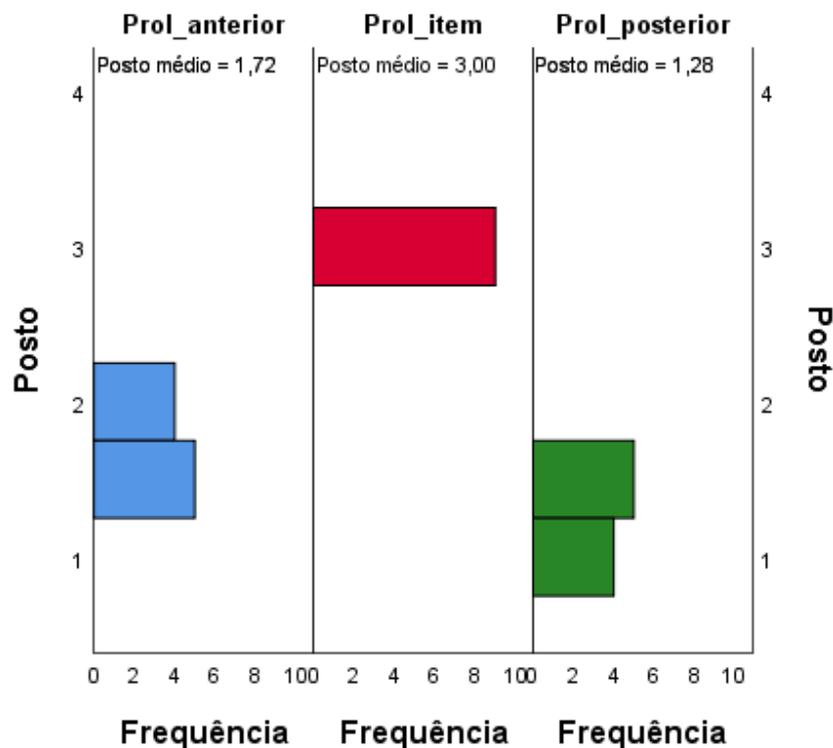


Gráfico 14. Gráfico com distribuição das amostras por postos - Teste de Friedman para a distribuição dos prolongamentos na interpretação de informações datilológicas.

5.6 Resultados das pausas e prolongamentos – informações numéricas

O resultado consolidado da quantidade de pausas e prolongamentos nas interpretações das informações numéricas é fornecido nos gráficos a seguir:

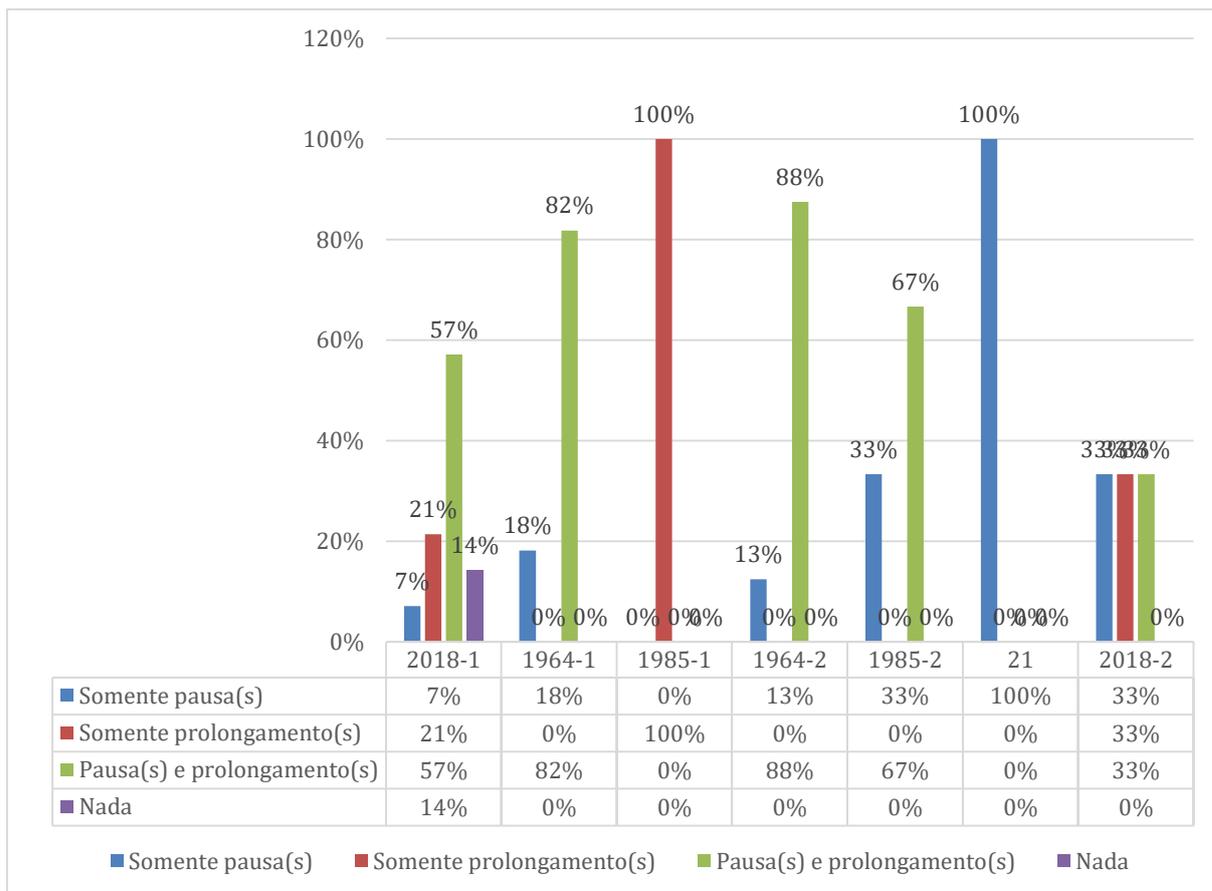


Gráfico 15. Pausas e prolongamentos presentes nas interpretações das ocorrências de informações numéricas do Vídeo 1 – sem exclusão.

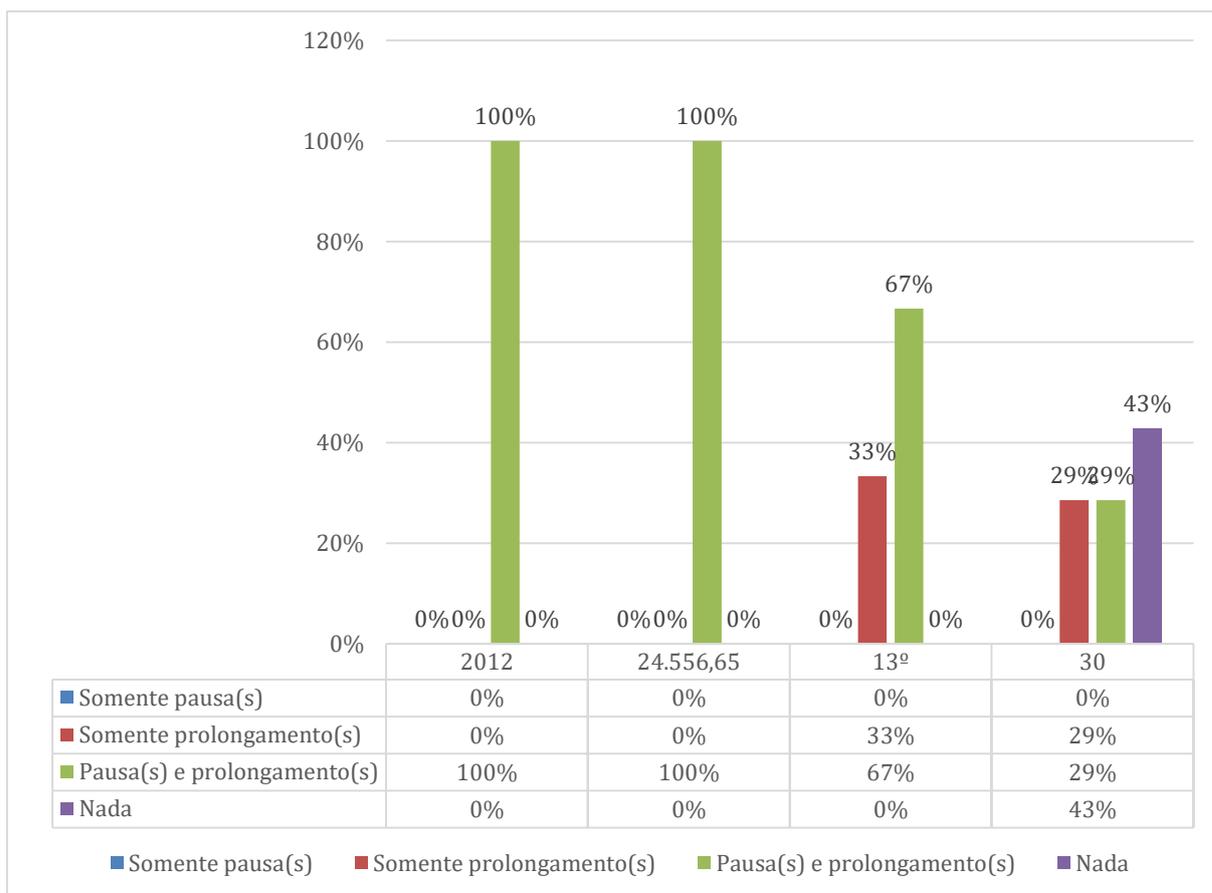


Gráfico 16. Pausas e prolongamentos presentes nas interpretações das ocorrências de informações numéricas do Vídeo 2 – sem exclusão.

Primeiramente, é importante frisarmos que a análise dos dados de produção das interpretações das informações numéricas deve ser feita de maneira bastante cuidadosa. Uma vez que só estamos analisando pausas e prolongamentos das produções equivalente, acabamos tendo poucos dados disponíveis para análise, uma vez que houve uma quantidade considerável de erros e omissões. Por esse motivo, procederemos as análises apenas com os itens que tiverem pelo menos cinco produções equivalentes. Os dados finais, após a exclusão dos itens que tiveram poucos acertos, são fornecidos nos gráficos a seguir:

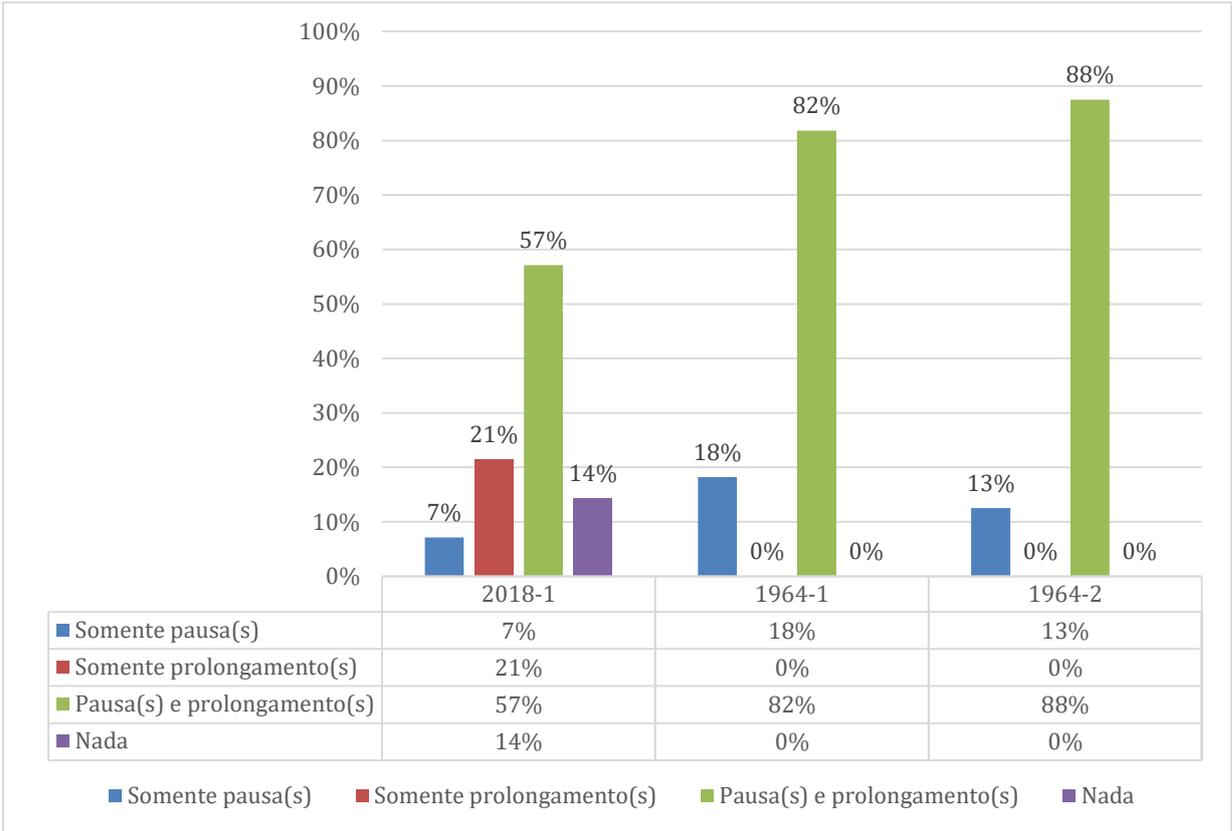


Gráfico 17. Pausas e prolongamentos presentes nas interpretações das ocorrências de informações numéricas do Vídeo 1 – após exclusão.

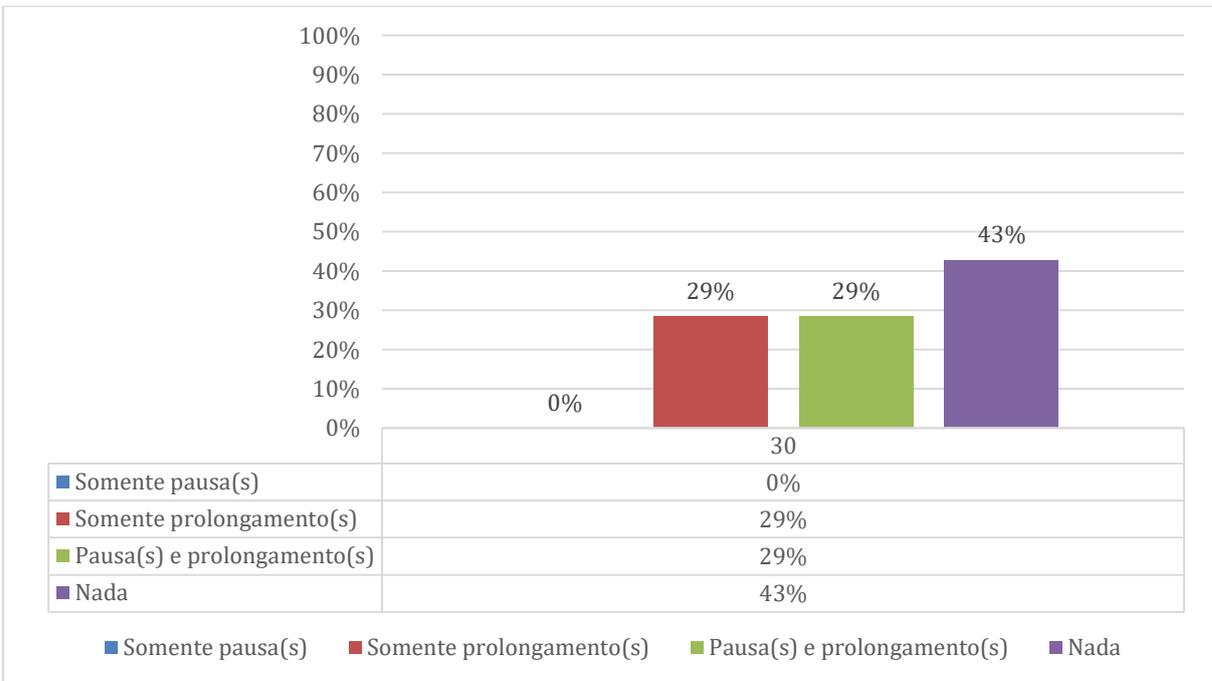


Gráfico 18. Pausas e prolongamentos presentes nas interpretações das ocorrências de informações numéricas do Vídeo 2 – após exclusão.

Após a exclusão dos itens com poucas produções equivalentes, identificamos o mesmo comportamento observado na interpretação das informações datilológicas

para as interpretações das informações numéricas do Vídeo 1. Ou seja, mesmo produzindo corretamente os itens, os intérpretes apresentaram pausas e prolongamentos em suas produções. Nesse sentido, informações numéricas também parecem ser gatilhos de problema na interpretação Libras-português, assim como tem sido argumentado para outros pares de língua. Vale reiterar que, mesmo produzindo corretamente esses itens, a presença de pausas e prolongamentos na entrega do intérprete pode ser indicativo de um esforço mental dispendido por ele.

Já nas produções do Vídeo 2, consideramos apenas o item “30”, em que 6 das 14 interpretações continham uma produção equivalente desse item. Apesar do número considerável de omissões, os intérpretes que produziram o item corretamente não apresentaram a mesma proporção de pausas e prolongamentos dos itens analisados no Vídeo 1. Acreditamos que o motivo para isso, tenha sido o fato do *lettering* presente na tela durante a produção da informação numérica “30” (ver Figura 10).

Passemos agora para a análise individual das pausas e prolongamentos das informações numéricas. Uma vez que excluimos os itens que possuem menos de 5 produções equivalentes, faremos a análise conjunta dos itens do Vídeo 1 e do Vídeo 2. A distribuição das pausas por item está disponível no Anexo 3.

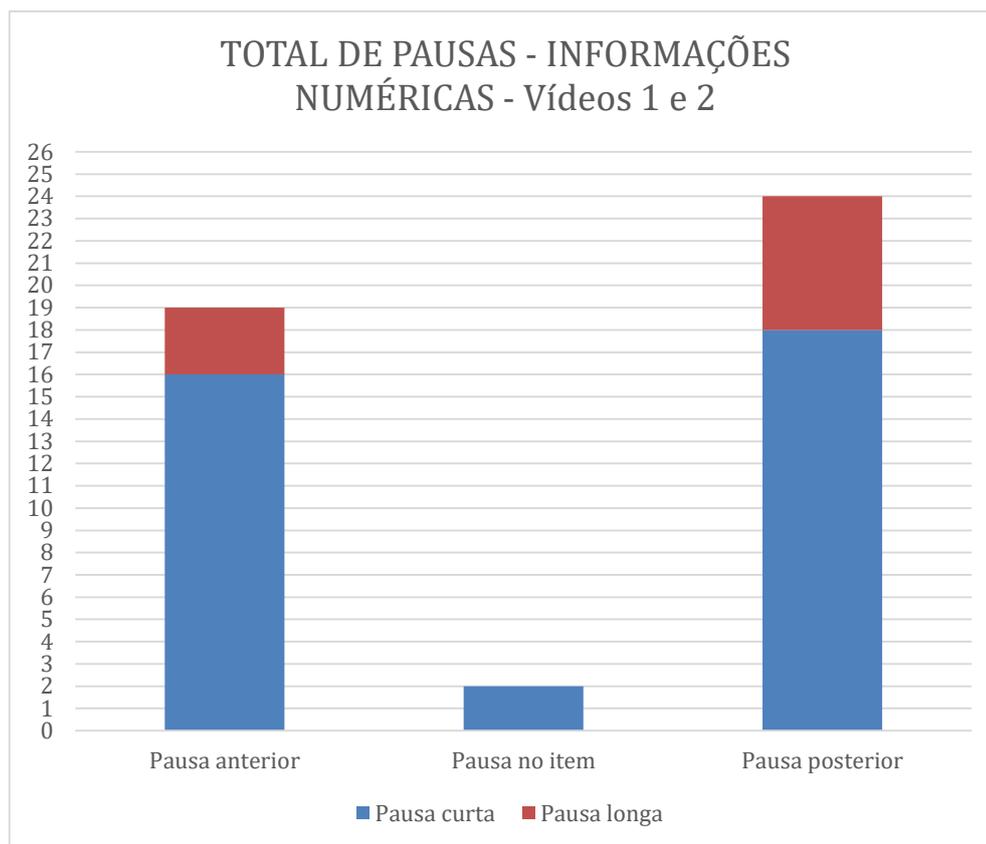


Gráfico 19. Distribuição das pausas nas interpretações das ocorrências de informações numéricas nos Vídeos 1 e 2.

Aqui, observamos um comportamento diferente daquele constatado na interpretação de informações datilológicas, em que havia uma tendência de as pausas ocorrerem posteriormente ao item. No caso da interpretação das informações numéricas observa-se um número considerável de pausas tanto antes quanto depois do item. Não é possível sabermos o porquê desse comportamento. Podemos levantar hipóteses a partir das discussões presentes na literatura.

Tem-se argumentado que números possuem baixa previsibilidade (BRAUN; CLARICI, 1996), possuem uma alta densidade informacional (ALESSANDRINI, 1990) e que demandam por muita energia mental do intérprete (GILE, 1999). Além disso, intérpretes precisam se decidir sobre a natureza da informação numérica e sobre sua magnitude para interpretar (MAZZA, 2001). Assim, não é suficiente que o intérprete compreenda somente os dígitos que integram a informação numérica, mas também se ela diz respeito a uma porcentagem, a uma quantidade, a uma cardinalidade, a uma

informação temporal (ano, mês, dia), etc. Isso talvez explique essa pausa anterior à produção da informação numérica, já que a hesitação do intérprete pode ser necessária para que ele possa formular adequadamente essa informação.

A quantidade de prolongamentos é apresentada no gráfico a seguir. A distribuição dos prolongamentos por item está disponível no Anexo 4.

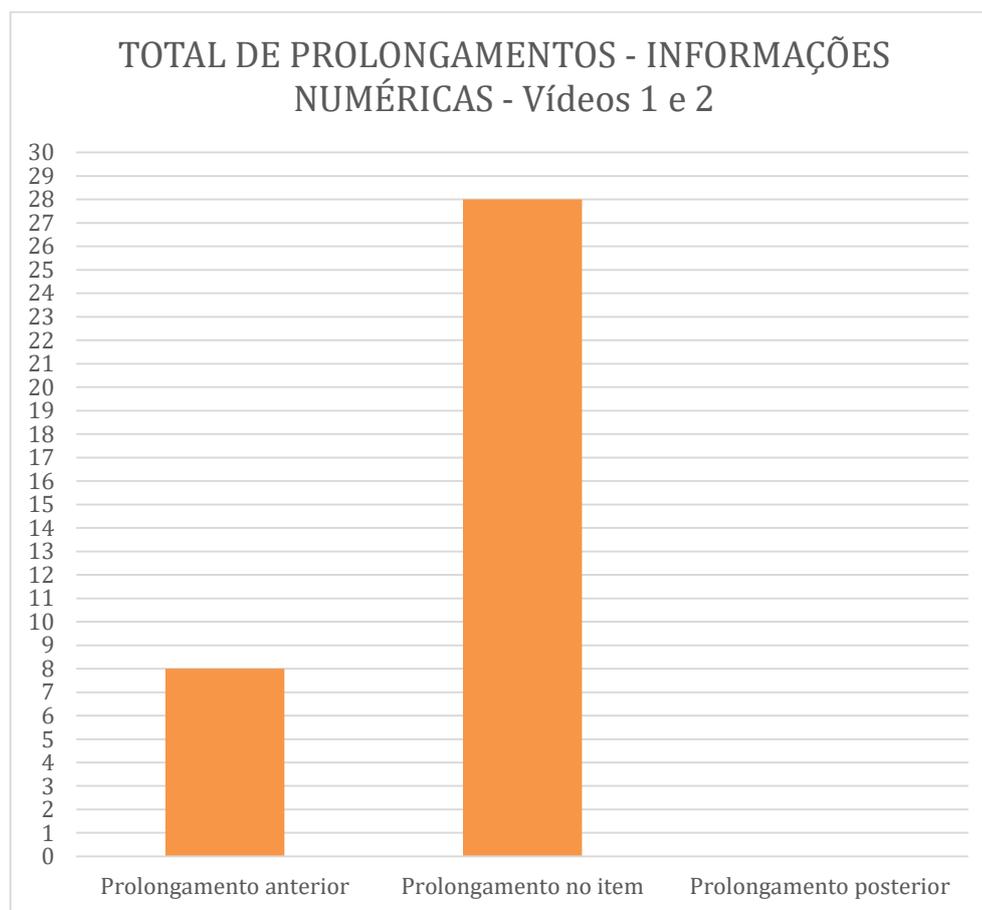


Gráfico 20. Distribuição dos prolongamentos nas interpretações das ocorrências de informações numéricas dos Vídeos 1 e 2.

Já a distribuição dos prolongamentos apresenta comportamento semelhante ao observado nos prolongamentos das interpretações das informações datilológicas. Por esse motivo, a mesma análise será aplicada aqui. O prolongamento pode indicar uma disfluência na interpretação, apontando para um esforço maior por parte do intérprete. Além disso, pode haver também uma espécie de “leitura em voz alta” da informação

numérica por parte do intérprete. Ou ainda, o prolongamento pode ter um caráter estratégico, em que o intérprete prolonga para evitar mais pausas em sua produção.

Devido ao número menor de ocorrências analisadas para a interpretação de informações numéricas, não foi possível realizar os testes estatísticos que realizamos na análise das interpretações das informações datilológicas. Deixaremos essa lacuna para investigações futuras.

Conforme apresentado, as pausas e os prolongamentos estão relacionados com a manifestação de algum esforço cognitivo por parte do falante, em que o mesmo, em uma interação comunicativa elabora o seu pensamento para produzi-lo na fala. Tanto a pausa como o prolongamento no discurso do falante são um tipo de recurso que permite o falante ganhar tempo para elaborar o que vai falar, além de ser um recurso intrínseco da prosódia. O efeito das pausas e dos prolongamentos na tarefa de interpretação já são observados e pesquisados em línguas orais. Como pudemos constatar em nossa pesquisa, esses dois elementos aparecem na entrega do produto (interpretação-voz), quando os intérpretes se deparam com os itens numéricos e datilológicos analisados.

A interpretação por fazer parte da interação comunicativa também leva o intérprete, no momento da tarefa, a processar mentalmente as mensagens das línguas envolvidas, de modo que possa produzir o pensamento/mensagem na entrega do produto. Ao entregar esse produto, a fala do intérprete também é permeada de pausas e de prolongamentos. Não podemos amostrar em nossa pesquisa o porquê os intérpretes escolheram produzir as pausas e prolongamentos em suas falas, e nem mesmo constatar se os intérpretes fizeram o uso desses recursos de forma consciente, ou até mesmo como algum tipo de estratégia ao se depararem com os itens analisados.

Para as próximas pesquisas cabe discutirmos mais sobre o uso das pausas e dos prolongamentos na entrega da interpretação-voz, como por exemplo, o uso desses elementos pelo intérprete, o efeito desses elementos na construção das próximas sentenças. E pesquisar também se esses elementos trazem ou não algum efeito negativo para o público que está recebendo a mensagem na língua-alvo, ou se até

mesmo esses elementos são percebidos ou não por esse público. Por fim, as pausas e os prolongamentos podem não estar necessariamente associadas a algum tipo de efeito negativo na produção da interpretação-voz.

5.7 Resumo do capítulo

Após as análises realizadas, chegamos a algumas observações interessantes. A primeira delas é a de que informações numéricas e datilológicas podem ser consideradas gatilhos de problema na interpretação Libras-português. Por esse motivo, observamos uma quantidade relevante de erros e omissões na produção desses itens.

Adicionalmente, mesmo quando o intérprete consegue produzir a interpretação das informações datilológicas e numéricas de maneira equivalente, constata-se a presença de pausas e prolongamentos em seu produto, de modo que isso pode ser um indicativo de esforço mental dispendido pelo intérprete na tarefa.

Por fim, identificamos uma tendência de os intérpretes, ao lidarem com informações datilológicas, realizarem pausas posteriores à produção do item e também prolongamentos durante a produção da informação datilológica. Além disso indicar esforço cognitivo, há também que se discutir o caráter estratégico desse comportamento. Já no caso das informações numéricas, há presença de pausas tanto anteriormente quanto posteriormente ao item (apesar de que não temos como testar essa informação estatisticamente). Já a distribuição dos prolongamentos parece ser a mesma observada na interpretação das informações datilológicas.

Capítulo 6: Considerações Finais

A nossa pesquisa teve como objetivo investigar a presença de gatilhos de problema, mais especificamente informações numéricas e datilológicas, na interpretação simultânea da Libras para português-oral. A nossa hipótese inicial de que gatilhos de problema seriam encontrados em textos em Libras e que eles podem ser geradores de erros e omissões na interpretação-voz Libras-português foi confirmada a partir dos nossos dados e de nossas análises. Assim, pudemos verificar que do mesmo modo que o conceito de gatilhos de problema é empregado nas tarefas de interpretação simultânea de línguas orais, também pode ser empregado para as tarefas de interpretação-voz.

A plausibilidade destas constatações pode ser vista nos efeitos negativos, do tipo erros e omissões, encontrados na produção do texto de chegada e também na presença de pausas e prolongamentos nos casos em que os intérpretes produziram os itens analisados de maneira equivalente. A presença desses gatilhos no texto de partido, pode resultar em um aumento da capacidade de processamento cognitivo para além do limite de saturação cognitiva do intérprete. Essa sobrecarga pode levar o

intérprete durante a realização da tarefa a um desequilíbrio em uma ou mais etapas do processo de interpretação comprometendo o *delivery* do texto de chegada.

Além da presença de informações numéricas e datilológicas, identificamos também que há ainda outros fatores que podem funcionar como ou até mesmo agravar os gatilhos de problema identificados. O primeiro seria a densidade informacional presente nas informações numéricas, por exemplo, no número “24.556,65” que das 14 interpretação-voz 7 tiveram o efeito de erro, 5 tiveram efeito de omissão e somente 2 tiveram efeito de equivalência. O segundo fator identificado está relacionado a velocidade em que os números, no caso do Vídeo 2, foram produzidos pelo sinalizante, podendo ter dificultado a compreensão dos intérpretes e consequentemente a produção dos mesmos. O terceiro fator que nos chamou à atenção foi a interpretação da datilologia “comunista” (produzida no vídeo 1) em que os intérpretes, mesmo tendo produzido a palavra “comunista” de modo equivalente na interpretação-voz, não conseguiram integrar esse item informacional e sua referência na sentença construída.

As pausas e prolongamentos analisados na produção das informações numéricas e datilológicas também demonstram que as disfluências encontradas nas produções desses itens, pelos intérpretes, são indícios de dispêndio de energia mental e ativação dos processos mentais subjacentes, coadunando com os conceitos discutidos por Gile (2009) no Modelos dos Esforços.

Nota-se ainda que, a partir das análises das interpretações das informações datilológica e numéricas somadas à quantidade de pausas e prolongamentos identificados, podemos levantar a hipótese de que os intérpretes estão continuamente ativando e gerenciando diferentes processos mentais e que, mesmo quando o intérprete produz de maneira equivalente os itens analisados, há um dispêndio de esforço considerável para poder compreender, reformular e produzir o item.

A análise das pausas e dos prolongamentos também revelou um comportamento interessante. Observamos que, no caso das informações datilológicas, as pausas ocorreram com uma maior incidência posteriormente ao item-

alvo. Apesar das limitações do estudo e de não podermos afirmar a real causa dessas pausas, se considerarmos o que prediz o Modelo do Esforços, podemos inferir que essas pausas podem refletir algum tipo de sobrecarga na tarefa ou ainda uma instabilidade na distribuição dos recursos mentais do intérprete, mesmo que eles tenham conseguido produzir e entregar esses itens adequadamente.

Já no caso das informações numéricas, houve uma quantidade significativa de pausas antes e depois da produção do item. Partindo do entendimento que a densidade informacional numérica é alta e ainda de baixa previsibilidade, é possível especularmos que a presença de informações numéricas no texto de partido leva o intérprete a dispendar mais esforço para entender qual é a informação contida no numeral mencionado e conseqüentemente produzi-lo na sentença do texto de chegada. Soma-se a isso os desafios de se integrar a informação numérica ao restante do discurso e ainda de se interpretar adequadamente a natureza e a magnitude da informação numérica em questão.

Por fim, a análise dos prolongamentos revela que os intérpretes apresentaram uma grande quantidade de prolongamentos ao produzir tanto as informações numéricas quanto as informações datilológicas. Esses prolongamentos durante a produção do item podem representar algum tipo de disfluência na fala dos intérpretes, ocasionada pelo aumento do esforço, mas também podem indicar que o intérprete está realizando uma “leitura em voz alta” do item. Há ainda a possibilidade de analisarmos esse prolongamento como um comportamento estratégico do intérprete de modo a não interromper o fluxo de fala em trechos de mais esforço cognitivo. Deixaremos essas possibilidades para serem investigadas em trabalhos futuros.

Esperamos que os resultados de nossa pesquisa possam repercutir em reflexões e discussões nos Estudos da Interpretação das línguas orais e das línguas de sinais, e mais especificamente para uma melhor compreensão dos desafios enfrentados pelos intérpretes em tarefas de interpretação-voz. Acreditamos que ao discutirmos a interpretação simultânea Libras-português, relacionando-a a discussões já presentes na literatura acerca dos processos cognitivos envolvidos na tarefa, estaremos fomentando

novas discussões e novos olhares sobre a interpretação simultânea de línguas de sinais e mais especificamente sobre a interpretação simultânea do par Libras-português.

Outra contribuição importante de nossa pesquisa é para a formação de novos profissionais intérpretes. Ao discutirmos o conceito de gatilhos de problema, a presença desses gatilhos na interpretação-voz e ainda a natureza desafiadora de informações numéricas e datilológicas para tarefas de interpretação Libras-português, estamos ampliando nossa compreensão sobre a tarefa. Isso permite que novos profissionais possam ser ensinados sobre a presença desses gatilhos e ainda que se busque discussões sobre possíveis comportamentos estratégicos que possam ser empregados pelos intérpretes para lidar com esses gatilhos. Ou seja, a formação de intérpretes se beneficia bastante a partir da construção de novos conhecimentos e da formação de consciência acerca dos processos e dos elementos que ocorrem e que estão presentes na tarefa de interpretação.

E, por fim, podemos vislumbrar, futuramente, novas investigação acerca de outros gatilhos de problema que estão presentes em tarefas de interpretação simultânea da Libras para o português, quanto também em outros pares de línguas que envolvem uma língua de sinais.

Referências

AHRENS, B. Analysing prosody in simultaneous interpreting: difficulties and possible solutions. **The Interpreter's Newsletter**, v. 13, p. 1–14, 2005.

AHRENS, B. Interpretation and Cognition. In: SCHWIETER, JOHN; FERREIRA, A. (Ed.). . **The Handbook of Translation and Cognition**. [s.l.] John Wiley & Sons, Inc, 2017. p. 445–460.

ALESSANDRINI, M. S. Translating numbers in consecutive interpretation: an experimental study. **The Interpreter's Newsletter**, No.3, p. 77–80, 1990.

ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. Transcript notation: Structures of social action: Studies in conversation analysis. **Aphasiology**, v. 13, n. 4–5, p. 243–249, 1999.

BARBOSA, D. M. **Omissões na Interpretação Simultânea de Conferência: língua portuguesa - língua brasileira de sinais**. [s.l.] Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

BARBOSA, D. M. Omissões na interpretação simultânea. **Caderno de Tradução**, v. 35, p. 269–288, 2015.

BARIK, H. C. Simultaneous interpretation: qualitative and linguistic data. In: **Language and Speech**. [s.l: s.n.]. p. 272–297.

BARIK, H. C. (1971). A Description of Various Types of Omissions, Additions and Errors of Translation Encountered in Simultaneous Interpretation. **Meta: Journal des traducteurs**, v. 16, n. 4, p. 199, 13 jul. 2012.

BOGAERDE, B. VAN DEN. Voicing barriers. 2010.

BRASEL, B. B. The Effects of Fatigue on Competence of Interpreters for the Deaf. In: **Selected Readings in the Integration of Deaf Students at CSUN**. [s.l: s.n.]. p. 19–22.

BRAUNS, S.; CLARICI, A. Inaccuracy for numerals in simultaneous interpretation: Neurolinguistic and neuropsychological perspectives. **The Interpreters' Newsletter**, p. 85–102, 1996.

BRENTARI, D. **A prosodic model of sign language phonology**. Cambridge MA: MIT Press, 1998.

CARROLL, J. B. Linguistic Abilities in Translators and Interpreters. In: GERVER, DAVID; SINAICO, H. W. (Ed.). . **Language Interpretation and Communicaton**. 1ª ed. [s.l.] NATO Scientific Affairs Division, 1978. p. 119–130.

ČEŇKOVÁ I. L' importance des opauses en interprétation simultanée. In: BOTHIAREL / J. GALDEN / F. WISLAND / J. ZERLING (Ed.). . **Mélanges de phonétique générale et expérimentale offerts à Péla Simon**. [s.l.] l'Institut de Phonétique de Strasbourg, 1989. p. 249–260.

COKELY, D. The Effects of Lag Time on Interpreter Errors. **Sign Language Studies**, v. 53, n. 1, p. 341–375, 1986.

CRASBORN, O.; SLOETJES, H. **Enhanced ELAN functionality for sign language corpora**. Proceedings of LREC 2008, Sixth International Conference on Language Resources and Evaluation. **Anais...**2008.

DARÓ, V. Non-Linguistic Factors Influencing Simultaneous Interpretation. In: MOSER-MERCER BARBARA; LAMBERT SYLVIE (Eds.). . **Empirical research in simultaneous interpretation**. Amsterdam/Philadelphia: Joh Benjamins Publishing Company, 1994. v. 3p. 249–268.

DIJK, VAN R.; BOERS, E. C. I. H. D. Directionality Effects in Simultaneous Language Interpreting: The Case of Sign Language Interpreters in the Netherlands. **American annals of the deaf**, v. 156, n. 1, p. 47–55, 2011.

FERNÁNDEZ VIADER, M. DEL P.; FUENTES, M. The systems of numerals in Catalan Sign language (LSC) and Spanish Sign Language (LSE): a comparative study. In: QUADROS, R. M. DE (Ed.). . **Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future. TISLR9, forty five papers and three posters from the 9th. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference**. Petrópolis/RJ: Editora Arara Azul, 2008. p. 96–106.

FINLAYSON, I. R.; CORLEY, M. Disfluency in dialogue: An intentional signal from the speaker? **Psychonomic Bulletin and Review**, v. 19, n. 5, p. 921–928, 2012.

GABRIAN; WILLIAMS. The Effect of Interpreter Fatigue on Interpretation Quality. 2014.

GARCÍA M. ADOLFO; MIKULAN, EZEQUIEL; IBÁÑEZ, A. A neuroscientific toolkit for translation studies. In: MUÑOZ, R. M. (Ed.). . **Researchembedding Translation Process**. Amsterdam/Philadelphia: Joh Benjamins Publishing Company, 2016. p. 22–46.

GERVER, D. The effects of source language presentation rate on the performance of simultaneous conference interpreters. In: PÖCHHACKER, F.; SHLESINGER, M. (Eds.). . **The Interpreting Studies Reader**. New York: Routledge Language Readers, 1969.

GERVER, D. A Psychological Approach to Simultaneous Interpretation. **Meta:**

Journal des traducteurs, v. 20, n. 2, p. 119, 13 jul. 1975.

GERVER, D. Empirical Studies of Simultaneous Interpretation: review and a model. In: BRISLIN, R. W. (Ed.). . **Translation Applications and Research**. [s.l: s.n.]. p. 165–207.

GILE, D. Les noms propres en interprétation simultanée. **Multilingua**, v. 3, n. 2, p. 79–86, 1984.

GILE, D. Le modèle d'efforts et l'équilibre d'interprétation en interprétation simultanée. **Meta: Journal des traducteurs**, v. 30, n. 1, p. 44, 13 jul. 1985.

GILE, D. **Scientific Research VS Personal Theories In The Investigation Of Interpretation**. Aspects of Applied and Experimental Research on Conference Interpretation. **Anais...**1990.

GILE, D. Methodological aspects of interpretation and translation research. In: MOSER-MERCER, B. S. L. (Ed.). . **Empirical research in simultaneous interpretation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1994. v. 3p. 39–56.

GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. 8. ed. [s.l.] John Benjamins Publishing Co., 1995.

GILE, D. Testing the Effort Models' tightrope hypothesis in simultaneous interpreting - A contribution. **HERMES - Journal of Linguistics**, n. 23, p. 153–172, 1999.

GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training. Revised edition**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009. v. 8

GILE, D. errors, omissions and infelicities in broadcast interpreting: preliminary findings from a case study. In: ALVSTAD, CECILIA;HILD, ADELINA;TISELIUS, E. (Ed.). . **Methods and Strategies of Process Research**. Benjamins ed. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011. v. 94p. 201–218.

GILE, D. **Simultaneous Interpreting**. Hong Kong: CHAN, Sin-wai, , out. 2018. (Nota técnica).

GILE, D. The Effort Models of Interpreting as a Didactic Construct. In: MUÑOZ MARTÍN, R.; SUN, SANJUN SUN AND LI, D. (Eds.). . **Advances in Cognitive Translation Studies**. Singapore: Springer Nature Singapore Pte Ltd, 2021. p. 139–160.

GOLDMAN-EISLER, F. **Psycholinguistics: Experiments in spontaneous speech**New York:Academic Press Inc., , 1968.

GOLDMAN-EISLER, F. Psychological mechanisms of production as studied through the analysis of simultaneous translation. In: BUTTERWORTH BRIAN (Ed.). . **Language Production**. London: Academic Press Inc., 1980. p. 143–153.

GOMES, E. A. **Interpretação simultânea em conferência acadêmica: a reformulação de nomes de pessoas da Libras para o português**. [s.l.] Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

GOMES, E. A. Interpretação simultânea intermodal da Libras para o português em conferência acadêmica : em foco os nomes próprios nacionais ou nacionalizados de pessoas. **TradRev**, p. 66–93, abr. 2022.

HERBERT, J. **The interpreter's handbook: how to become a conference interpreter**. Librairie ed. Genève: Georg & Cie S.A., 1952.

[HTTPS://WWW.PLANALTO.GOV.BR/](https://www.planalto.gov.br/). **Planalto**.

HURWITZ, T. A. Two factors related to effective voice interpreting. **American annals of the deaf**, v. 131, p. 248–252, jul. 1986.

INGRAM, R. M. Interpreters' Recognition of Structure & Meaning. **Sign Language Studies**, v. 58, n. 1, p. 21–36, 1988.

JANZEN, T. Interpretation and language use: ASL and English. In: JANZEN, T. (Ed.). . **Topics in Signed Language Interpreting: Theory and practice**. Benjamins ed. Amsterdam/Philadelphia: Joh Benjamins Publishing Company, 2005. v. 63p. 69–105.

JEFFERSON, G. Glossary of transcript symbols with an introduction. In: LERNER, H. G. (Ed.). . **Conversation Analysis: studies the first generation**. Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 2004. p. 13–31.

JONES, R. **Conference Interpreting Explained**. 2002. ed. [s.l.] St. Jerome, 2002.

KADE, O. **Zufall und Gesetzäßigkeit in der Übersetzung** VEB Enzklopädie, , 1968. (Nota técnica).

KARMILOFF-SMITH, A. Adult simultaneous interpretation: a functional analysis of linguistic categories and a comparison with child development. In: GERVER, D.; SINAIKO, H. W. (Eds.). . **Language Interpretation and Communicaton**. [s.l.] NATO Scientific Affairs Division, 1978. p. 369–384.

KEANE, J.; BRENTARI, D. Fingerspelling. n. 26, 2015.

KEANE, J.; BRENTARI, D.; RIGGLE, J. **Coarticulation in ASL fingerspelling**. Proceedings of the North East Linguistic Society, No 42. **Anais...**2013. Disponível em: <<http://pubs.jonkeane.com/pdfs/Keane2012aa.pdf>>

KEANE, J.; BRENTARI, D.; RIGGLE, J. **Towards an articulatory model of handshape: What fingerspelling tells us about the phonetics and phonology of handshape in American Sign Language.** [s.l.] University of Chicago, 2014.

KOPCZYNSKI. **Some Linguistic and Communicative problems.** Conference Interpreting. **Anais...**Poznan: Adam Mickiewicz, 1980.

KORPAL, P. Ł. Omission in simultaneous interpreting as a deliberate act. **Tarragona: Intercultural Studies Group**, n. January 2012, 2012.

KORPAL, P.; STACHOWIAK-SZYMCZAK, K. The whole picture: Processing of numbers and their context in simultaneous interpreting. **Poznan Studies in Contemporary Linguistics**, v. 54, n. 3, p. 335–354, 25 set. 2018.

LAMBERT, S. Information Processing among Conference Interpreters : A Test of the Depth-of-Processing Hypothesis. **Meta**, v. 33, n. 3, 1989.

LEDERER, M. Simultaneous Interpretation - Units of Meaning and Other Features. In: PÖCHHACKER, F.; SHLESINGER, M. (Eds.). **The Interpreting Studies Reader.** [s.l.] Routledge, 1978. p. 130–140.

LODER, L. L.; JUNG, N. M. **Análise de fala-em-interação institucional: a perspectiva da análise da conversa etnometodológica.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

LOURENÇO, G. Investigando a produção de construções de interface sintático-gestual na interpretação simultânea intermodal. **Caderno de Tradução - Estudos da Tradução e da Interpretação de Língua de Sinais**, p. 319–353, 2015.

LOURENÇO, G. **O papel do conhecimento explícito na formação de intérpretes de língua de sinais: explorando diferenças gramaticais e de modalidade entre a Libras e o português.** V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa. **Anais...**Florianópolis/SC: UFSC, 2016.

LOURENÇO, G. A interpretação simultânea Libras-Português: diferenças morfossintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz. **TRADUÇÃO EM REVISTA**, v. 24, 25 jul. 2018.

LOURENÇO, G.; FERREIRA, R. A. Os serviços de interpretação de língua brasileira de sinais nas universidades e nos institutos federais: a percepção de docentes surdos. **Periódico Científico do Instituto Nacional de Educação de Surdos**, v. 51, p. 83–108, 2019.

LUCIANO, A. H. T. **A Interpretação Simultânea sob a ótica da Linguística Aplicada.** [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2005.

MANKAUSKIENĖ, D. Problem trigger classification and its applications for empirical research. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 231, n. May, p. 143–148, 2016.

MAZZA, C. Numbers in simultaneous interpretation. **The Interpreters' Newsletter**, v. 11, p. 87–104, 2001.

MCDERMID, C.; FINTON, L.; CHASNEY, A. Contextualized Recognition of Fingerspelled Words. **Journal of Interpretation**, v. 25, n. 1, p. 6, 2016.

METZGER, M.; QUADROS, R. M. DE. Cognitive Control in Intermodal Bilingual Interpreters. In: QUADROS, R. M. DE; FLEETWOOD, E.; METZGER, M. (Eds.). . **Signed Language Interpreting in Brazil**. [s.l.] Gallaudet University Press, 2012. p. 43–56.

MEYER, B. Interpreting Proper Names: Different Interventions in Simultaneous and Consecutive Interpreting? **Trans-Kom**, v. 1, n. 1, p. 105–122, 2008.

MONTEMURRO, K.; BRENTARI, D. Emphatic fingerspelling as code-mixing in American Sign Language. **Proceedings of the Linguistic Society of America**, v. 3, n. 1, p. 61, 2018.

MOSER-MERCER, B. Paradigms gained or the art of productive disagreement. In: MOSER-MERCER, BARBARA; SYLVIE, L. (Ed.). . **Empirical Research in Simultaneous Interpretation**. Amsterdam/Philadelphia: Joh Benjamins Publishing Company, 1994. v. 3p. 17–24.

MOSER, B. Simultaneous interpretation: a hypothetical model and its practical application. In: GERVER, DAVID; SINAÏKO, H. W. (Ed.). . **Language Interpretation and Communication**. [s.l.] NATO Scientific Affairs Division, 1978. p. 353–368.

NAPIER, J. **Linguistic Coping Strategies of Sign Language Interpreters**. [s.l.: s.n.].

NAPIER, J. Interpreting omissions: A new perspective. **Interpreting**, v. 6, n. 2, 2004.

NAPIER, J.; BARKER, R. Accessing university education: perceptions, preferences, and expectations for interpreting by deaf students. **Journal of deaf studies and deaf education**, v. 9, n. 2, p. 228–238, 2004.

NICODEMUS, B. et al. A cross-linguistic analysis of fingerspelling production by sign language interpreters. **Sign Language Studies**, v. 17, n. 2, p. 143–171, 2017.

NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Direction asymmetries in spoken and signed language interpreting. **Bilingualism**, v. 16, n. 3, 2013.

NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Directionality in ASL-English interpreting: Accuracy and articulation quality in L1 and L2 interpreting. **Interpreting. International Journal of Research and Practice in Interpreting**, v. 17, n. 2, p. 145–166, 17 set. 2015.

NICODEMUS, B.; EMMOREY KAREN. Direction asymmetries in spoken and signed language interpreting. **Bone**, n. 1, p. 1–24, jul. 2013.

PETER, M. **Numbers**Routledge, , 2015. (Nota técnica).

PINOCHI, D. Simultaneous Interpretation of Numbers: Comparing German and English to Italian. An Experimental Study. **The Interpreters' Newsletter**, v. 14, n. 1990, p. 33–57, 2009.

PÖCHHACKER, F. **Introducing interpreting studies**. Routledge ed. London and New York: Taylor & Francis e-Library, 2004.

PRUNČ, E. Vom names und seinem schatten. In: PRUNČ, H. VON E. (Ed.). . **Einführung in die Translationswissenschaft**. Granz: Institut für Theoretische und Angewandte Translationswissenschaft, mit Unterstützung der Universität Graz Merangasse, 2002. p. 9–11.

PYM, A. On omission in simultaneous interpreting. Risk analysis of a hidden effort. In: HANSEN, GYDE, A. C. & H. G.-A. (Ed.). . **Efforts and Models in Interpreting and Translation Research**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 83–105.

QUINTO-POZOS, D.; MUROSKI, K.; SAUNDERS, E. Pronouns in ASL-English Simultaneous Interpretation. **Journal of Interpretation**, v. 27, n. 1, p. 1–22, 2019.

QUINTO-POZOS, D.; QUADROS, R.; MAYNARD, B. Reference switching in sign and speech: grammatical and discourse features across modalities within signed-to-spoken language interpretation. **Revista Linguística**, v. 16, n. 3, p. 274–310, 2020.

RODRIGUES, C. H. EFEITOS DE MODALIDADE NO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA PARA A LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA. v. 10, 2012.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 44, p. 111–129, 29 abr. 2018.

SALEVSKY, H. The Distinctive Nature of Interpreting Studies. **Target. International Journal of Translation Studies**, v. 5, n. 2, p. 149–167, 1 jan. 1993.

SEEBER, K. G. Simultaneous interpreting. In: JOURDENAIS, R.; MIKKELSON,

H. (Eds.). . **The Routledge Handbook of Interpreting**. Abingdon/New York: Routledge, 2015.

SEEBER, K. G.; KERZEL, D. Cognitive load in simultaneous interpreting: Model meets data. **International Journal of Bilingualism**, v. 16, n. 2, p. 228–242, 2012.

SELESKOVITCH, D. Language and memory a study of note-taking in consecutive interpreting. In: PÖCHHACKER, F.; SHLESINGER, M. (Eds.). . **The interpreting studies reader**. [s.l.] Routledge, 1975. p. 120–129.

SELESKOVITCH, D.; LEDERER, M. Danica Seleskovitch—Marianna Lederer: Interpréter pour traduire. **Babel. Revue internationale de la traduction / International Journal of Translation**, v. 31, n. 2, 1985.

SHANMUGALINGAM, P. Title page Numbers during simultaneous interpreting : an account , from a. **Master: Univ. Genève**, 2018.

SHLESINGER, M. Intonation in the production and éception of simultaneous. In: LAMBERT SYLVIE; MOSER-MERCER BARBARA (Eds.). . **Bridging the gap: empirical research in simultaneous interpretation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994. v. 3p. 225–236.

SMITH, V. L.; CLARK, H. H. On the Course of Answering Questions. **Journal of Memory and Language**, v. 32, p. 25–38, 1993.

TIMAROVÁ, Š. **Working memory in conference simultaneous interpreting**. [s.l.] Charles University, Prague/KU Leuven, 2012.

TRANSCRIPTIONS, U. **What is the Jefferson Transcription System?** Disponível em: <<https://www.universitytranscriptions.co.uk/jefferson-transcription-system-a-guide-to-the-symbols/>>.

VIANNA, B. Simultaneous interpreting : A relevance-theoretic approach. In: **Intercultural Pragmatics**. [s.l: s.n.]. v. 2p. 169–190.

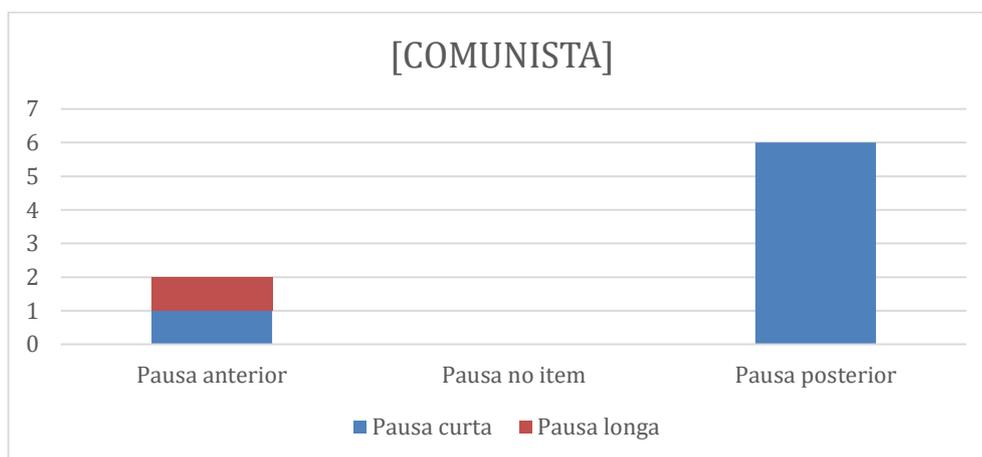
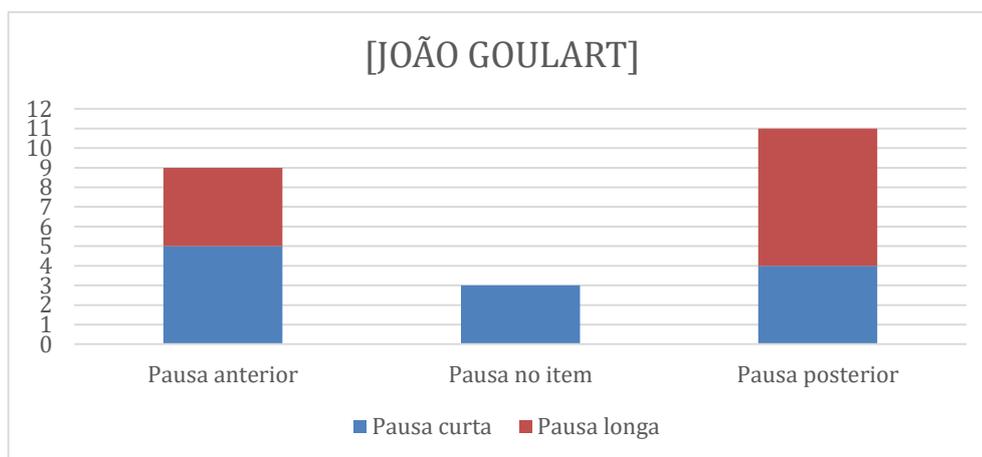
WILCOX, S. The phonetics of fingerspelling (Studies in speech pathology and clinical linguistics). p. 108, 1992.

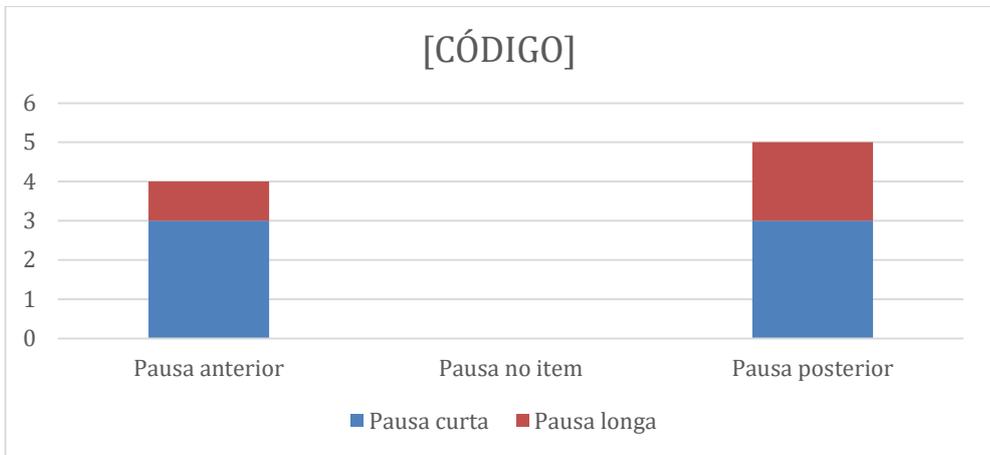
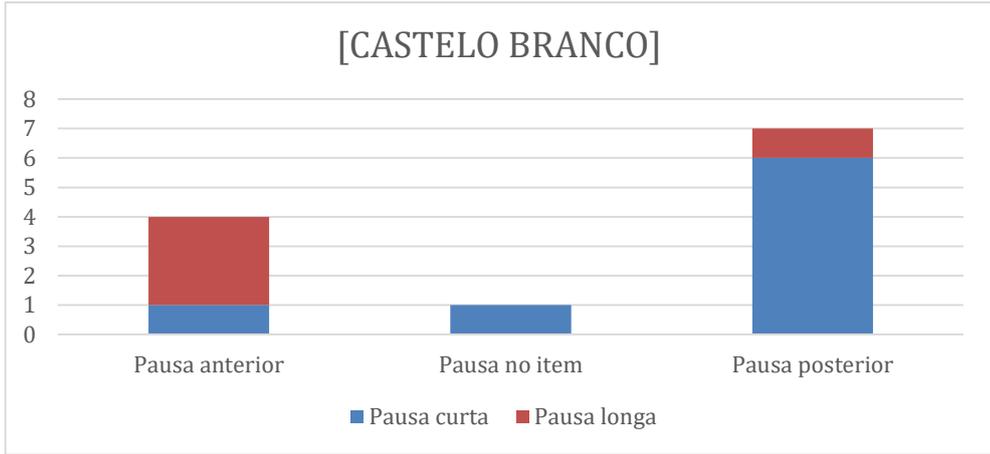
ZESHAN, U. Towards a notion of ‘word’ in sign languages. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Eds.). . **Word: A Cross-linguistic Typology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 153–179.

Anexo 1

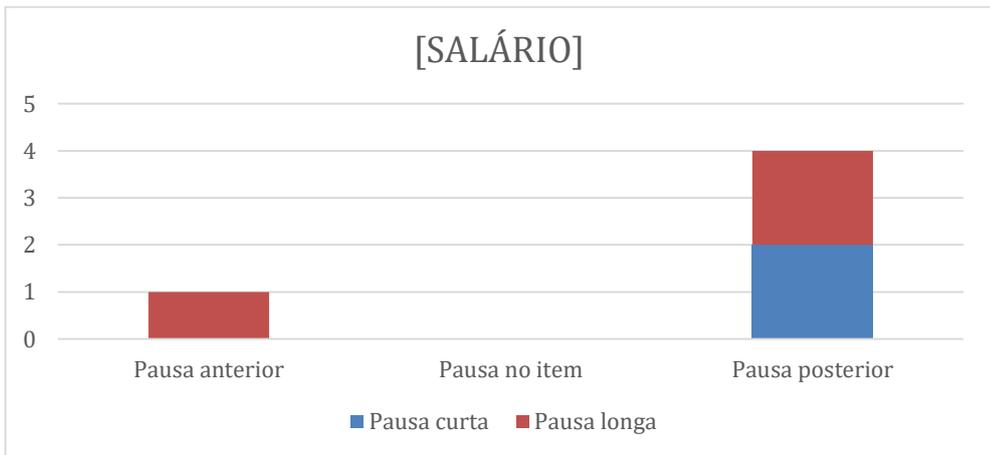
DISTRIBUIÇÃO DAS PAUSAS POR ITEM - DATILOLOGIA

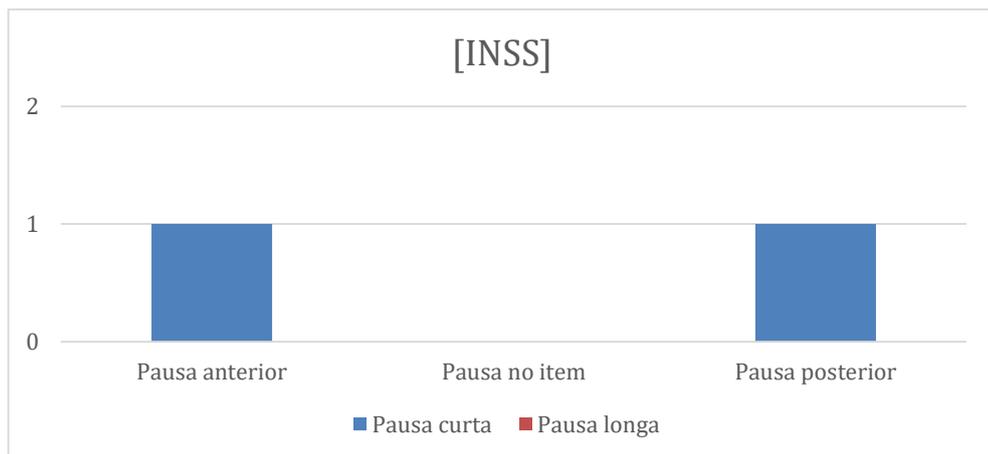
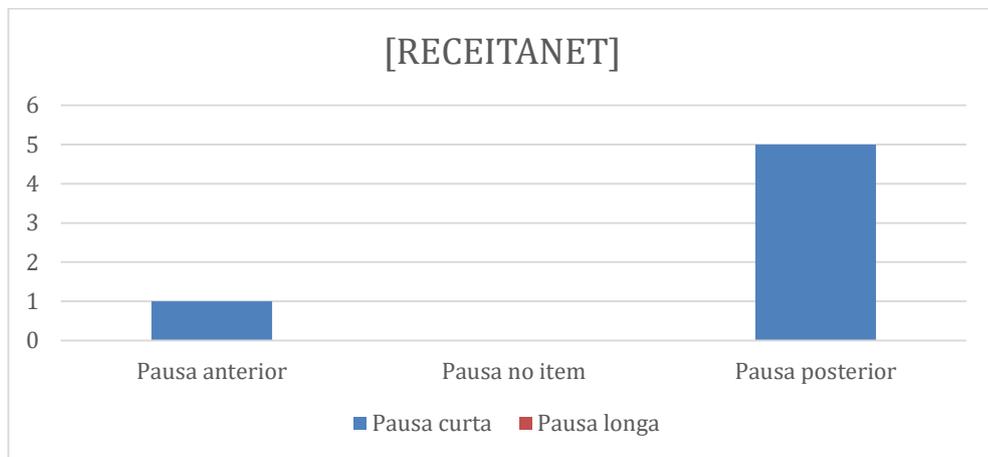
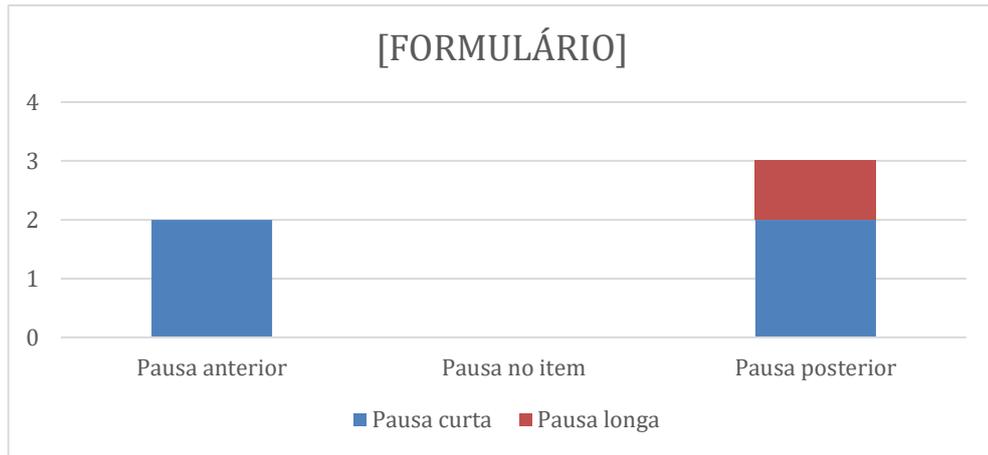
PAUSAS POR ITEM – VÍDEO 1

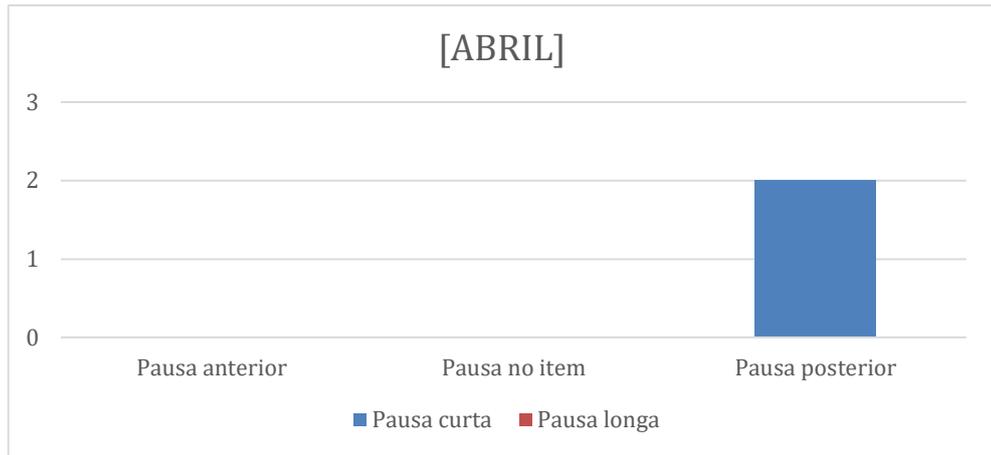




PAUSAS POR ITEM – VÍDEO 2



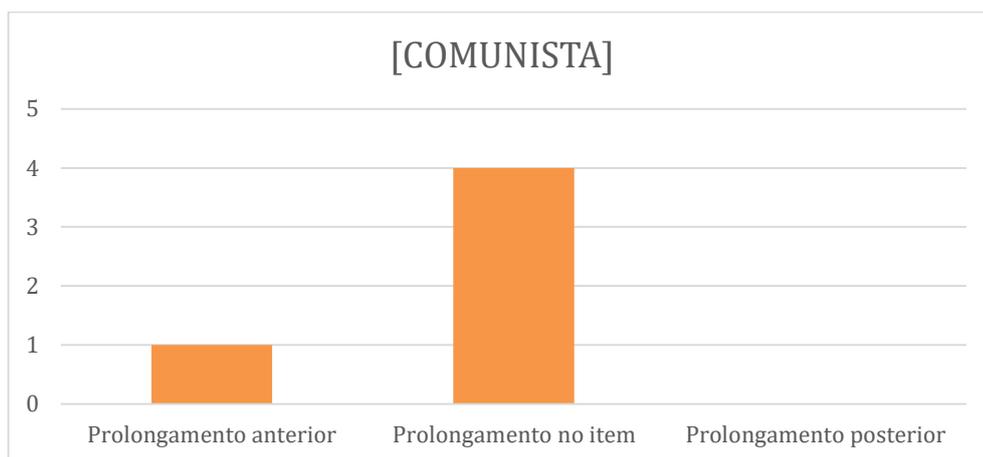
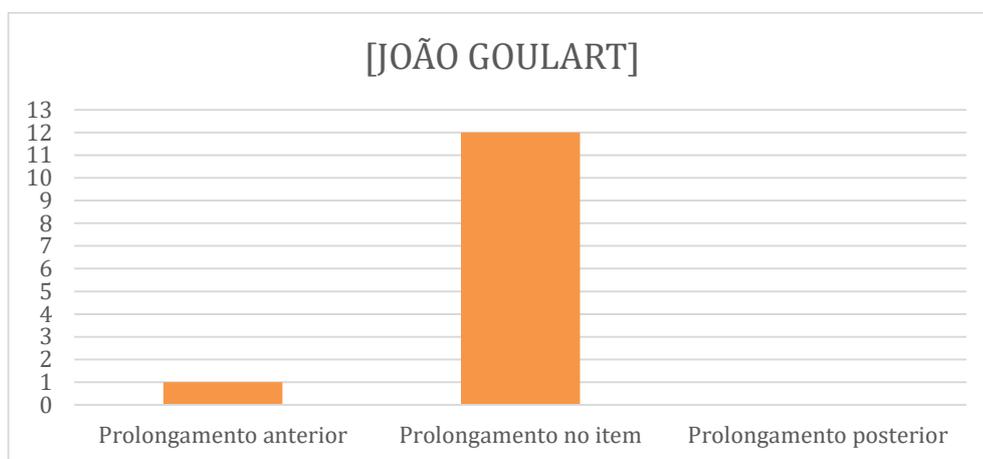


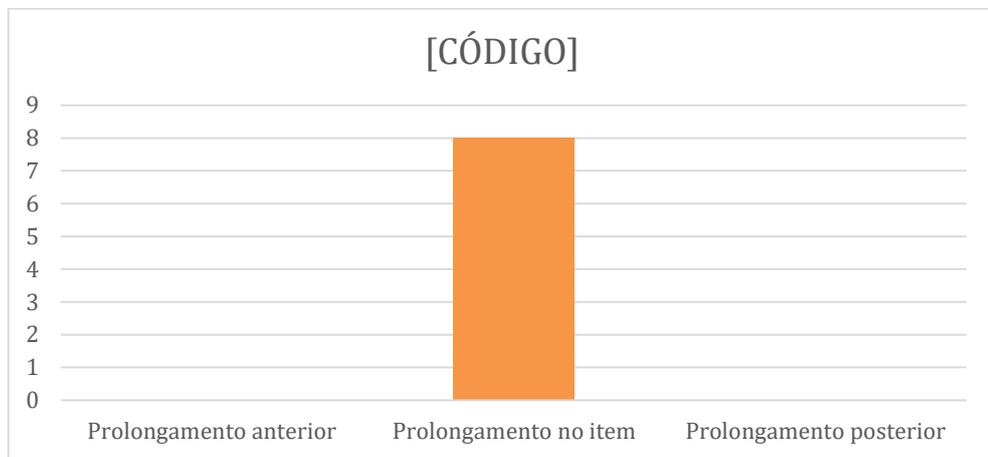
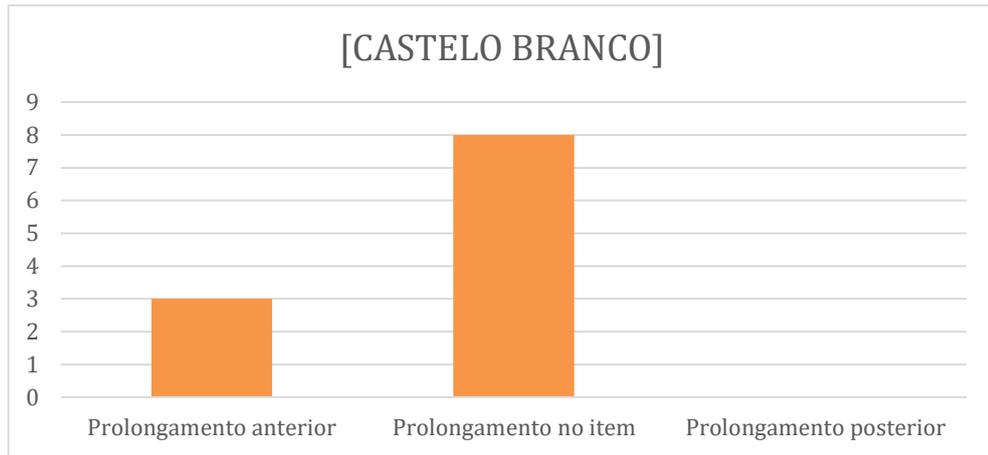


Anexo 2

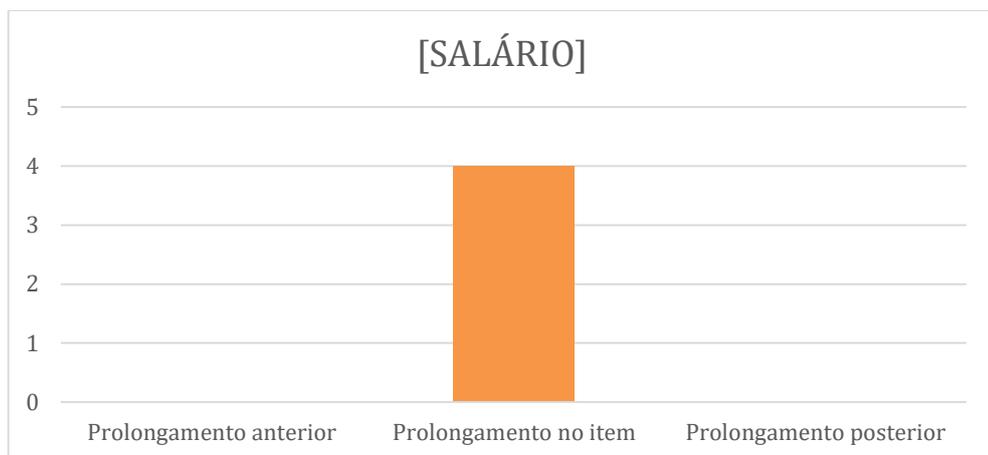
DISTRIBUIÇÃO DOS PROLONGAMENTOS POR ITEM - DATILOLOGIA

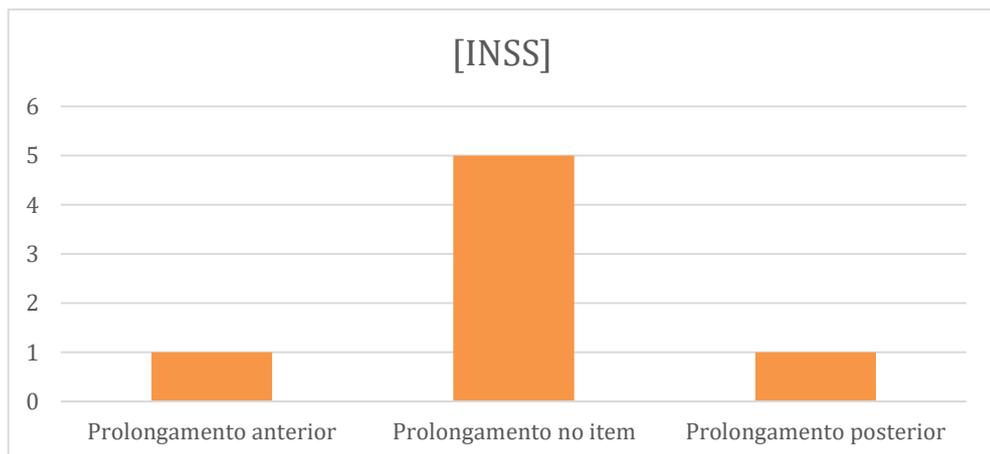
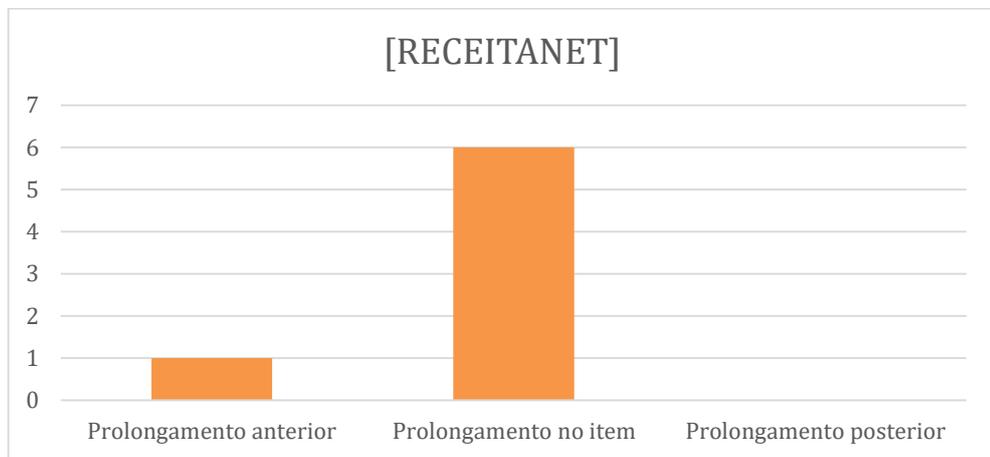
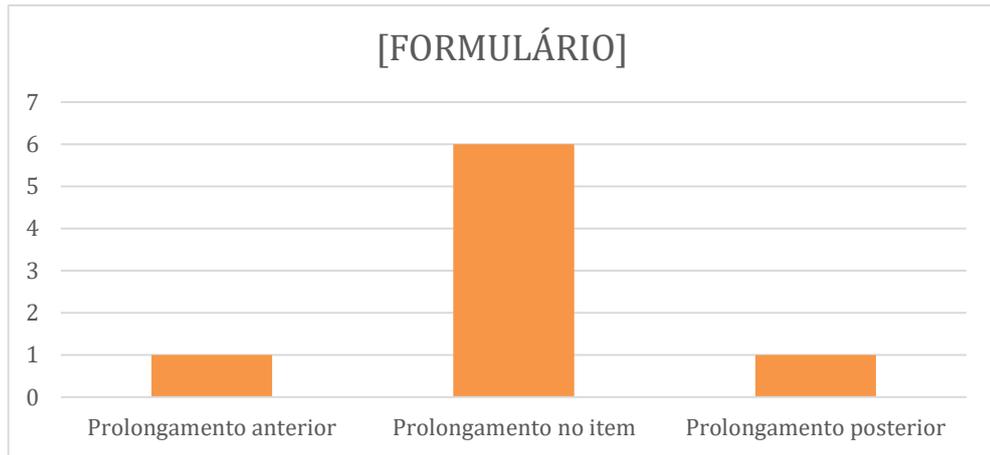
PROLONGAMENTOS POR ITEM – VÍDEO 1

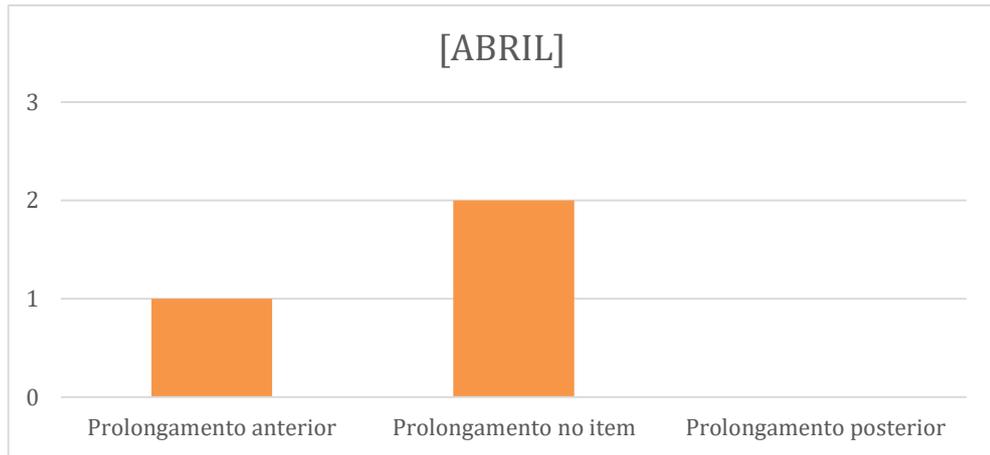




PROLONGAMENTOS POR ITEM – VÍDEO 2

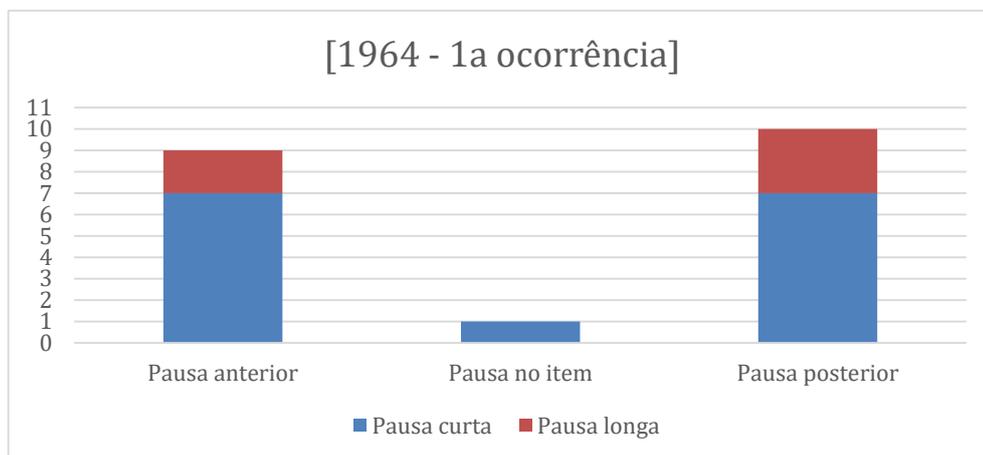
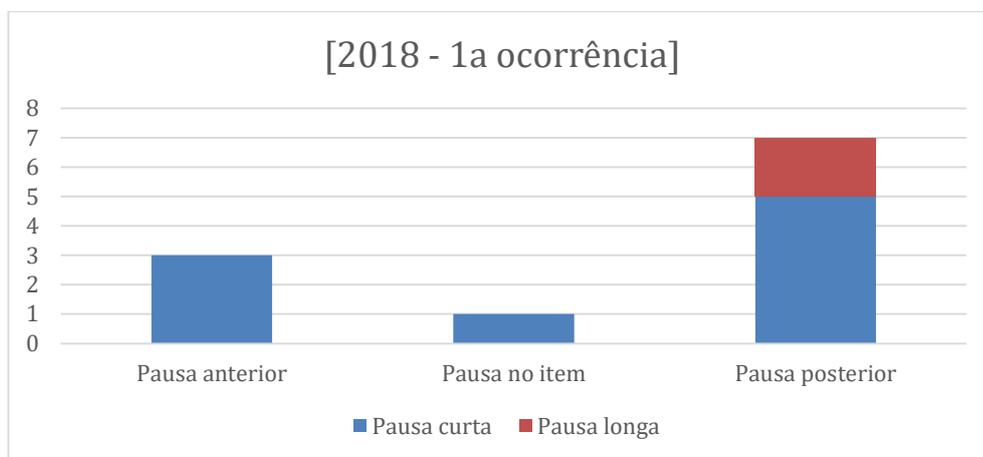


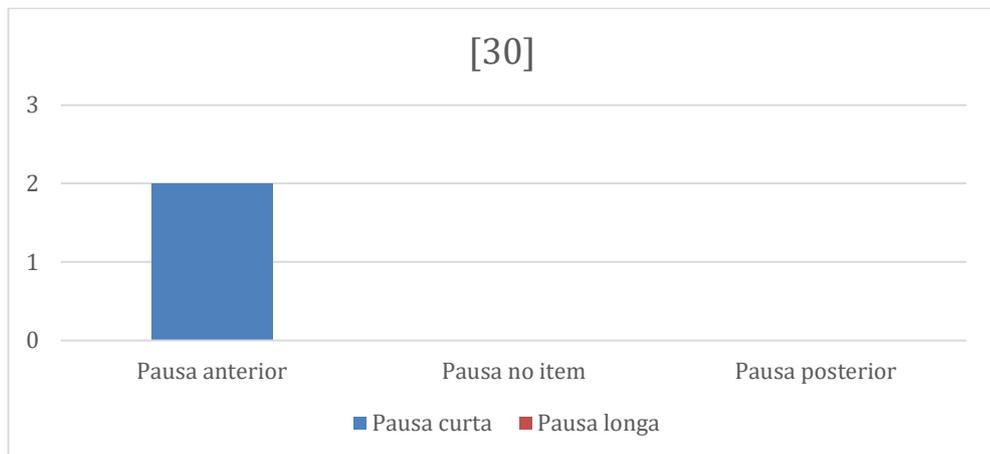
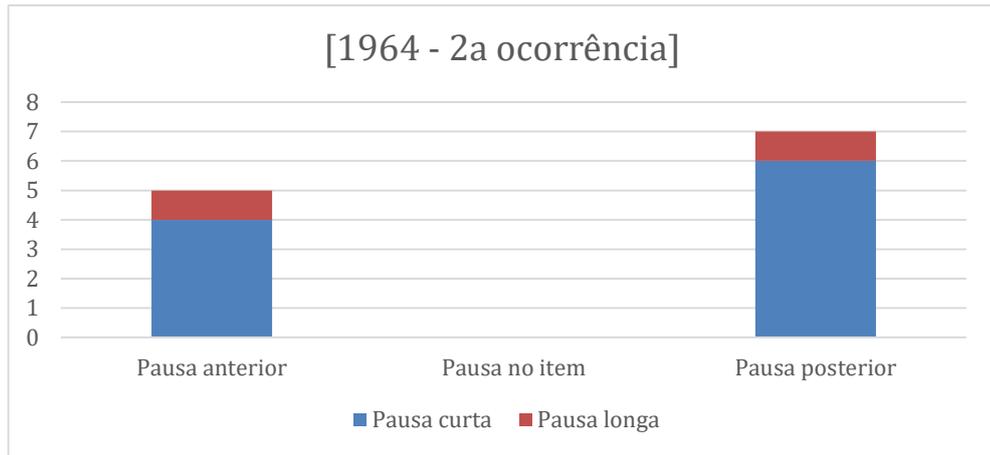




Anexo 3

DISTRIBUIÇÃO DAS PAUSAS POR ITEM – INFORMAÇÕES NUMÉRICAS





Anexo 4

DISTRIBUIÇÃO DOS PROLONGAMENTOS POR ITEM – INFORMAÇÕES NUMÉRICAS

